

A Defesa Nacional

3390

10 DE DEZEMBRO

1 9 4 2

NÚMERO

3 4 3

DIRETORES RESPONSÁVEIS:

Cel. Renato Batista Nunes

Cel. Orosimbo M. Pereira

Ten. Cel. Lima Figueirêdo

Ten. Cel. Djalma Dias Ribeiro

Maj. Batista Gonçalves

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXX

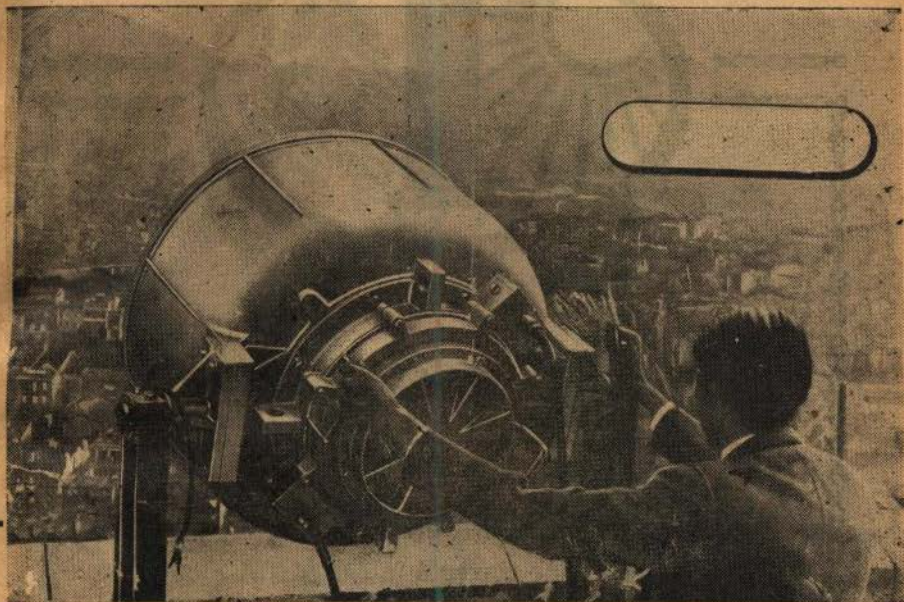
Brasil — Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1942

N.º 343

SUMÁRIO

	Pág.
Editorial	771
Mobilização selecionada — Cel. T. A. Araripe . . .	775
A luta dos carros e a organização da defesa contra engenhos couraçados, na ofensiva — Ten.-Cel. F. L. Brayner	789
A arma da China: A Sabedoria — Tradução — Vitor José Lima	799
Reaprovisionamento das G. U. moto-mecanizadas, no decurso das operações — Ten.-Cel. Alencar Lima	809
Reflexões sobre a Doutrina do emprego dos Carros de Combate — Major Olimpio Mourão Filho . .	817
Os adversários apressam-se para uma decisão antes do inverno — Tradução — Cel. J. B. Magalhães .	827
O adestramento do cavalo d'armas — Continuação — Cap. Hugo M. Bethlem	835
A D.I. Germânica — Tradução — Cel. J. B. Maga- lhães	850
O sistema legal de medidas — Major Alberto Ribeiro Paz	859
Livros do Exército — Cap. Umberto Peregrino . . .	873
DAQUÍ E DALÍ...	
“A Defesa Nacional” tem novo diretor	881
Medalha Visconde de Taunay	881
E' inaugurado na sede de “A Defesa” o retrato do sr. Norberto Roza	882
Vargas, o ditador pacífico — Arnaldo Gon- çalves Pires	882
Ciência e Arte da Guerra na História — Trad. — Cap. Luiz Alberto da Cunha	883
Carta do Major Francisco I. Schauman	888
Legislação	891

Em caso de alarme aéreo



Ouçá as recomendações oficiais que, com alto-falantes como o da gravura acima, de 1.000 watts de potência, abrangem áreas enormes com a maior eficiência e segurança.

Esse aparelho funciona ligado a um amplificador de som de 1.000 watts de potência, especialmente fabricado para avisos a grandes distâncias, e é o maior conhecido em todo o mundo em potência e qualidade.

PEÇAM CONSULTAS, SEM CONPROMISSO, A

Standard Electrica S. A.

End. Electr. "Microfone"

RIO DE JANEIRO
AV. ALMIRANTE BARROSO, 91
8.º andar — Salas 811 a 820
Telefones: 22-5093 a 22-5096
Caixa Postal 430

SÃO PAULO
RUA 7 DE ABRIL, 176-10.º and.
Telefone: 4-0132
Caixa Postal 1241



INDANTHREN

Tem-se applicado para tingir o BRIM VERDE
OLIVA, a triline cinzenta, a MESCLA e as LO-
NAS. para o uso do EXERCITO E MARINHA
Os corantes

INDANTHREN

— As cores dos tecidos tintos com —

INDANTHREN

Satisfazem plenamente as condições de solidez e
resistencia exigidas pelos Ministerios da Guerra e
— — — — — Marinha — — — — —

**EM TODOS
OS LARES...**

*...so'entram os
produtos garantidos da*

S.A. MOINHO SANTISTA
INDUSTRIAS GERAIS

"O Conceito do Milagre na Economia Política e a festa da SULACAP"

A passagem do décimo terceiro aniversário de fundação da "Sul América Capitalização S.A." terá festiva e simpática repercussão nos círculos financeiros e nas camadas populares da capital da república, e isso em virtude dos grandes benefícios que essa prestigiosa instituição de crédito tem espalhado por todo o país, concorrendo para crear no espirito do povo o hábito da economia tão necessário na época que atravessamos. Entre as festividades comemorativas do acontecimento, podemos destacar a sessão solene que a diretoria da "Sulacap" realizou no amplo auditório da Associação Brasileira de Imprensa, com a presença de ministros, altas autoridades, jornalistas e uma assistencia selecionada.

Essa brilhante solenidade teve a presidi-la, compondo a respectiva mesa, os representantes dos titulares das pastas da Fazenda e do Trabalho, o dr. Luis B. Paes Leme, conciente economista-patricio, dr. João Carlos Vital, presidente do Instituto de Resseguros, do diretor do Departamento de Seguros Privados e Capitalização, do inspetor da 4.^a Associação de Seguros, do Presidente da A.B.I. e do sr. João Picanço da Costa, diretor da entidade cuja data de fundação ali se festejava.

A parte mais importante dessa reunião consta de uma notavel conferencia proferida pelo dr. Luis Betim Paes Leme sobre o tema "O Conceito do Milagre na Economia Política". Ouvido com muito interesse pelo auditório o illustre conferencista discorreu com autoridade e proficiência solene o assunto escolhido, recebendo ao terminar prolongados aplausos.

E' oportuno dizer que a "Sulacap" teve duplo motivo para as aludidas comemorações: a data do seu 13.^o aniversário de fundação e a brilhante e expressiva vitória que alcançou nos tribunais brasileiros contra três únicos portadores de seus títulos, vitória que o público recebeu com jubilo.



EDITORIAL

A madrugada de 27 de novembro de 1935 foi diferente.

Um elemento dissolvente e exótico se havia derramado pela superfície do mundo inteiro e, como era natural, chegara, também, ao Brasil sua ação deletéria. O que se não concebia, entretanto, era sua infiltração no seio das classes armadas. Num meio austero como o nosso, no qual os dois pegões mestres são a disciplina e a camaradagem, onde o trabalho e o estudo são preocupações constantes, onde o espírito de colaboração deve ser cuidados de todos — chefes e subordinados — o comu-

nismo, precipitado tartárico e incompatível com a formação cristã do povo brasileiro, deveria encontrar um alude de obstáculos intransponíveis. Mas assim não sucedeu. Alguns companheiros nossos foram embalados no canto da sereia e, como que hipnotizados, não tiveram pejo de assassinar companheiros, utilizando processos indignos de uma criatura humana. Um levava um balaço no peito quando dormia, outro tombava no momento em que um amigo lhe mostrava uma revista, um terceiro sentia a cabeça estourar na ocasião mesma em que se acordava para cumprir o dever, com o sacrifício da própria vida, consoante havia solenemente jurado, quiçá, no mesmo dia e na mesma hora, ao lado do seu matador.

Vinte dois soldados do Brasil foram, criminosamente, sacrificados: uns, da maneira covarde, por elementos que agiram à sorrelfa fazendo de escudo a es-

curidão da noite tenebrosa; outros, gloriosamente, no campo da luta mostrando valor e energia.

Ainda de todo não se tinha apagado a lembrança do gesto selvagem e brutal dos comunistas de 1935, quando em 11 de maio de 1938 outra intentona de caráter nazi-fascista, rebenta, esta graças a Deus fora do Exército.

As doutrinas estapafúrdias geradas no velho continente estavam viajando para cá; e aqui encontrando adeptos tão fervorosos que não sentiam o braço tremer ao empunhar o punhal e a pistola, ao puxar o gatilho do fuzil, da metralhadora ou do canhão, para dar fim à vida de seu próprio irmão.

Veio o grande cataclisma, que há três anos sacode o globo. Fomos, em defesa da nossa honra ofendida, contra os países chamados do "eixo" e mais do que nunca — o integralismo, filho espúrio do nazismo e do

fascismo, merecem nosso decidido e enérgico combate. Todavia, os mortos de 1935 estavam entrando no rol dos esquecidos, seus nomes heróicos já eram citados apenas, como vítimas inglórias de um golpe mau do Destino...

A solenidade do cemitério de S. João Batista, a 27 de novembro último, foi uma clarinada de alerta no coração de todos os brasileiros, afirmando decididamente: o comunismo, assim como qualquer outro credo alienígena, não encontrará, no Brasil, clima para medrar e destruir, como plantas malignas, as flores mimosas adquiridas à sombra do madeiro bendito, da cruz de Jesus Cristo, em nossas plagas cravada há mais de quatro séculos!





MOBILIZAÇÃO SELECIONADA

Pelo Cel. T. A. ARARIPE

GENERALIDADES

Não faz muito tempo, abordamos em seu conjunto o problema de aproveitamento do pessoal nos exércitos modernos. (1) Focalizamos as grandes linhas desse aproveitamento com a constituição inicial e básica dos três grandes agrupamentos de recursos:

- recursos de combate — *organização militar propriamente dita;*
- recursos de produção de meios de combate — *organização industrial de guerra;*
- recursos asseguradores da vida civil da nação — *organização civil da nação.*

E' fora de dúvida que todos os cidadãos de uma Nação deverão ser repartidos pelos três agrupamentos, no *serviço obrigatório da segurança nacional*, consoante as aptidões e habilitações de cada um para as funções correspondentes.

Até a guerra 1914-18, a repartição do elemento humano era concebido e foi executado de forma empírica e sem nenhuma sistematização, pois que só interessava aos exércitos o problema de Mobilização Militar, pura e simples. Mas, pouco a pouco, durante essa hecatombe, foram-se impondo a Mobilização Industrial, a Mobilização Econômica e a Mobilização Geral ou Integral, com a utilização de todos os indivíduos em todas as atividades da vida da Nação, no sentido de cooperarem direta ou indiretamente na luta pela vitória.

(1) Exército selecionado ou milícia — Rev. "Cultura Política".
Maio, 1942.

Coube aos Estados Unidos da América do Norte a primazia de encarar o problema na sua verdadeira amplitude, quando em 1917 abraçaram a causa aliada e se dispuzeram a lutar a seu lado.

O Exército de mais de um milhão de homens, então organizado, o foi sob base racional de seleção e classificação, estabelecida pelo Committee on Classification of Personnel in the Army. Esse Comité, constituído de militares e civis especializados em Psicologia, condensou todos os seus empreendimentos no livro "Personnel System of the United States Army", publicado em 2 volumes em 1919. (2) A orientação seguida e as realizações alcançadas marcam um grande passo na solução do problema da classificação, seleção e distribuição do pessoal da Nação, afim de atender as necessidades da Guerra Integral.

Na Alemanha, o problema impoz-se ainda durante a guerra, mas ele só teve amplo desenvolvimento em face das necessidades de após guerra. O recrutamento para a Reichwehr já foi uma aplicação dos processos de seleção sob bases psicológicas. Data porém de 1926 a aplicação da Psicotecnia nas forças armadas da Alemanha. A seleção e orientação profissionais tomaram grande incremento na educação da juventude nacional-socialista, na organização do tratado e da indústria para aumentar a capacidade de produção e na constituição das forças armadas e do funcionalismo público. Em 1939 existiam 17 ou mais gabinetes de exame psicotécnicos no Exército, com cerca de 200 oficiais especializados em Psicologia, afora os serviços particulares das fábricas, da juventude hitleriana, da frente do trabalho, do serviço público, da Marinha e da Aeronáutica.

Na Inglaterra, a seleção e orientação profissionais tem sido a grande preocupação da indústria. Não sabemos de como tem sido elas encaradas nas forças armadas. Lá existem duas instituições, uma de origem governamental — o Departamento de Pesquisas da Fadiga Industrial e o Instituto Nacional de Psicologia Industrial, cujos iniciadores foram homens de negócios. (3)

Entre nós e no atual momento, o problema de seleção dos recursos humanos, de sua classificação segundo a aptidão e habilitação e

(2) The Personal System of the United States Army. — Washington, D. C., 1919.

(3) H. Wallon — "Princípios de Psicologia Aplicada" S. Paulo 1935.

de sua distribuição segundo a melhor utilização em benefício da *segurança nacional* precisa ser encarado e solucionado racionalmente, em face de circunstâncias inteiramente novas para nós.

Não nos basta aplicar a Lei e o Regulamento do Serviço Militar, concebidos segundo aspecto inteiramente restrito e unilateral, na aplicação mecânica de alistamento e convocação e incorporação de reservistas. Em presença de inumeráveis necessidades da vida nacional integral, torna-se preciso evoluir de chofre para a satisfação total dessas necessidades, militares, de produção de guerra, de manutenção da vida civil, todas elas se ombreando no mesmo pé de indispensabilidade.

Se até aqui já se impunha emprestar ao Alistamento e ao Recrutamento importância capital, modificar os seus métodos de atuação, proporcionar-lhes meios de execução dos mais aperfeiçoados e dotá-los de pessoal especializado e capaz, hoje devemos fazer, nessa fase de organização, esforço sério no sentido da mobilização racional e selecionada.

E' problema que interessa aliás, não só às forças armadas, como também à organização econômica e industrial e à administração pública.

NOÇÕES DE PSICOTECNIA (4)

Os problemas de investigação ou de verificação de aptidão para determinada atividade ou função são hoje orientados pela *Psicotenia*. Se a investigação psicotecnica parte do homem, de suas inclinações, das disposições e de suas possibilidades sociais para várias funções e busca-se determinar as funções mais adequadas às suas faculdades naturais, tem-se o problema conhecido da *Orientação profissional*. Se parte de uma função ou atividade e busca-se o homem mais adequado à mesma, faz-se a *Seleção profissional*.

Dois problemas que, embora empreguem processos parcialmente semelhantes, se orientam para pontos de vista opostos.

De qualquer forma, é preciso determinar:

(4) Os autores distinguem a *Psicotecnica* da *Psicologia Aplicada*. Aquela é o emprego da Psicologia, em problemas práticos, para obter modificações na vida do homem e da sociedade. A Psicologia Aplicada é a utilização dos conhecimentos psicológicos com fins puramente teóricos para esclarecer os fenômenos humanos ou sociais.

- para cada indivíduo, as características físicas, mentais e psicológicas, tais como o vigor, a vivacidade mental, a perícia, o treinamento anterior, os conhecimentos, o interesse, o temperamento, o espírito de invenção, a imaginação, a capacidade de ação, etc., no que interessa às diferentes funções e atividades profissionais;
- para cada função e atividade, os requisitos de ordem física, mental e psicológica que os indivíduos devem satisfazer para nela alcançar o melhor rendimento.

Por isso é quando se trata de funções complexas, como é o caso mais geral, as necessidades de seleção exigem o estudo do indivíduo na totalidade de seus predicados e fazem com que se entrelacem a seleção e a orientação profissionais.

A função ou atividade representa o ponto de partida da investigação psicotécnica e o investigador observa de preferência as características e ações do indivíduo no exercício da referida função ou atividade. Compara o que observa com os atributos psicológicos e chega assim a estabelecer uma imagem ou um quadro psicológico da função ou atividade. Essa imagem pode ser mais ou menos completa e perfeita e vai então sofrer o confronto com a experiência e observação dos casos concretos. Ao mesmo tempo, liga-se essa imagem aos métodos de exame e da comprovação desses métodos resultará a comprovação da imagem estabelecida.

Essa comprovação dos métodos de exame efetua-se, principalmente, mediante a comparação dos resultados dos exames com os juízos críticos da observação direta dos resultados que o indivíduo examinado apresentar no exercício real da função.

MÉTODOS PSICOTÉCNICOS

Por maior necessidades que haja de utilizar, em vista da orientação ou da seleção profissionais, todos os processos de inquérito ou de investigação capazes de determinar os predicados do indivíduo, os testes, sob diferentes formas, são o instrumento fundamental para indicar e avaliar as aptidões.

Mas a sua aplicação conduz a dois métodos possíveis — um chamado *sintético* ou global, analogo ou de imitação e o outro conhecido como método *analítico*.

O método sintético consiste em submeter o examinando a provas que reproduzem com a mais exata fidelidade o essencial do trabalho a realizar. O analítico decompõe o trabalho em seus elementos funcionais e verifica isoladamente o nível de cada elemento. Aquele diz respeito mais à seleção ao passo que o segundo se inclina para a orientação profissional.

Devemos assinalar, desde já, que os testes sintéticos ou analogos são preferíveis porque, não vizam uma aptidão fragmentária e abstrata, mas o indivíduo na sua totalidade essencial. Eles apresentam, porém, dificuldades de execução: reprodução de situação real, medida exata das reações obtidas, necessidade do treinamento ou conhecimento anterior, etc.

Como exemplo de artifícios podemos citar as provas para selecionar chofér e motorneiro, usadas respectivamente por Lahy, Stern e Minsterberg, empregando filmes, quadros e luzes que dão ao examinando a impressão de situações reais e que provocam reações registradas em gráficos. (5) O mesmo acontece com o processo adotado por Koonfeld para selecionar o piloto aviador. Este é colocado atrás de um "visor" (pequena câmara escura guarnecida interiormente por um espelho inclinado de 45°). Sobre um cilindro giratório desfila um panorama e o examinando deve reagir, como se tomasse uma vista fotográfica, desde que certos pormenores passem diante da linha media do "visor". Ao mesmo tempo, acendem-se lâmpadas de cores diferentes, que representam explosões de granadas, e que devem provocar reações apropriadas, reação única para a luz branca, dupla para a verde, triplice para a vermelha. Outras reações devem responder às variações de um ruído que representa o do motor, etc. Trata-se, aí, prosseguindo uma tarefa principal, de estar sempre pronto para tarefas ocasionais e imprevistas.

Tambem os testes analíticos apresentam sérias dificuldades. As aptidões necessárias ao exercício de determinada profissão são expressas

(5) Na 5.ª Divisão da Estrada de Ferro Sorocabana e nas escolas profissionais dessa rede e da Paraná-S. Catarina empregam-se algumas dessas provas no exame psicotécnico.

por elementos como, por exemplo, a atenção, a imaginação, a vivacidade, os quais podem abranger atividades ou atitudes mentais diversas. Esses elementos são, muitas vezes, relacionados a determinados testes, que entretanto só correspondem a certos ângulos do fenômeno psíquico-fisiológico.

Assim, a falta de um conhecimento dos elementos ou funções psico-fisiológicas torna a escolha dos testes difícil e fortuita. Por isso, os métodos de exames, embora tendendo para uma metodização racional, ainda constituem verdadeiras experiências, que devem ser comprovadas, como dissemos, pela observação direta dos resultados.

RECRUTAMENTO DO PESSOAL NO EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS EM 1918 (6)

Junto a cada comando havia sempre um órgão ou departamento encarregado do pessoal na sua seleção, distribuição e vida. A sua constituição e finalidade variavam com o organismo junto a que funcionavam. Eram complexos nos acampamentos-depósitos de brigada e muito reduzido na divisão e no regimento (um ou dois oficiais, dois sargentos e alguns soldados).

Vamos considerar primeiramente o órgão do acampamento-depósito de brigada, cujas atividades serviam de base aos outros órgãos menores.

Finalidade — Cabe ao órgão do depósito receber o civil material-bisnho-dos órgãos de recrutamento e conscrição e o transformarem em material militar, separando-o ou classificando-o de acordo com ordens prévias ou conservando-o no depósito a espera de requisição.

Os órgãos das Divisões, do Estado Maior e Departamento são intermediários que recebem e requisitam os homens em massa e os encaminham aos destinos.

Os órgãos dos regimentos especificam as suas necessidades, por intermédio dos órgãos das Divisões ou dos Estados Maiores e asseguram o reforço de homens para preencher os claros das companhias ou organismo equivalente, que é o maior consumidor do pessoal.

(6) Segundo "The Personnel System of the United States Army", já citado.

Um órgão central em Washington reúne as informações sobre o contingente de homens disponíveis de várias naturezas, confronta esse contingente com as requisições e dá ordem para distribuição pelos diferentes consumidores. É interessante observar que o texto americano liga sempre essa organização ao sistema industrial e comercial.

CONSTITUIÇÃO DO ORGÃO DE ACAMPAMENTO COM DEPÓSITO DE BRIGADA

Esse órgão compreendia 9 oficiais e 240 homens, dos quais a metade era de graduados, sem contar o serviço médico e o de fardamento que, embora anexos eram independentes desse órgão.

O órgão compreendia 12 secções assim designadas:

- 1) de inscrição inicial (receiving);
- 2) de interrogatório de qualificação (interviewing);
- 3) de teste oral de profissão ou ofício (oral trade test);
- 4) de teste de aplicação de profissão ou ofício (performance trade test);
- 5) de distribuição (assignment);
- 6) de seguro (insurance);
- 7) de registro (muster);
- 8) de verificação (accounting);
- 9) de informação (information);
- 10) de reunião da documentação (assembling);
- 11) de isenção (discharge);
- 12) de transporte (shipping).

A Secção de inscrição inicial ou de recepção tinha o encargo de receber os homens chegados, de confrontar os papeis remetidos pelas juntas regionais, tomando cuidado especial para a correção do nome e filiação; de elaborar as relações dos homens recebidos e de distribuir pelos alojamentos temporários, estes de acordo com as ordens do acampamento.

A secção de interrogatório registrava os dados relativos a ocupação e a qualificação de cada homem, interrogando-os segundo regras

bem fixadas e tendo em vista o "Índice de Ocupações" e as "Especificações de ofício ou aptidão".

A Secção de teste oral de profissão ou ofício, por provas orais e gráficas, procurava determinar a habilidade do homem nas ocupações acusadas por ele e, que interessam ao Exército.

A Secção de teste de aplicação de profissão ou ofício procurava submeter o homem a provas práticas de capacidade na profissão ou ofício desejado ou indicado.

A Secção de distribuição encarregava-se de classificar as fichas dos homens nos grupos correspondentes às necessidades do Exército, elaborando também os mapas e relatórios semanais, da situação do Depósito.

A Secção de Seguros cuidava do seguro de todos os homens contra os riscos de guerra e outras garantias.

A Secção de registro fazia o registro do soldado alistado, preparava a ficha de designação, designava os homens para as unidades do Depósito e também preparava a ficha da Secção de Informação.

A Secção de verificação verificava a documentação vinda das juntas regionais, separando-as conforme os homens fossem aceitos ou recusados, informando as juntas regionais e o comandante da policia geral para as respectivas providências. Pede esclarecimentos no caso de dados incompletos.

A Secção de reunião reunia toda a documentação dos homens e a numerava para o conveniente fichamento geral.

A Secção de isenção preparava os papeis dos homens recusados e a sua exclusão.

A Secção de transporte cuidava do transporte dos homens para outros acampamentos, etc.

Havia ainda a tarefa do Serviço de Saude nos exames médicos e do Serviço de Intendência para o fardamento e alimentação.

A repartição do pessoal na Divisão, correspondente a nossa 1.^a secção de E. M., recebia o pessoal dos Depósito e outras fontes, revia as fichas, distribuia os homens, mantinha em dias as fichas, prestava atenção às necessidades da Divisão, bem como de sua situação em pessoal e providenciava para o repletamento.

No Regimento esse órgão tinha funções análogas.

Os homens, oficiais e sargentos, que constituíam as repartições do pessoal, eram recrutados segundo requisitos expressos; como, por exemplo: aparência geral que impressionasse bem; energia; vivacidade; precisão; inteligência, confiança em si mesmo; iniciativa; decisão; tato; habilidade em dirigir os homens; boa índole; habilidade na cooperação; generosidade; capacidade; presteza em assumir responsabilidades; habilidade em tratar com os superiores; diligência; discernimento; facilidade de planejar; habilidade para ensinar; capacidade organizadora; capacidade de trabalho em minúcias; habilidade para avaliar as aptidões; conhecimento do pessoal.

Muitos desses requisitos eram adquiridos em cursos apropriados.

MÉTODO GERAL DO EXAME PSICOLÓGICO

O exame psicológico de cada homem destinava-se a apreciar a sua capacidade intelectual. As qualidades, tais como honestidade, capacidade de comando, habilidade em determinadas espécies de trabalho, treinamento educacional e outras, não eram apreciadas no exame psicológico, a menos que elas resultassem de faculdades intelectuais fundamentais. Entretanto, a apreciação da inteligência feita pelo examinador psicológico podia ser utilizada meramente como um dos elementos, aliás importante, para determinar o posto em que o homem deva ser aproveitado para melhor produzir.

Os testes mentais foram instituídos no Exército dos Estados Unidos em 1918, sob a direção da Divisão de Psicologia e do Departamento Médico. Eles permitiram obter uma classificação dos homens, imediata e razoavelmente segura tomando como base a "*inteligência comum*".

A sua finalidade específica consistia:

- 1) em descobrir os homens cujo grau de inteligência superior os indicava à promoção;
- 2) na seleção e designação dos homens de mentalidade fraca para os batalhões especiais de treinamento (development battalions);
- 3) em organizar grupamentos de vigor mental uniforme quando for desejável essa uniformidade;
- 4) em organizar grupamentos de vigor mental superior quando for exigida essa superioridade para dada natureza de trabalho;

5) em selecionar homens apropriados a funções especiais no Exército ou para aprendizado em escolas técnicas ou fábricas;

6) na formação antecipada de grupos de treinamento dentro da sub-unidade, de maneira que cada homem possa receber a instrução de acordo com a capacidade de tirar proveito disso;

7) no exame prévio dos retardados que podem ser confundidos com os teimosos ou com os de caráter desobediente;

8) em eliminar do Exército os homens cujo baixo grau de inteligência faz deles um trambolho ou uma ameaça ao serviço.

Foram usados três sistemas de testes:

- o *alfa* — para os homens que sabiam ler e falar o inglês;
- o *beta* — para os analfabetos e os que não falavam o inglês;
- e o *individual*, que é apresentado sob três formas (Escala de Yerkes, Stanford e Binet, e de execução).

Essa medida dada pelos testes permite dar uma idéia razoável da facilidade para aprender, para pensar com rapidez e correção, para analisar uma situação, para manter um estado mental de alerta e para compreender e acompanhar as instruções. Os homens recebiam graus, caracterizados por letras, *A* a *E*, conforme o maior ou menor grau de inteligência.

São por demais conhecidos os testes de inteligência americanos para que nos demorem sobre os mesmos.

As comprovações feitas mediante largo tirocínio na tropa confirmaram a vantagem da avaliação da inteligência na indicação prática do valor militar.

A grande número de corpos foi pedido que indicassem: os homens mais eficientes no regimento, os homens de valor médio e os homens com pequenas possibilidades para realizar suas missões.

Foram observados 965 homens, repartidos equitativamente por bons, médios e fracos, e verificou-se que: a proporção dos bons era duas vezes maior do que a dos fracos; dos homens classificados nos testes abaixo da letra *C* 70 % foram classificados como fracos e somente 4,4 %, como bons; dos homens que pelos testes ficaram nas letras acima de *C* 15 % dados como fracos e 55,5 % foram dados como bons, etc. O quadro abaixo dá a correspondência da classificação pelos testes com a obtida através da observação na tropa:

	> D	D	> C	C	< C	B	A
Nº. total . . .	29	60	121	231	229	191	104
Bons	—	6,7%	19%	26%	39,3%	53,4%	57,7%
Fracos	79,3%	65%	57,9%	31,2%	24,9%	16,7%	11,5%

Essa comparação é significativa desde que se considere que a aptidão militar não depende apenas da inteligência.

É muito interessante analisar o quadro das necessidades funcionais em uma Companhia de Fuzileiros e no Regimento de Infantaria Americano, organizado em 1918, depois das observações colhidas com a tropa empenhada na França nessa época.

A designação dos especialistas para as unidades incluía aqueles que vão desempenhar no Exército tarefas que são similares às suas ocupações civis e também os que exercerão funções que se aproximam de suas ocupações mediante ligeiro aprendizado.

QUADRO DAS NECESSIDADES FUNCIONAIS

COMPANHIA DE FUZILEIROS

Organização Militar	FUNÇÕES CIVIS		
	Operário	Aprendiz	Ocupações
1.º Sargento qcm. 1 sarg. do rancho 1 sarg. intend. . .	1 1		Negociante de gêneros. Comerciante ou gerente de armazem.
12 sgts. sendo: 4 adjuntos dos comandantes de pelotão qcm. 4 fuzileiros qcm. . 4 atiradores de fuzil automático qcm.			

Organização Militar	FUNÇÕES CIVIS		
	Operario	Aprendiz	Ocupações
33 cabos, sendo: 1 amanuense . . .	1		Empregado de escritório e dactilógrafo.
8 atiradores de fuzil automáti- co qcm.			
8 granadeiros qcm.			
8 granadeiros de fuzil qcm.			
8 fuzileiros qcm.			
4 cozinheiros . . .	4		Cozinheiros, convindo que um seja padeiro e um açougueiro.
4 artífices. . . .	1		Carpinteiro.
		1	Armeiro.
		2	Mecânicos.
2 corneteiros. . .		2	Corneteiros ou músicos.
64 soldados de 1. ^a classe, sendo: 4 sinaleiros obser- vadores		2	Telegrafistas.
		2	Telefonistas.
16 atiradores de fuzil automático			
128 soldados, sendo: 16 suplementares .	1	1	Barbeiro.
		1	Açougueiro.
		2	Carpinteiros.
	1	1	Empregados de escritório.
	1	4	Intérprete.
	1	1	Alfaiates.
		2	Dactilógrafos.
	12	21	33 funções especializadas.
			45 outras, com qualidades de co- mando.
			172 não especificadas.
Total.			250 Total.

As tabelas que apresentamos deixam ver que os homens não podem ser classificados apenas por sua ocupação. Torna-se preciso considerar outros fatores, tais como o aspecto físico, o intelectual, a educação e a aptidão para o comando.

QUADRO DAS NECESSIDADES FUNCIONAIS NO REGI- MENTO DE INFANTARIA

Agrupamento principal: A maior parte das ocupações civis que aproximadamente correspondam às qualificações indicadas pelos quadros de organização.

	E. M.		Cia. Extra		Cia. Fuz.		Cia. Mtr.		Regimento	
	Operário	Aprendiz	Operário	Aprendiz	Operário	Aprendiz	Operário	Aprendiz	Operário	Aprendiz
Músicos	28	20							28	20
Barbeiros		2								2
Engraxate			1				1		2	
Corneteiro						2		2		26
Carpinteiro	2	6	1		1				15	6
Negociante de gê- neros	1		1		1		1		15	
Motorista	1								1	
Químico farmác. . .	1								1	
Empreg. de esc.- estenógrafo	4								4	
Empreg. de escr. e dactilógrafo . . .	6	2	1		1		1		20	2
Sapateiro		3							3	
Mestre de obras . .	2	1							2	1
Cozinheiro	2		7		4		3		64	
Eletricista e tele- grafista	3	5					1		4	5
Alveitar e tratador de cavalos	1		1				1		3	
Armeiro						1				12
Equitador	3	11							3	11
Ferrador	1		3	2			1		5	2
Intérprete francês .	2								2	
Intérprete alemão .	1								1	
Investigador	1								1	
Lavador		26								26
Guarda de linha telegráfica	1								1	
Cartógrafo								1		1
Pedreiro		2								2
Mecânico	2	2				2	3		5	26
Comerciante ou gerente de ar- mazem	1		7		1		1		21	
Cavouqueiro - mi- neiro	3	14							3	14

	E. M.		Cia. Extra		Cia. Fuz.		Cia. Mtr.		Regimento	
	Operário	Aprendiz	Operário	Aprendiz	Operário	Aprendiz	Operário	Aprendiz	Operário	Aprendiz
Mestre mineiro-capa- pataz	2	2							2	2
Sapador lenhador .		1								1
Sapador de outras classes		11								11
Motociclista . . .	2								2	
Funcionário postal	1	3							1	3
Seleiro		1	1	1			1		1	3
Condutor de ani- mais	2	8	44	46			1		46	54
Telefonista . . .	7					2			7	25
Telegrafista . . .						2				24
Guarda de trânsi- to-polícia . . .	1	2					1	3	2	5
Garçon-criado . .			4						4	
Total do grupo principal . . .	85	119	74	49	8	9	14	8	269	284
Grupo secundá- rio	1	31	7	14	4	12	3	7	54	196
Funções especiali- zadas	236		144		33		32		808	
Funções de coman- do-direto . . .	15		3		45		22		580	
Funções não espe- cificadas . . .	84		9		172		118		2275	
Total	335		156		250		172		3663	

Os relatórios publicados em 1919 insistiram na vantagem dessa seleção e distribuição que permitiram aproveitar a experiência do soldado adquirida no meio civil; dedicar-se maior tempo à formação militar do recruta; interessar o homem na tarefa com que já está habituado; atender de maneira equitativa, as necessidades das armas, corpos, serviços, indústrias e necessidades do serviço público conforme assinalam.

Trataremos depois dos processos usados no recrutamento da Reichswehr, quando visava ter com os 100.000 homens, que lhe impunha o Tratado de Versalhes, 100.000 oficiais e sargentos, bem como os processos de seleção dos candidatos a oficial nos Exércitos americano e alemão, para daí tirar algumas conclusões em nosso proveito.

A LUTA DOS CARROS e a organização da Defesa contra Engenhos Couraçados, na ofensiva

Pelo Ten. Cel. F. L. BRAYNER

I — UMA ADVERTÊNCIA

As nossas preocupações máximas, no que se refere à evolução dos processos de Combate, na presente Guerra, estão todas voltadas para o surpreendente desenvolvimento que tomou a luta dos engenhos couraçados em todas as frentes de batalha. Esboçada, pode-se dizer em 1917-1918, a ação dos engenhos blindados, precipitou o fim da guerra e, no dizer de Ludendorff, a derrota dos Impérios Centrais decorreu principalmente da superioridade esmagadora que possuíam os aliados (cerca de 6.000 carros contra 50 dos alemães).

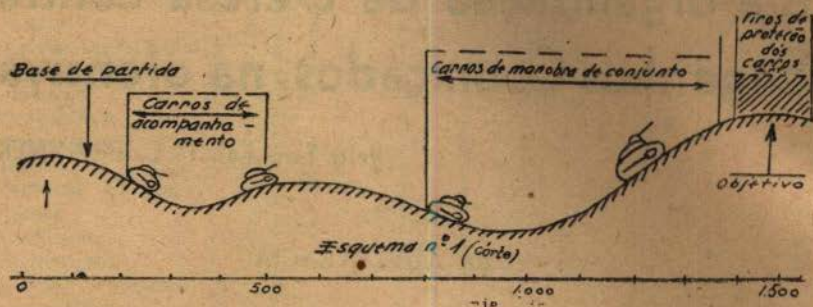
Se o motivo do seu aparecimento foi, principalmente, oriundo da necessidade de levar os projéteis de pequeno calibre ao âmago dos ninhos em que se entocavam os adversários, na presente guerra essa finalidade se ampliou e se caracterizou definitivamente pela necessidade de proteger contra a destuição prematura, o mais precioso instrumento de guerra — o homem, — prolongando a sua ação raciocinada o maior tempo possível, na mais fecunda das suas atividades de guerra: — a *ofensiva*.

O *engenho couraçado* é, antes de tudo, uma arma essencialmente da ofensiva. E nem foi ideado para outro fim.

Dentro da idéia de proteção máxima do combatente, a *ação defensiva* retira da aliança com o terreno organizado, a preservação que se procura. Na *ofensiva*, porem, o dinamismo do combatente é uma condição de êxito. Se o ataque é o fogo que avança: — escalão de ataque

e bases de fogo, — é preciso assegurar ao primeiro, as garantias para atingir os objetivos prefixados.

Raciocinando assim, chegamos a abandonar o combate linear dos carros para firmar a *ação em superfície*.



Isto significa dizer que a Infantaria, disposta de Carros rápidos para a cooperação no combate, tem que dar outra feição a sua ação.

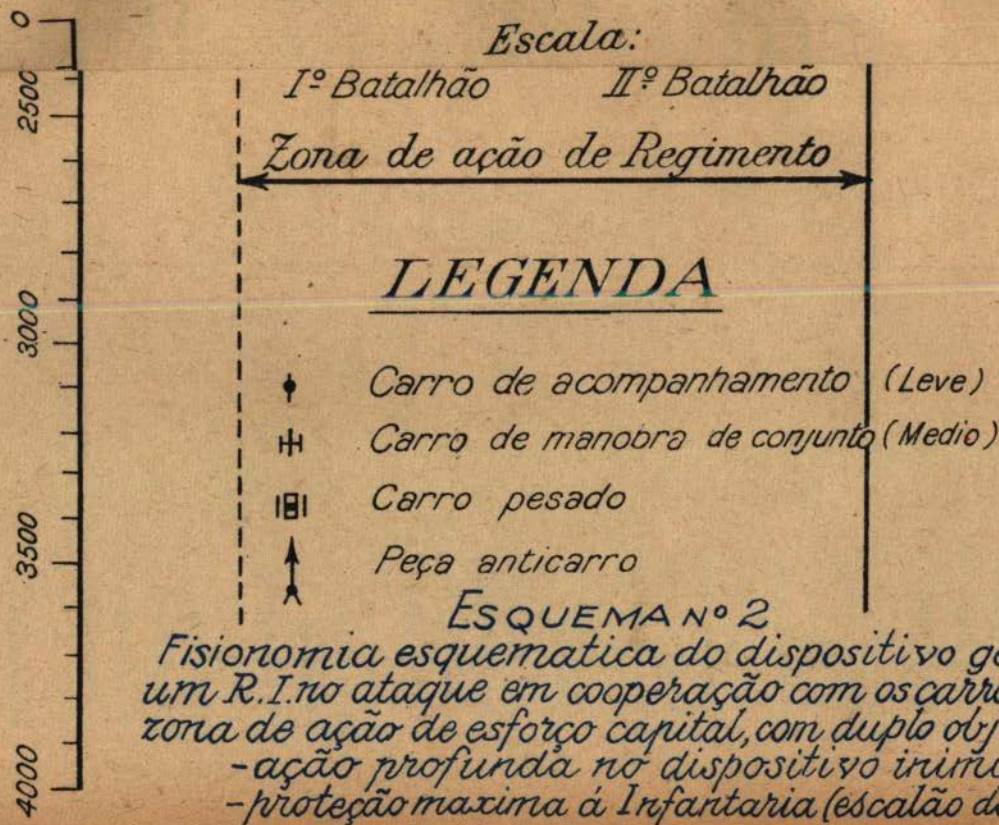
Os carros, com uma velocidade de combate da ordem de 12 km horários, não podem ficar estreitamente ligados ao deslocamento forçosamente lento da Infantaria. Teremos, assim, um sistema ternário: — Infantaria-Carros-Artilharia, que vem substituir a rigidez problemática do antigo binário — Infantaria-Artilharia.

A manobra torna-se evidentemente mais complexa, dentro da idéia de cooperação. Em compensação, a Infantaria aufere maior proteção para os seus combatentes, numa faixa de terreno (superfície) de ordem de 1.000 a 1.500 metros de profundidade, dentro da qual trabalharão os carros — manobra de conjunto e acompanhamento (ver esquema n. 1).

Como regular esse mecanismo no tempo e no espaço?

Tomemos a hora H por base para o desembocar dos carros de manobra de conjunto (médios), protegidos pelos tiros da Artilharia aplicados sobre o objetivo a abordar no limite de grande compartimento, sistema esse completado por tiros de varrer na contra-vertente do objetivo.

ESQUEMA DO DISPOSITIVO GERAL DOS CARROS NUMA FRENTE DE R.I.



Os carros, articulados em profundidade, avançam sem combater, dependendo muito a sua velocidade, do terreno; em média será da ordem de 200 metros por minuto ou 12 km./h. Na profundidade indicada no esquema, dentro de 10 minutos os carros terão abordado o objetivo, isto é, a $H + 10'$ estarão em condições de iniciar a sua neutralização, até a chegada da Infantaria.

Esta, precedida de seus carros de acompanhamento (leves), desemboca da base de partida a $H + 10'$, justamente quando os carros de manobra de conjunto atingem o seu terreno de trabalho e agem, por neutralização, sobre as organizações inimigas.

Após ter realizado a limpeza do terreno sob a proteção dos carros de acompanhamento, a Infantaria vem se juntar aos de manobra de conjunto e realiza a ocupação de objetivo a $H + 55'$ aproximadamente, numa velocidade de 100 metros em três minutos.

Evidentemente, se a profundidade do terreno for muito pequena para justificar vários escalões de carros, não serão empregados os de manobra de conjunto. Os modernos carros de acompanhamento são suficientes.

Podem preceder a Infantaria até 400 ou 500 metros e satisfazer todas as missões dentro dos limites do pequeno compartimento.

No primeiro caso (compartimento de grande profundidade), os carros de acompanhamento não ultrapassam os de manobra de conjunto; atingindo o objetivo todos se reagrupam, prontos para partir novamente.

A Artilharia trabalha, portanto, sucessivamente: em proveito dos carros, quando estes se lançam para a frente, e em proveito da Infantaria, quando ela atinge seu objetivo, resultando daí uma questão de comando e de ligação, que merece ser estudada à parte.

Temos, assim, desenrolado uma fase da ação dos carros, cooperando com as outras armas (ataque). Antes, porém, de chegar a ela, transcorre a tomada de contacto, durante a qual a interferência eventual de engenhos blindados não passa de ações locais sem aspectos de massa e de continuidade.

Conhecida que seja, a marcha da ação blindada, impõe-se analisar o reverso da medalha, isto é, como proteger os combatentes no curso de uma ofensiva, de modo a não se verem repentinamente tomados de sur-

presa e destroçados antes de terem desempenhado as missões que lhes estavam reservadas.

II — COMO PROTEGER OS ESCALÕES QUE PROGRIDEM, CONTRA A AÇÃO DOS ENGENHOS COURAÇADOS?

Reeordemos, antes do mais, os aspectos característicos de uma *defensiva estática*. Sabemos que em tal situação os obstáculos e os pontos de apoio naturais constituem principais preocupações. Podemos ir mais longe nesta afirmativa, garantindo que toda tropa sob a ameaça de um ataque de engenhos blindados, seu escalão de combate deve imediatamente se agarrar aos pontos de apoio naturais e regular seus lances por eles.

As *armas de defesa* são empregadas, sejam *fixas*, sejam *móveis*, para assegurar a *inviolabilidade* desses pontos de apoio ou apoiar a progressão dos escalões de combate, de ponto de apoio natural em ponto de apoio natural.

E' o próprio mecanismo de uma progressão, a que já estamos acostumados. Entretanto, na falta desses pontos de apoio naturais ou no caso de serem os mesmos muito afastados uns dos outros, adotar-se-á uma disposição para as armas de defesa, de maneira a constituírem a *ossatura de defesa fixa*, com o aspecto de verdadeiros *fortins locais*, para garantir a posse do terreno conquistado, concorrendo ao mesmo tempo para limitar qualquer retrocesso possível dos escalões de combate, no curso da progressão. Isto é o mesmo que dizer: — uma verdadeira *base sumária de fogos anti-carros* apoia a progressão da Infantaria, no deslocamento entre dois pontos de apoio naturais, em condições de acolhê-la, no caso de ser recalcada.

Essa *defesa fixa* é completada pela *defesa movel* assegurada pelas *armas leves* que acompanham a tropa, constituindo sua proteção imediata. Quanto às armas pesadas destinadas também à defesa movel, passam a constituir meios reservados na mão do Chefe, para fazer face aos imprevistos.

Encaremos agora, sob essa consideração do desenvolvimento da progressão, as medidas de defesa na fase preliminar da batalha (aproximação e tomada de contacto) e no próprio transcurso da batalha.

III — DEFESA DAS TROPAS CONTRA OS ENGENHOS COURADOS, DURANTE A MARCHA DE APROXIMAÇÃO E TOMADA DE CONTACTO

Quais os engenhos blindados, nessa fase das operações, que podem ameaçar as tropas que progredem?

Certamente ainda não há margem para uma ação poderosa de engenhos pesados, embora não se possa excluí-la de todo. Serão, principalmente A. M. R. e A. M. C. (auto-metr. de rec. e de comb.), veículos geralmente bem armados, mas fracamente blindados, embora muito numerosos.

A experiência tem demonstrado que a ação desses carros leves é particularmente enervante, quando se exerce frontalmente. Muitas vezes eles conseguem se infiltrar entre elementos de segurança das colunas, e agir contra os escalões de combate das vanguardas ou mesmo atingir de surpresa os primeiros elementos dos grossos.

Essas considerações nos dão desde logo a impressão de que uma Grande Unidade como a D. I., no curso de uma *marcha de aproximação* só pode se conservar realmente segura na execução dos seus lanços, se a segurança for proporcionada por intermédio de destacamentos de proteção, lançados suficientemente longe para que possam constituir, à frente da D. I., *cortinas sucessivas*. É a noção bem nítida da *segurança ajustada* que se retoma neste momento, pela necessidade de conservar a Grande Unidade íntegra para as ações finais, uma vez que os engenhos blindados empregados nas missões de reconhecimento e combate podem desenvolver velocidade da ordem de 40 a 50 km-hora.

Como resolver tão angustiosa necessidade?

Parece que, dentro mesmo da doutrina, o mais racional é criar, bem longe, um anteparo suficientemente movel, tendo por base *Cavalaria* e *armas anti-carros* em forte proporção. Lançada a uma centena ou mais de quilômetros à frente da D. I., esse órgão de segurança se instalará sobre os *cortes naturais* que permitem uma resistência maior.

Evidentemente, esses destacamentos afastados não bastariam para que a D. I. renunciasse à sua *segurança aproximada*, verdadeiro complemento da primeira.

Mas, se esse é o papel normal das *Vanguardas*, estas já não podem mais guardar, em relação aos grossos, as distâncias que os protegiam apenas contra os tiros, isto é, as *Vanguardas* já não podem operar tão próximas dos grossos e, talvez, mesmo tenham de modificar a sua constituição.

De que necessitam as Vanguardas para cumprirem a missão?

Maior mobilidade e potência, principalmente anti-carros.

Assim, teríamos as *Vanguardas* constituídas pelo R.C.D. reforçado por elementos de Infantaria e mesmo de Artilharia, fortemente dotados de armas anti-carros e conduzindo a sua ação com relativa facilidade contra os engenhos mecânicos adversários. Se a disponibilidade em carros for suficiente, pode-se igualmente atribuir elementos de carros a essas *Vanguardas*, com a possibilidade de atuar contra os engenhos inimigos do mesmo gênero.

Essas *Vanguardas*, evidentemente poderosas, se deslocarão, de corte em corte do terreno, a uma distância de 20 a 25 quilômetros dos grossos. É quando o terreno não apresentar esses cortes, a preferência recairá sobre linhas balisadas por pontos de apoio naturais, constituídos principalmente por bosques e localidades.

E' verdade que, nos teatros de operações da América do Sul, os bosques e, principalmente, as localidades não têm o aspecto de congêneres europeus. Muito distantes, umas das outras, dificilmente uma determinada linha a atingir pelas *Vanguardas* de uma D.I., poderá englobar mais de uma localidade. Contudo, é essa a idéia predominante.

Encontramo-nos, portanto, em plena evolução da noção de *segurança tática*, mesmo sem levar em consideração as primeiras observações colhidas na presente guerra.

Os últimos tipos de engenhos blindados, potentes, velozes e bem protegidos, estão a impor ao Comando, uma busca de informações e a cobrir-se *bem mais longe*. A marcha por lances, ainda constitui a regra; entretanto, sua amplitude e traçado, estão sujeitos a modificações profundas.

Não resta dúvida que uma *segurança imediata* das colunas também se impõe. Ora, tudo isto representa um aparelho de proteção de grande vulto e custoso.

É necessário pensar, então, numa solução econômica, tal como a preconizada na Infantaria francesa: — emprego de canhões automotores que, ocupando posições sucessivas à frente, nos flancos e mesmo à retaguarda das colunas, manteriam as encruzilhadas e os pontos de passagem importantes. Uma parte desses engenhos, constituindo reserva à disposição do Comando de cada coluna, ficaria em condições de parar qualquer imprevisto.

De qualquer forma, porem, esse conjunto de medidas ainda poderá se tornar mais eficiente se a Infantaria e a Artilharia, ao passo que se aproximam do inimigo, levem ao máximo a preocupação de poder evitar um ataque de engenhos mecânicos. Para a Infantaria e, também, um pouco para a Artilharia, isso corresponde à corrida, para o *obstáculo* e para os *pontos de apoio*.

Seria recomendavel igualmente a multiplicação das colunas desde que estas se prestassem mútuo apoio, vencendo as dificuldades do Comando.

Poder-se-ia, assim, evitar qualquer tentativa de infiltração no interior do dispositivo de marcha.

Como se apresentam as marchas sob tais cuidados?

Não temos dúvidas em reconhecer que sob tais precauções as marchas, de dia, se tornarão cada vez mais lentas e penosas. Para abreviá-las teremos muitas vezes necessidade de fazer marchar os grossos no curso da noite, sob a proteção das vanguardas previamente lançadas para a frente, para se estabelecerem em fim de jornada sobre um corte importante do terreno.

Os grossos procurarão, em seguida, se juntar a estas, realizando uma série de lances, inicialmente noturnos e, por vezes, em caminhões, pois, a esta altura já as vanguardas estarão em contacto com o fogo inimigo, e às voltas com os seus engenhos mecânicos.

Temos, assim, vencido a fase de aproximação e tomada de contacto, preliminares da batalha, e de tão grandes responsabilidades na condução dos efetivos até a sua fase capital — o *ataque*.

Ora, é sabido de todos que na *marcha de aproximação* a Infantaria não tem possibilidade de utilizar suas armas, embora já receba os tiros da Artilharia inimiga, os ataques da Aviação e dos engenhos blindados

que consigam se infiltrar pelas malhas das vanguardas. O Comando, em todos os escalões guarda, entretanto, a dupla responsabilidade de resguardar o moral da sua tropa e a plenitude do seu aparelhamento material, até o início da tomada de contacto, a cargo das Vanguardas, fase em que começa o desgaste dos seus efetivos.

IV — DEFESA CONTRA OS ENGENHOS COURAÇADOS, DURANTE O ATAQUE

Podemos distinguir dois casos, conforme a força atacante *esteja dotada ou não de carros*.

No primeiro caso, estando o atacante dotado de carros, a sua situação é favorável porque geralmente a sua dotação é importante e supera com certeza os que a defesa pode dispor.

Como admitir o emprego de engenhos couraçados pela defesa ?

Os engenhos blindados rápidos são particularmente aptos para as contra-ofensivas e contra-ataques, justamente porque podem evoluir sob o fogo dos fuzis e armas automáticas, pela proteção que lhes proporcionam a sua blindagem e a grande mobilidade das unidades.

Pelas mesmas razões tais unidades também desempenham papel preponderante nas operações de desaferamento e de manobra em retirada, cobrindo ofensivamente tais operações. Nessas condições, é natural que o Comando que disponha desses elementos na defensiva, mantenha-os como verdadeiro *orgão de manobra*.

Ao atacante cabe se premunir contra a eventualidade dessa intervenção, que poderá ocorrer a cada momento.

A ação dos seus carros deve se exercer no sentido de limpar o terreno de ação, sob a condição de possuírem os carros um canhão anti-carro capaz de vencer a blindagem dos carros adversários. Entretanto, mesmo considerando que tal aconteça e, ainda, desde que o atacante tema ação dos canhões dos carros inimigos, a progressão da Infantaria deve se fazer sob a proteção de *uma base de fogos* compreendendo armas anti-carros prontas a quebrar qualquer contra-ataque ou retorno ofensivo inimigo.

Caso o ataque se execute sem carros, com mais forte razão essa base de fogos, bem servida de canhões anti-carros, deve existir.

Encontramos aqui uma conclusão de sentido evolutivo: é que os “lanços da Infantaria passarão a ser regulados de acordo com as necessidades de deslocamento d’essa base de fogos que em caso algum deve conservar um caráter rígido”. E isto se explica pela extrema mobilidade dos carros durante a ação.

Ainda aqui encontramos os mesmos elementos que apontamos atrás, como essenciais num problema de defesa contra carros:

1.º — Uma *defesa* (base de fogos) que se instala nos pontos de apoio naturais e progride por *lanços*;

2.º — Uma *defesa movel* que tem uma parte progredindo nas próprias fileiras da tropa a proteger, confiada às armas mais leves e mais manejáveis. A outra parte, não empregada, conserva-se nas mãos do Chefe face a qualquer eventualidade.

Atingidos os objetivos previstos de parada prolongada, a *defesa movel* e a *defesa fixa* se reúnem sobre a posição a defender, tendo em vista a conservação do terreno conquistado.

V — OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES

Ultimamente tem se desenvolvido entre nós, um louvável esforço para se fixarem os ensinamentos fundamentais sobre o emprego dos engenhos blindados, procurando-se difundir uma abundante literatura um tanto anárquica, na maior parte tradução de revistas e jornais de todas as origens.

E’ a natural influencia do que se observa no conflito mundial presente. Entretanto, não devemos exagerar nem precipitar essas observações, estabelecendo conclusões que, nas próprias fontes de origem, nada têm de definitivo.

Os ensinamentos da presente guerra ainda não foram escritos. Registram-se, é verdade, duas conclusões já indeformáveis:

1.ª) — A ação esmagadora e preponderante da Aviação nas suas múltiplas missões, de dia ou de noite e com qualquer tempo;

2.^a) — Em terra, a tendencia para uma mecanização quasi total, pois, em todos os teatros de operações já se travaram batalhas exclusivamente de “tanks”.

Mas, nós estamos ainda muito longe de pensar na montagem de ações dessa natureza. Conservemo-nos dentro dos processos que bem se integram na nossa doutrina de guerra.

O problema da defesa contra os engenhos couraçados modernos é de solução complexa; mas, é preciso encará-lo com a mesma energia e interesse com que se estuda o emprego dos carros. Assim, passaremos ao primeiro plano a *importancia dos obstáculos* e o grande valor dos *pontos de apoio naturais* na guerra de movimento, para que se possa tirar o resultado mais completo do *armamento especializado*, destinado a esse aspecto do combate.

O General Dufieux, antigo Inspetor de Infantaria francesa, escreveu: “*A defesa contra engenhos blindados, se soubermos adptar a esta nova ameaça, a noção de segurança na ofensiva como na defensiva, deve entrar desde já nos reflexos do infante*”.

Evidentemente, as linhas d'agua, como obstáculo, são os melhores; na falta deles, porém, é necessário criar o obstáculo artificial por todos os meios (minas, abatisses, fossos, trilhos verticais enterrados, etc.).

O objetivo principal, no aproveitamento ou na criação desse obstáculo, é poder-se atirar sobre os carros inimigos, enquanto eles tentam transpô-lo, sem se estar exposto ao seu fogo aproximado.

Encerrando esse resumido estudo sobre assunto de tamanha relevancia, deixamos aqui uma seria advertência, aos que estudam a guerra por necessidade profissional: o surto atordoante das grandes massas blindadas nos campos de batalha, veio transformar a noção de segurança tanto na ofensiva como na defensiva. E como a última palavra sobre o aperfeiçoamento desses engenhos, ainda não foi pronunciada, temos que nos aferrar às boas idéias, consentâneas com a nossa formação doutrinária e aplicá-las às armas e engenhos que nos fornecerem.

Assim, poderemos construir, desde já, concientemente, algo de util.

A ARMA DA CHINA: — A SABEDORIA

(CHINA'S WEAPON: WITS)

(Traduzido do número de Setembro de
"FORTUNE", por VITOR JOSÉ LIMA)

A TERCEIRA Batalha de Changsha é impar num único respeito: foi a primeira vitória das Nações Unidas na Ásia. Quanto ao resto, em sua tática de flanco e profundidade, em seu envolvimento, e mesmo na semelhança da manobra com as duas prévias batalhas, ela é típica de incontáveis ações chinesas, quer levadas a cabo pelo Exército regular como, também, pelas guerrilhas. Mais uma vez um ataque japonês, apoiado por tanques mortíferos, poderosos canhões e bombardeiros, se introduzira nos exércitos chineses. Anteriormente, quer em Hunan lhadora; fuzis não são espantalhos para uma poderosa artilharia; mas esse recuo, contudo, não fora feito diante das forças principais inimigas e sim nos flancos. Um tanque não pode ser destruído com uma metralhadora; fuzis não são espantalho para uma poderosa artilharia; mas se os tanques ou canhões são deixados penetrar nas defesas, se eles são defrontados por uma defesa em profundidade cada vez mais enérgica, e se finalmente, são atacados por todos os lados, então a manobra serve como um perfeito substituto para a falta de material bélico. Foi isso o que aconteceu na China; a Terceira Batalha de Changsha é, sob um determinado aspecto, não sómente um exemplo típico de batalhas separadas, mas de todo o curso da guerra. A China recuou para vencer.

1) Tendo sido este artigo traduzido por um civil, é natural que nele apareçam expressões não utilizadas na nossa tecnologia militar. Preferimos apresentá-lo, sem demora, como se acha, a dar-lhe outra vestimenta para trazê-lo a público mais tarde (Redação).

Contudo, de todos recuos, talvez aquele que assegurou completamente a vitória da manobra chinesa foi o efetuado no dia 25 de dezembro de 1941, no instante em que tropas japonesas abriam caminho em direção ao rio Milo, em busca de Changsha. Para os japoneses, aquele era um dia de confiança. A sua ofensiva já atingira um dos principais objetivos: o de evitar que as tropas chinesas corressem em socorro de Hong Kong, que caíra em mãos nipônicas naquele mesmo dia; e a fase inicial da batalha pela conquista de Changsha parecia uma garantia para o segundo objetivo: captura da cidade chave da estrada de ferro Hankow-Cantão e o domínio de uma linha continental de comunicações que libertaria o Japão de uma sobre-dependência dos navios. O otimismo japonês exultava. A vitória em Changsha não somente faria desaparecer a humilhação de duas derrotas anteriores, como também mostraria ao mundo a potência de um país, capaz de obter vitórias em uma dúzia de frentes de combate. Os japoneses confiavam, então, de que a China, diante de um inimigo de força indestrutível, hesitaria e ruiiria por terra, e que o Japão resolveria um "incidente" enquanto vencia a guerra.

Entretanto, apesar disso tudo, o entusiasmo japonês estava temperado com precaução. Na realidade, a travessia do rio Hsinchiang, alguns dias antes, fôra relativamente fácil. Um avanço japonês de oito lanças obrigara as defesas chinesas a sair de suas posições um pouco ao sul do rio; os postos avançados tinham sido destruídos e os chineses estavam, afinal, em retirada. Mas ainda restava a travessia do rio Milo, e os japoneses ainda traziam bem clara a recordação das duas primeiras batalhas pela conquista de Changsha, quando bem ao sul daquele rio suas forças tinham sido flanqueadas, envolvidas e dizimadas apresentando baixas entre 35.000 a 48.000 homens.

Contudo, a resistência no rio Milo provou ser inexplicavelmente fraca, e nos quatro dias que se seguiram as forças chinesas se derreteram como um pedaço de manteiga numa chapa quente. Quando, no dia 31 de dezembro, os japoneses convergiram sobre os subúrbios de Changsha, compreenderam que tinham vencido a batalha e de que já era tempo para congratulações e elogios nos jornais de sua pátria.

O recuo chinês, entretanto, fôra perfeitamente planejado; para os chineses, não menos do que para os japoneses, a batalha já estava inevitavelmente vencida. Estradas, pontes, leitos de estrada de ferro

e outras instalações tinham sido dinamitadas. O rio Milo recebera propositalmente uma fraca defesa, enquanto fortes concentrações de tropas, instaladas em trincheiras e fortalezas e protegidas por uma artilharia composta de canhões de fabricação alemã e chinesa colocada numa das montanhas próximas, tinham sido dispostas numa defesa em profundidade para a própria cidade. As tropas* “vencidas” foram colocadas no lado este do inimigo, prontas para marchar e atacar. Forças moveis de choque, concentradas em cidades nas cercanias de Changsha, estavam esperando a ordem para empreender uma marcha forçada. Quando os japoneses se aproximaram, o general Hsueh Yo lançou uma ordem aos comandantes das unidades de choque chinesas; no dia 4 de janeiro suas colunas se atiravam contra a retaguarda dos exércitos japoneses, no momento em que eles, confiadamente, combatiam nas defesas exteriores de Changsha. Simultaneamente, os defensores de Changsha saíram de suas trincheiras e desferiram o ataque. Os nipônicos se encontraram diante não de um simples movimento de pinças, mas sim de uma perfeita armadilha.

Eles não hesitaram, entretanto; resolveram recuar imediatamente; mas durante dois dias o recuo foi impossível. A Nona Brigada, deixada à retaguarda pelos japoneses para evitar quaisquer surpresas desagradáveis, foi aniquilada pelas forças chinesas reservadas para esse fim. Durante dois dias os nipônicos se encontraram encurralados entre as forças chinesas atacantes, enquanto à noite eram vistas grandes fogueiras, anunciando a incineração de seus mortos. Tendo em vista a rutura das linhas inimigas para organizar a retirada através do rio Liuyang, os japoneses pediram imediatamente reforços aéreos e concentraram o fogo de sua artilharia e seus tanques. Desde que as balas e granadas chinesas não eram grande impedimento contra o fogo concentrado de bombas e projetis, as forças chinesas voltaram uma vez mais para os flancos para deixar que os japoneses organizassem a retirada, que foi efetuada sem demora. Os chineses, então, se aproveitaram da ocasião e caíram sobre o inimigo de todos os lados, esmagando suas forças, interceptando-as e envolvendo-as; a retirada foi uma derrocada. Entre 5000 a 6000 japoneses foram afogados nos alagadiços do rio Liuyang, e os sobreviventes encontraram a travessia dos rios Milo e Hsinchiang — ambos bastante profundos — muito mais terrível e perigosa. O inimigo, recuando em muitas partes mais lentamente do que avançara,

levou dez dias para vencer a distância de cinquenta milhas que separa as defesas de Changsha do rio Hsinchiang. Alcançou sua base em Yoyang, mas para cada dois soldados que partiram, somente um saiu vivo do massacre.

“Arrogantes na vitória, disse um oficial chinês comentando a batalha, e humilhados na derrota. O Japão é como a flor da cerejeira. Floresce ao amanhecer, mas quando murcha ao anoitecer não tem mais cor nem fragância”.

ASTÚCIA VERSUS CANHÕES

Há somente dois princípios básicos de retirada ante uma força superior. Os exércitos podem oferecer ao inimigo linhas sucessivas de defesa. Tal defesa frontal, que se espelha em muitas operações da primeira Grande Guerra, pode ser salva de um rompimento somente com a chegada de reforço substancial. Se a vantagem inimiga é superior aos reforços, o desfecho só poderá ser o mesmo do que o das batalhas de Malaia e de Burma — e mesmo de Shangai, onde forças chinesas, formando uma parede de carne armada de material ineficiente, resistiram durante dois meses diante de uma concentração de forças japonesas auxiliadas por canhões navais, recuando somente quando o aniquilamento se tornou o preço de uma defesa frontal mais demorada. Em Shangai, a China aprendeu uma lição de estratégia. Se existe uma superioridade inimiga em armamentos, como acontece nos principais “fronts” de combate de hoje, a defesa frontal acarreta a perda tanto da cidade defendida como dos próprios exércitos que a defendem.

Na defesa, é mais aconselhável ter-se a força da areia do que a do aço. Assim como a areia absorve o impacto de perigosos fragmentos de granadas, também um exército recuando lateralmente amortece o impeto do avanço das unidades mecanizadas. A China descobriu uma potência de areia — de grande número de homens, de vastas faixas de território. Até mesmo mais importante, a China descobriu uma potência de estratégia — de conhecer como engolfar o inimigo em areia, que pode também servir de uma esplêndida estrada para a vitória. “Se nós não conseguirmos vencer pela força, devemos experimentar a as-

túcia", dizem os velhos livros chineses, dos quais muitos dos estratagemas tem sido postos em uso na presente guerra.

Planos, entretanto, não vencem batalhas, que no terreno não tem a mesma simplicidade dos mapas. Ainda mais, nenhum ataque é tão complexo quanto uma retirada estratégica, quando o recuo para os flancos do inimigo é desejado de preferência ao recuo frontal por etapas de retardo. As forças inimigas devem ser, de qualquer modo, retardadas no avanço; todo o seu peso não se deve fazer sentir através das defesas finais diante do objetivo; além disso, as tropas que formam a defesa em profundidade não sómente devem mover-se para o lado, como também devem fazer isso sem levantar suspeitas. As tropas devem possuir a mais alta mobilidade; devem pelo menos aproximar-se — mesmo se não conseguirem chegar a esse resultado — do "record" de uma divisão chinesa, que marchou das quatro da tarde até a noite seguinte, venceu sessenta milhas e, imediatamente, entrou em batalha. (2) — Os soldados, individualmente, devem ser treinados na tática de infiltração; devem ser suficientemente independentes para estar ao par do curso de uma batalha sem as ordens constantes dos oficiais, dos quais algumas vezes eles se separam. E o que é de mais importância ainda, as linhas de fornecimentos e comunicações devem ser da mais alta fluidez. Em determinadas regiões da China, por exemplo os soldados não se acham mais longe de alimento e repouso do que se encontram da fazenda mais próxima. Os armazens, pontes, estradas e até mesmo habitações devem ser conservadas vigiadas; devem ficar longe das mãos inimigas, e em caso de perigo são imediatamente destruídos. Finalmente, as ações de unidades isoladas, de divisões isoladas, e mesmo de exércitos isolados devem ser engrenadas juntas, e o contra-ataque precisa obedecer a uma absoluta precisão de tempo. Em Nanning — mais tarde recapturada — os chineses esperaram muito. E Nanning caiu.

CANHÕES VERSUS ASTÚCIA

E' muito importante que o inimigo não seja enganado duas vezes exatamente da mesma maneira. O esboço da segunda e terceira batalhas

(2) Um magnífico exemplo para os que se opõem ao aumento da etapa de marcha da nossa infantaria. (L. F.).

de Changsha pode ter sido idêntico, mas os detalhes dos dois combates quasi que só tinham de comum o terreno.

Os japoneses não são nenhuns tolos. Há indicações de que eles, hoje, não somente estão inteiramente ao par da estratégia básica chinesa, como também alteraram muitos dos seus processos de batalha, num esforço de vencer os chineses.

As ofensivas japonesas, por exemplo, não mais dependem de colunas de reaprovisionamento para conservar homens e máquinas lutando. A Batalha de Taiernchwang, a primeira vitória da China na guerra, deveria ser o bastante para convencer ao comando japonês das consequências de procurar suprir pela retaguarda suas tropas de combate, pois em Taiernchwang as divisões de ataque japonesas ficaram privadas, por mais de quatro semanas, dos necessários suprimentos; pelo menos dois terços da tropa foram aniquilados; caminhões, tanques e artilharia foram abandonados no campo de batalha — não havia gasolina nem alimento. Hoje, quando as tropas nipônicas desfecham uma ofensiva, transportam com elas os suprimentos para todo o período de ação (3). A mobilidade japonesa é prejudicial; o alcance de sua ofensiva é reduzido, mas a lentidão é preferível à morte pela fome. Note-se, entretanto, que na Malaia, onde a tática de defesa frontal deixou sem ameaças a retaguarda japonesa, a proporção de avanço do Japão foi bastante alta.

A tática japonesa foi, por muito tempo, caracterizada pela produção de várias brechas na defesa inimiga, seguida de um avanço rápido sobre o objetivo. Cedo foi averiguado que a defesa frontal era perigosa e nada aconselhável, porque, depois de batalha após batalha, os chineses sempre se atiravam contra as colunas que se dirigiam em busca do seu objetivo. O Japão, por isso mesmo, criou suas próprias forças moveis, treinadas para se encarregarem de ações independentes, de acordo com o plano. Contudo, com esse método, os japoneses dispersaram suas forças, desviaram destacamentos substanciais da zona do esforço principal, e introduziram grandes complexidades e disparates nas batalhas. Há indicações de que essas forças móveis japonesas, trei-

(3) Desde o início que faziam assim. Seus soldados avançavam explorando a fundo os recursos locais. Toda unidade empregada numa ação levava sempre, com ela, reservas para resolver com seus meios quaisquer situações, mesmo a de ficar isolada e lutando por muito tempo. (L. F.)

nadas em infiltração e envolvimento (4), estiveram especialmente ativas na campanha de Chekiang-Kiangsi. Entretanto, esse novo processo pouco resultado teve em relação aos anteriores. Cidades e linhas de suprimento, continuamente, mudavam de mão, e o Japão chegou mesmo a achar difícil a fixação de efetivos para guardá-las, não obstante a proximidade das forças japônicas e a quasi completa inexistência de armas chinesas.

O Japão passou, então, a copiar a China. Em 1937 o Japão procurou impôr à China seu processo de guerra. Ele traçara sobre o mapa toda a campanha, na qual os exércitos chineses recuavam em completa desordem diante do invasor. Contudo, nos anos que se seguiram, vendo o completo fracasso de seus planos, os japoneses começaram a lutar de acordo com uma técnica semi-chinesa, chegando mesmo a empregar homens vestidos como camponeses que raramente, entretanto, passavam diante dos olhos vigilantes dos chineses (5). De fato, os disfarces e infiltrações que tanto preocuparam as tropas das Nações Unidas na Ásia sudoeste, representam o resultado da tentativa do Japão em copiar a intrincada tática chinesa. A própria Ásia sudoeste ofereceu ao Japão os primeiros frutos dessa cópia; mas o ataque contra Changsha, contemporâneo com a investida contra a Malaia, trouxe pânico não para os defensores, e sim para os atacantes.

Em última análise, o sucesso da tática chinesa reside em sua flexibilidade; o Japão tem sido enfraquecido na China pelo emprego dos mesmos planos e cálculos que em todos os outros lugares foram bem sucedidos. E isso porque somente por meio de plano detalhado e regra explícita o Exército Japonês pode constituir-se numa força coordenada. O japonês tem bastante precisão nos serviços de estador-maior e na organização do comando — campos nos quais os chineses tendem a ser menos rigorosos. O Exército Chinês — tanto o regular como o de guerrilhas — é sustentado unido não somente por regulamentos e ordens, mas também por um agudo sentido tático, sentido que pode, facilmente, ser aplicado à estratégia de um recuo para a vitória da própria guerra.

(4) Espécie de "kiel und kessel" nipônica. (. F.).

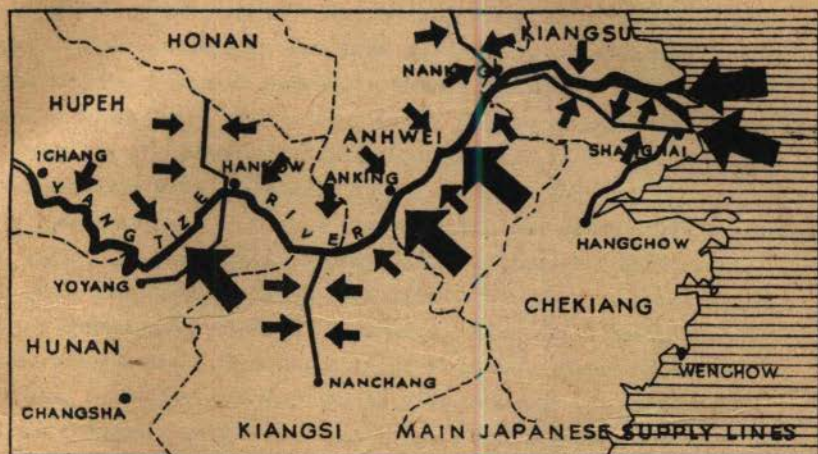
(5) Estratagema usado pelos dois litigantes dada a pequena diferença somática existente entre o chim e o japonês de certa região do arquipélago. (L. F.)

O chinês tem lutado não somente com as mãos, mas também, e principalmente, com a inteligência. Sua sabedoria e os nossos canhões são a maior segurança para uma vitória final na Ásia.

CANHÕES E SABEDORIA

Vitória? Hoje, depois de quasi quatro anos de uma situação embaraçosa na frente da China, depois dos recentes avisos da China de que as armas e suprimentos estão diminuindo, é difícil compreender como o Japão pode ser prontamente colocado em perigo. A guerra, a maior parte dela desconhecida, parece estar estacionada para alguns observadores militares ocidentais, embora não sendo compartilhado esse pensamento, presumivelmente, pelos Russos e Alemães, que mantêm observadores na frente de luta. Alguns peritos militares ocidentais chegaram mesmo a concluir que o Japão não tem feito sentir à China o peso maior do seu Exército, reservando isso para os seus adversários mais recentes. A China, na compreensão de alguns de nossos próprios militares, serviu mais como um campo de treinamento para o Japão do que, na realidade, como um campo de luta. Esses têm procurado desmerecer a formidável escala da resistência chinesa e todo o seu esforço para sobreviver, considerando como problemas únicos da China o de fornecimento e o de estado-maior. Chegaram mesmo a não levar em consideração as lições da estratégia chinesa.

Entretanto, essa estratégia chinesa assegura o sucesso de uma final contra-ofensiva desferida sobre o Japão. Tem sido por constante, embora movel, pressão sobre as comunicações japonesas que os exércitos chineses têm limitado a força que o Japão poderia lançar a um dado tempo numa ofensiva. A China, talvez ao contrário de qualquer outra nação, empregou ataques contra as linhas de suprimento como um meio de diminuir a força do inimigo na linha de frente. Pouca diferença faz de quantos homens e tanques o inimigo tem à sua disposição para enviar às posições avançadas, se não existe óleo, gasolina, alimento e armas para movimentá-los. Note-se que a recente atividade japonesa na província costeira de Chekiang tem sido muito mais bem sucedida do que a atividade no interior da China. Os exércitos japoneses são alimentados por uma estrada de suprimentos originando-se nas proximi-



Os problemas de suprimentos do Japão, no momento da Terceira Batalha de Changsha, são ilustrados no mapa acima. (As linhas de comunicações chinesas não estão representadas). As setas menores indicam a pressão chinesa, permanente e incessante, contra a estrada de ferro japonesa e os embarques no rio Yangtze. As setas maiores, proximas a Shanghai, mostram os pontos de entrada para os suprimentos japoneses, ques de guerrilhas, especialmente desfechados em combinação com a enquanto as outras, colocadas no interior da China, representam os atabalha de Changsha. Note-se que as colunas chinesas realmente interromperam a estrada de ferro entre Hankow e Yoyang.

dades de Hangchow (7); se essa linha de fornecimentos for cortada, então eles terão de morrer de fome e o seu comando terá de começar a pensar mais em termos de resistência do que de ataque. O Japão pode ter penetrado profundamente na China, mas — assim como as tropas chinesas cercaram os nipônicos m Changsha — ele se encontra na realidade completamente cercado (8). O Japão não tem territórios subjugados; o Japão estabeleceu uma série de linhas de reabastecimentos de muitas e muitas milhas de extensão a todos os "fronts". Pressão contra essas linhas, ao longo das quais a Japão precisa dissipar forças, tem feito mais do que assegurar a sobrevivência da China; na realidade, lançou as bases para a vitória conjunta contra o Japão.

E' por estratégia, e não por simples acaso, que existem tropas chinesas ativas apenas a algumas milhas de quasi todas as cidades conquistadas pelos japoneses. Não foi por mero acaso que, em fevereiro de 1942, os comunicados chineses descreveram ações em Yih sien, uma cidade localizada numa área supostamente dominada quatro anos antes. Foi devido à estratégia brilhantemente planejada que os chineses evitaram que o Japão estabelecesse uma única frente segura. De fato, os fatores limitadores básicos numa guerra que o Japão tem procurado desesperadamente acabar, foram, de um lado, o controle que os chineses conseguiram organizar sobre os embarques de fornecimentos inimigos e, de outro lado, as deficiências em armas ofensivas do próprio Exército Chinês. Até o momento, a ação se tem equilibrado pela falta de armas da China e as dificuldades de abastecimento dos japoneses. Essas dificuldades do Japão, na China, são ainda mais complicadas pela necessidade de alimentar as outras diversas frentes que ele abriu no Pacífico e na Ásia sudoeste; mas essa desvantagem foi contrabalançada pela pobreza da China em armas de fogo essenciais. (Croquis n. 5).

Na batalha pela conquista de Changsha, a contra-ofensiva chinesa foi desfechada com fúria completa no momento em que os japoneses se encontravam cercados. Na Batalha pela conquista da China, o ataque já está todo planejado, mas para a contra-ofensiva ser desferida faltam as armas indispensáveis. Os homens estão prontos; a estratégia,

(6) Há ainda a linha do rio Yang-Tse, mais ao Norte. (L. F.).

(7) Isto é apenas modo de dizer. Não devemos subestimar o inimigo, maximé após suas estrondosas vitórias. E' mister estudá-lo para, mais cedo, vencê-lo. (L. F.)

construída nas vitórias de retiradas de anos passados, está preparada. Não há necessidade de atacar o inimigo nos seus postos avançados. É apenas necessário cortar, por completo, suas linhas de suprimentos e investir contra determinadas de suas cidades básicas.

Depois de expulsar-se o inimigo de Ichang, o ataque contra o rio Yangtze na cidade de Nanking, seria tão importante quanto a conquista de Ichang. Hoje, quando a maior parte dos navios de guerra do Japão no rio Yangtze foi desviada para outras áreas, a maior ação contra as linhas de fornecimento poucos obstáculos encontraria. Na realidade, a Força Aérea Norte-Americana, na China, já está concentrando seu fogo contra os embarques no rio Yangtze, embora com potência insuficiente.

A estratégia já lançou as bases para a derrota japonesa, mas a estratégia é ineficiente sem armas. Que canhões e aviões sejam enviados em quantidade cada vez maior, e então poderemos completar o plano tão habilidosamente construído pelos nossos aliados, os chineses. Para que esses fornecimentos sejam eficientes, é necessário que eles sejam no mesmo número do que os enviados para os campos de batalha da Europa. Enviem materiais e bastante quantidade de outros fornecimentos para a China, e então a contra-ofensiva poderá ser desfechada. Começará numa centena de lugares, em muitas cidades que são os pontos básicos do exército japonês na China. A libertação do imenso território de Chiang-Kai-Shek oferece enormes vantagens: o esmagamento do exército japonês na China e a libertação de suas províncias costeiras, que oferecerão excelentes bases para uma ação vigorosa contra as próprias ilhas do Japão.

A decisão de hoje significará a vitória total ou, pelo menos, a derrota parcial.

Livros à venda na Biblioteca de A Defesa Nacional

História Militar do Brasil — Gustavo Barroso	Cr\$ 13,00
Índios do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo	Cr\$ 13,00
Indicador Paranhos até 1935	Cr\$ 13,00
Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas	Cr\$ 5,00
Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Magalhães	Cr\$ 3,00
Instrução na Cavalaria — Cap. Mena Barreto	Cr\$ 11,00

REAPROVISIONAMENTO DAS G.U. MOTO-MECANIZADAS, NO DECURSO DAS OPERAÇÕES

Ten. Cel. ALENCAR LIMA
Instrutor de T.G. da E.E.M.

(Continuação)

II PARTE

- FUNCIONAMENTO DOS PRINCIPAIS SERVIÇOS

Em artigo anterior, tratámos do aspecto tático do problema dos reaprovisionamento das G.U. Moto-Mecanizadas, à luz de um caso concreto.

Nele mostrámos como a *base de reaprovisionamento* de um Exército se deve desdobrar, lançando, todas as noites, ao encontro das G.U. motorizadas e moto-mecanizadas, as provisões indispensáveis ao prosseguimento da luta, na jornada seguinte.

Hoje, retomando o mesmo tema, vamos tratar do funcionamento dos principais serviços, no âmbito do Exército e no das Divisões, obedecendo, é óbvio, ao mecanismo geral do desdobramento da *base*, descrito no artigo anterior.

Será objeto do estudo de hoje, o seguinte:

SERVIÇO DE INTENDÊNCIA: Viveres ou alimentação do pessoal;

SERVIÇO DO MATERIAL BÉLICO: Remuniciamento e recuperação do material.

SERVIÇO DE INTENDÊNCIA

A dificuldade de alimentar o pessoal das G.U. moto-mecanizadas ou motorizadas, pelo processo clássico dos reabastecimentos diários em

víveres, carne e pão, em face de sua rapidez de deslocamento, leva-nos à procura de uma solução para o problema em apreço, que torne a tropa independente da *base*, durante as operações.

Como tais operações podem durar vários dias, a *ração de reserva* comum não satisfaz, porque é constituída de elementos (carne em conserva, bolacha, etc.) e que pouco representam, como quantidade e variedade, para serem aceitos, sem constrangimento, por mais de dois dias seguidos.

Crea-se, então, um tipo especial de ração, que podemos denominar de "*ração preparada de campanha*", satisfazendo às seguintes condições:

- pouco peso e embalagem adequada para ser portátil;
- estar em condições de ser ingerida, sem qualquer preparação;
- duração longa;
- variedade de elementos componentes;
- valor alimentício igual à ração normal de campanha.

Neste sentido, várias soluções se tem apresentado e, dentre elas, ressaltamos uma já referida pelo nosso colega, Ten.-Cel. Intendente Raul Dias de Sant'Ana, em recente conferência realizada na E.E.M., e que consiste em:

- feijoadá brasileira em conserva;
- farinha;
- bolacha;
- café, leite e açúcar, em um só tablete;
- álcool solidificado para o aquecimento do café com leite.

Este conjunto, convenientemente embalado, atinge o peso de cerca de um quilograma, contendo uma porção correspondente a duas refeições tão variadas e abundantes como a ração normal de campanha. Contudo, seu uso continuado por muitos dias, não é aconselhável, por deficiência de vitaminas, embora se possa completá-la com frutas: bananas, laranjas, etc.

A ração preparada, assim concebida, é que vai resolver o problema do reabastecimento em víveres, do pessoal das G.U. moto-mecanizadas ou motorizadas.

Para isso, estabelecemos, na Divisão, a seguinte dotação orgânica da mesma:

- 1 com o homem transportado;
- 2 com o homem moto-mecanizado;
- 2 com o T.C. das Sub-Unidades;
- 2 com o T.E. das Unidades;
- 2 com o CB. I.D. (ou Serviço de Transporte da Divisão, se esta não dispuser de CB. I.D.).

Destarte, a D.M.M.P. pode viver, com seus recursos próprios, oito dias; a D.I.M., sete; o Regimento ou Btl. moto-mecanizado, seis; o motorizado, cinco; em suma, a Cia. motorizada ou moto-mecanizada, tem possibilidade de viver três ou quatro dias, sem depender dos reabastecimentos do TE. do Btl. ou Regimento.

Diante dessa concepção geral do reabastecimento, retomemos o caso concreto e vejamos que cabe ao Exército fazer em prol do reabastecimento das G.U.

Inicialmente, a D+1 (ver tema, no artigo anterior), as G.U. re-completam na base de reaprovisionamento sua dotação orgânica em “rações preparadas”, caso delas estejam desfalcadas (1).

Durante as operações de aproveitamento do êxito, o Exército vai prever e preparar, a partir de D + 3, o reabastecimento da G.U. em rações preparadas ou em víveres normais de campanha, conforme os acontecimentos.

Se tudo corre bem, as G.U. chegam ao objetivo final, a D + 2.

Neste caso, o Ex. lança, na noite D+2/D+3, comboios automóveis à razão de um por Divisão, até o alcance dos Cb.I.D. que, de propósito, não devem ter ultrapassado, nesta noite, a transversal TAQUARITINGA-JABOTICABAL. Os Cb.I.D., aí reabastecidos, prosseguem, a D+3, ao encontro das unidades, de modo que, a D+4 ou D+5, a tropa poderá retomar a alimentação normal, após haver passado quatro ou cinco dias a “ração preparada”.

Se, ao contrário, o grupamento moto-mecanizado encontra fortes resistências ou sérios obstáculos, que tornem sua progressão lenta,

(1) Em regra, antes de iniciar as operações, isto é, antes de desembocar da brecha, as G.U. motorizadas ou moto-mecanizadas devem consumir víveres normais de campanha.

deve-se temer que sua dotação orgânica de “rações preparadas” não seja suficiente para as operações previstas.

Neste caso, cabe ao Exército prever, a partir de D+3 ou D+4, o reabastecimento das G.U. moto-mecanizadas em rações preparadas, em curso de operações.

Uma vez assegurado o fornecimento dos víveres normais de campanha, em fim de missão, cabe ainda ao Ex. recompletar a dotação orgânica das G.U. em rações preparadas, cuja provisão fora consumida, durante as operações.

Isto se faz, ou na própria zona de estacionamento, no objetivo final, se aí elas permanecem muito tempo, ou, o que é mais provável, no decurso de sua marcha de retorno para a retaguarda, onde vão se reagrupar e repousar.

No caso do tema em apreço, cujo objetivo final — triângulo BEBEDOURO-VIRADOURO-BARRETOS — fica a cerca de 200 km da base ferroviária de reaprovisionamentos do Ex., as G.U. motorizadas ou moto-mecanizadas poderão, com seus próprios meios, estabelecer uma corrente de reabastecimentos, empregando os Cb.I.D. (ou Serv. Transp. Div.) e os T.E.

Basta, para isso, decompor cada um desses elementos, em duas secções com capacidade de um dia de ração preparada cada uma, o que é possível em face da organização dada no início deste trabalho.

Aparecem, assim, duas secções de T.E. e duas de Cb.I.D., ou sejam, quatro secções com raio de ação de 50 a 60 km o que corresponde ao total de 200 a 240 km de alcance.

E' claro que se não existir o Cb.I.D. (assunto ainda discutível), e se o Serviço de Transporte da G.U. não puder atender ao reabastecimento, o Exército terá que concorrer com seus meios automóveis, afim de prolongar a base ferroviária até o alcance dos T.E. que se não poderão afastar mais de 100 a 120 km da tropa, considerando suas duas secções e não levando em conta o movimento simultâneo da tropa com o dos frens.

Para finalizar o estudo do reabastecimento de víveres, resta-nos fazer um cálculo estimativo dos meios necessários a esse mister.

Neste sentido, tomaremos para a G.U. motorizada ou moto-mecanizada, o efetivo de 20.000 homens, arredondadamente.

Tomando a ração preparada ao peso de 1 kg., um dia de víveres, nestas condições, representa, para a G.U., o total de 20 ton.

O auto-caminhão leve que é o naturalmente indicado para transporte de víveres, tem a capacidade de 2 tons. uteis.

Portanto, 1 dia de ração preparada corresponde a 10 auto-caminhões e dois dias a 20 ou seja uma S.Au.T.L. (Sec. Auto-Transporte Leve).

Em suma, na G.U., devemos ter, para víveres:

Cb.I.D. — 2 dias de ração — 1 S.AuT.L.;

TE — 2 dias, num total de 20 a 25 viaturas repartidas pelas diversas unidades.

O T.C. terá um número de veículos correspondente ao número de sub-unidades existentes na Div., mas, em compensação, como sua capacidade é muito superior ao peso das duas rações a transportar, essa viatura não deve ser especializada só para víveres: deve servir também para o transporte da bagagem da sub-unidade, o que, aliás, é normal.

SERVIÇO DE MATERIAL BÉLICO

O serviço de material bélico abrange normalmente duas atividades:

— fornecimento, substituição e reparação do armamento, das viaturas e do material contra gás (1);

— fornecimento e, eventualmente, a recuperação das munições, dos artificios e dos explosivos.

A primeira parte — o serviço do material — é assegurada pelo Exército, dispondo de um Parque de Material e Reparação (Pq.M.R.).

Este parque, por sua vez, comporta dois escalões: um *pesado* que exige para seu funcionamento instalações fixas e energia, o que importa dizer que deve ficar sempre em cidade mais ou menos importante, embora afastada da frente; outro escalão *leve*, volante, compreendendo três ou quatro secções destinadas a acompanhar as G.U. mais de perto, assegurando-lhes, assim, mais rapidamente, as reparações de pouco vulto.

(1) Para as viaturas blindadas e automóveis o Serviço do material fica a cargo do Serviço de Moto-Mecanização.

Ao escalão volante do Pq.M.R. compete, ainda, o recolhimento do material evacuado da frente e a sua triagem, organizando, para isso, Centros de Recuperação.

SERVIÇO DE MATERIAL

No caso concreto do Grupamento moto-mecanizado inicialmente, a base do Exército dispõe do Pq.M.R. em RIO CLARO, cidade de recursos, dispondo das grandes oficinas da E. F. PAULISTA, o que facilita a instalação e o funcionamento do Parque.

O Pq. deve aí permanecer até que, com os sucessos obtidos, o Exército tenha tido tempo de restabelecer o tráfego ferroviário, pelo menos até ARARAQUARA, onde se instalará o novo Pq., transportado de RIO CLARO.

Antes disso, o Grupamento moto-mecanizado tem ao seu encalço as Sec. Volantes do Pq. que se deslocam, por lanços e por escalões, sucessivamente, para ARARAQUARA, TAQUARITINGA e BEBEDOURO, à medida que essas localidades são conquistadas.

SERVIÇO DAS MUNIÇÕES

O remuniciamento no caso em apreço tem um aspecto todo particular: enquanto que nas divisões de infantaria, a manobra do Chefe dita o valor da potência de fogo que ele deseja realizar e, consequentemente, a munição a consumir, na operação encarada do Grupamento moto-mecanizado, ao contrário, a potência de fogo ou a vontade do Chefe tem que se sujeitar a um certo limite de munição transportável em condições de utilização, sem embaraços para a rapidez que deve caracterizar tal ação.

Nesta ordem de idéias, estimamos, como consumo máximo admitido, na jornada de combate do Grupamento, o valor da munição que cada G.U. leva com seus próprios meios, a menos que sua progressão seja detida, recaindo-se, então, então, no caso comum de divisões não motorizadas.

Assim sendo, a tarefa do Exército consiste em assegurar, no fim de cada jornada, o repletamento das munições orgânicas consumidas pelas G.U., durante o combate do dia.

Para isso, serão empregadas secções auto-transportes medias (S. Au.T.M.), compreendendo 2 caminhões médios uteis de (3 ton.), num total de 60 toneladas de capacidade.

Cada Divisão transporta cerca de 2 unidades de fogo de artilharia (U.F.A.) e 1 unidade de fogo de infantaria (1), aí compreendidos o que conduz cada Unidade e o que conduzem as secções de munição do serviço de material bélico divisionário.

Esse conjunto — 2 U.F.A. e 1 U.F.I. — representa, mais ou menos, 180 ton. para cada G.U., tanto motorizada como moto-mecanizada.

Dest'arte, para assegurar o remuniciamento do Grupamento moto-mecanizado, nas condições estabelecidas anteriormente, o Exército deve prever a constituição de três combóios autos, de três S.Au.T.M. (180 ton.), cada um, destinados às três G.U.

O combóio forma então um Grupo Auto-Transporte que, carregado nas Est. de remuniciamento, vai repor, diariamente, a munição consumida pelas G.U., após cada jornada de combate.

Assim, quando o Grupamento atinge seu primeiro objetivo — transversal ARARAQUÁRA — RINCÃO — na noite D/D+1, o Gr. Au.T. de remuniciamento da D.M.M.P. vai ao encontro das Secções de munição do S.M.B. ou colunas ligeiras dos Grupos de Art.

Para facilitar a operação, devem ser utilizados, pelo menos, dois eixos e por eles só se fazendo seguir o número de viaturas necessárias conforme o vulto da munição consumida.

As viaturas restantes do combóio, e que também devem estar carregadas, à guisa de depósito sobre rodas, darão um lanço até meio caminho, de forma a não embaraçarem os movimentos da Div., ficando, porém, em melhores condições já, de, na noite seguinte, prosseguirem ao encalço da tropa.

As viaturas que transbordam a carga para a Div., retornam às Estações de remuniciamento e, uma vez carregadas, as reúnem às demais, para a operação da noite seguinte.

1) A U.F.A. e a U.F.I. são unidades arbitrariamente adotadas para caracterizarem uma ordem de grandeza, quando se faz referência a munição: não tem relação com a duração do combate.

— A U.F.A. representa 200 projéteis de 75, ou 100 de 105, ou ainda 75 de 150, por peça existente na Unidade ou G.U. considerada; a U.F.I. compreende uma certa quantidade de munição de infantaria — para fuzil, metr., granadas, canhão, etc. representando o peso de cerca de 35 Ton. para a D.I. o 20 Ton. para a D.M.M. ou D.C.

De modo idêntico se procede com as duas D.I.M.

Dentro do mecanismo descrito, o remuniciamento é assegurado por três escalões sucessivos:

- 1.º — dotações orgânicas da Unidade;
- 2.º — dotação orgânica das secções de munições da S.M.B. divisionário, sobre rodas;
- 3.º — Gr.Au.T. de remuniciamento do Exército, ou depósitos sobre rodas que formam *centros de entregas* diários, nos quais as Divisões re completam suas dotações.

Esse mecanismo nos leva às seguintes observações:

- a) na 2.ª noite, os Gr.Au.T. terão que fazer uma etapa forte de cerca de 130 km, para alcançarem os elementos divisionários;
- b) na 3.ª noite, quando as Div. atingem o objetivo final, se for ainda necessário remuniçiá-las e se todas as viaturas do Gr. Au.T. foram, na véspera descarregadas, torna-se necessário o emprego de novos meios autos para prolongarem a ação daqueles, pois a etapa a percorrer, então, vai a mais de 200 km.

Finalmente o remuniciamento das G.U. moto-mecanizadas, podemos dizer que, para a operação encarada no nosso caso concreto, este Serviço, no escalão Exército, necessita de:

- 3 S.Au.T.M. de 20 caminhões úteis de 3 Ton., para cada Divisão, ou o total de 180 viaturas úteis e mais umas 40 ou 50 de substituição e serviços auxiliares dos combóios;
- e, na previsão de observação *b*, mais 1 S.Au.T., por Divisão, ou 60 viaturas úteis e 15 a 20 de substituição e serviços auxiliares;
- total estimativo: 300 caminhões-automóveis.

A seguir:

- Serviço de Moto-mecanização;
- Serviço de Engenharia;
- Conclusão.

Reflexões sobre a Doutrina do emprêgo dos Carros de Combate

Pelo Major OLÍMPIO MOURÃO FILHO

I — A propósito do estudo sumário dos dispositivos, publicado no número de 10 de Outubro (341), um leitor pergunta se um dispositivo de unidades de carros pôde sofrer modificações no curso do combate.

Reporta-se ao seguinte trecho do trabalho citado:

— “Como sóe acontecer, às vezes, que as condições de ocupação, após combate, podem diferir algo das do desenvolvimento do mesmo (devido às reações diferentes dos vários trechos do terreno e atuação do inimigo nas várias fases), um dispositivo só faz plástica perfeita com a situação, quando *no mínimo contem em germe* o dispositivo final, no caso em que não possa com o mesmo coincidir”.

Ora, argumenta ele, como unidades de carros não ocupam terreno, *em caso algum o seu dispositivo* sofrerá a *servidão das condições de chegada*, devendo estar apenas preparado para as eventualidades no decorrer da ação *até a conquista final do objetivo*, o que não sucede sempre com a Infantaria, que, em última análise, ao atingir a linha fixada deverá estar em condições de ocupar e defender o terreno.

A questão posta é interessantíssima e merece um exame afim de esclarecer o assunto e contribuir para evitar o esquema apriorístico que se vê na solução de certos temas táticos. De fato, nota-se em geral, que na solução dos referidos trabalhos o aluno preocupa-se em arranjar um dispositivo inicial e *raras vezes* há coragem necessária para encarar a possibilidade de sua mudança, quando, em certos casos, na passagem de uma linha intermediária para outra pôde haver *modificações de caráter estrutural e que devem estar previstas na ordem* que regule o movimento *até além* da referida linha intermediária.

No jogo das tropas de cavalaria e infantaria qualquer modificação na colocação de unidades ou sub-unidades, ao atingirem certas linhas, só pode afetar as unidades de 3.º escalão ou reserva, rariíssimas vezes as do 2.º escalão, porque as de 1.º já fixadas pelo fogo, não poderão nunca variar sua colocação, salvo à noite e com as precauções da praxe. Entretanto, tratando-se de unidades de carros, cogita-se apenas de se saber se pode haver necessidade, em certos casos, de modificar o dispositivo de chegadas, porque, quanto aos escalões que poderão ser *mudados de lugar*, não há a menor restrição de vez que *o carro pode manobrar sob o fogo*, principal característico que distingue uma tropa de Carros de uma de Infantaria ou Cavalaria o que, de resto, é infraestrutura da mentalidade da Arma. Não me canso de repetir; cada Arma tem sua mentalidade própria; o pessoal que a constitui deve ser educado no ambiente dela. A mentalidade do infante é a luta a pé, sua capacidade de afrontar e vencer qualquer terreno, e sua grande aptidão para se agarrar ao solo, quando necessário, bem como, sua extrema vulnerabilidade ao fogo que o *fixa segundo uma direção*, impedindo-o de *mudá-la no curso da ação, de dia*, ou pelo menos dificultando de muito romper o combate. A mentalidade da Cavalaria, antes da guerra 14-18, era o *choque*, a *carga* e a rapidez estratégica que permitia lançar as divisões, por uma brecha ou nos espaços vazios, penetrando profundamente até à retaguarda inimiga; a *mobilidade* prejudicava muito seriamente a potência de fogo, apesar da arma automática; daí sua capacidade de ocupação do terreno ser muito inferior à da Infantaria.

Depois da guerra 14-18, a Cavalaria perdeu a missão de *choque* mas conservou a da maior *mobilidade* e *rapidez* que a Infantaria e, pois, exigindo ainda do cavalariano uma mentalidade — de esporte, audácia e impulso — a qual a caracteriza. Aqui, devemos observar que a moto-mecanização não baniu a Cavalaria dos campos de batalha e que ela continua a existir por ser indispensável, porque se bem que “haja alguma semelhança no emprego estratégico de ambas as Armas, todavia há diferenças bem marcadas e os Exércitos modernos não dispensam uma e outra. Há missões que só podem ser desempenhadas pela Cavalaria *a Cavallo* e não por unidades moto-mecanizadas; e quanto à mistura de cavalos e motores, eis a melhor maneira de inutilizar uns e outros, no mais indigesto dos *coqueteles*.”

Basta lembrar aqui, de passagem, o seguinte, relativo a de terminada missão tática: carros não vasculham o terreno; sua presença numa linha não indica necessariamente *ausência do inimigo*, ao passo que a *presença da cavalaria* numa zona é a conclusão da ausência completa de tropas adversárias.

As características da Arma Couraçada, comparadas com as das irmãs, são asseguintes:

- a) quanto à potência de fogo participa das características da Artilharia e Infantaria e tem maior potência que a última. Constitue bases móveis de fogo (o que não pode realizar a Infantaria) e não pode constituir bases fixas;
- b) o carro rompe o combate em qualquer momento e o fogo não fixa suas unidades. Em contra-posição, não tem capacidade de ocupação do terreno;
- c) é mais sensível ao terreno que a Infantaria, em face das dificuldades de transposição;
- d) tem mais velocidade, resistência e potência de fogo que a Cavalaria, mas não tem a mesma capacidade de vasculhar e limpar o terreno que ela; há zonas permeáveis à Cavalaria e impermeáveis, ou pelo menos, muito difíceis aos Carros;
- e) finalmente, seu abastecimento é mais complexo que os das outras Armas o que, necessariamente, limita seu raio de ação no quadro estratégico.

Em resumo — é uma Arma, com sua mentalidade e métodos próprios.

Embora razões de ordem administrativa possam não aconselhar a organização de quadro à parte, todavia, os princípios aconselham os seguintes pontos fundamentais:

1.º — O abandono definitivo da idéia de moto-mecanizar tropas de Cavalaria ou de Infantaria. As Divisões destas armas devem continuar a existir, com a organização clássica, sem que *elementos especificamente da Arma* sejam moto-mecanizados.

Uma ou duas unidades de Carros devem ser atribuídas organicamente às Divisões citadas, *como meios próprios do Comando*, para emprego em casos especiais.

Durante a ação, quando há necessidade, o Comando atribue às Divisões de Infantaria ou *Cavalaria*, como meios suplementares, companhias ou Batalhões de *Carros Leves* ou *Médios*, como apoio.

As Grandes Unidades Couraçadas são formadas de Carros pesados (em função do raio de ação) e tem emprego exclusivamente estratégico no quadro geral da batalha, com apoio de aviação apropriada.

Um certo número de D.I. deve ser totalmente motorizado.

2.º — Recrutar o Pessoal na *origem*, isto é, tomar as medidas necessárias para abandonar o mais depressa possível o atual processo de pegar oficiais, sargentos e praças de outras Armas já de *mentalidade definida*, de *reflexos formados* e procurar transformá-los em soldados da nova Armá.

Deste modo, o ideal seria, a *partir do 2.º ano da Escola Militar*, inclusive, embora relacionados nas outras Armas, matricular os cadetes na Escola de Moto-Mecanização, ou na Unidade Mixta de Carros da Escola Militar.

Depois desta digressão, indispensável e oportuna, voltamos ao assunto da pergunta do leitor.

Já estabelecemos com clareza que as unidades de Carros podem, havendo necessidade, modificar seu dispositivo, em toda a profundidade e em toda a frente, durante o curso da ação e, pela possibilidade delas especifica de poder romper o combate a qualquer momento.

O leitor que me pôz a questão, argumenta que, *não ocupando terreno*, não haverá necessidade de modificação no dispositivo.

Esqueceu-se do terreno a percorrer para passar de uma linha a outra e mais uma vez raciocinou dentro do círculo dos reflexos de oficial de outra Arma, isto é, pensou com a mentalidade, digamos, de um Infante.

Com efeito, na Infantaria, o dispositivo visa *essencialmente* realizar as melhores condições possíveis de *ocupação*, no fim de uma operação dada. Havendo, porém, linhas intermediárias, e de permeio o terreno com seus caprichos, pode haver necessidade de se introduzir no *dispositivo ideal de chegada ao objetivo definitivo*, algumas modificações.

Todavia, estas não devem afetar estruturalmente o dispositivo ideal, do contrário exigiria um trabalho de reajustamento completo, na hora mais crítica de todas — a hora em que a unidade atinge o objetivo.

Dai, o se dizer que é necessário que o dispositivo de partida, contenha em *germen*, no mínimo, o adequado para a ocupação final.

Resumindo: o *essencial* é que o dispositivo realize a *chegada*; as modificações iniciais ou em curso, nele introduzidos, tem o caráter de *acessórias*.

Para as unidades de carro, é o contrário exato: o *essencial* é *partir* com um dispositivo próprio para *percorrer* toda a profundidade da posição inimiga; como, raramente os Carros *devem esperar* as unidades de Infantaria, sobre a posição, e, ainda assim, por pouco tempo, as modificações necessárias para aguentar a posição, *são acessórias*, não devem preocupar o comando, antes da partida para o ataque, e, de resto, são facilimas de se fazerem na própria hora da chegada.

Vejamos, pois, quais as servidões que o *passeio* ao longo da profundidade da posição inimiga, a contar da posição de partida, podem reagir sobre o dispositivo de partida.

—Primeiramente temos de levar em conta o princípio básico do emprego: obter o máximo de destruições numa area dada, com o máximo de neutralização durante a *passagem*.

Sendo assim, é claro que o *dispositivo de defesa* do inimigo, reagirá sobre o de partida. É necessário passar com a *densidade* máxima de Carros, onde o inimigo tiver a densidade máxima de seus fogos. Como esta pode variar de uma linha intermediária a outra, de modo substancial (embora seja raro o caso), pode haver necessidade de modificação de uma linha a outra, em função do inimigo.

Mais ainda. O terreno. Este, pode afetar formas também estruturalmente variáveis de uma linha a outra.

Assim é que, até uma linha determinada, permite por exemplo o rolamento de um Batalhão inteiro com duas companhias em 1.º escalão a linha seguinte, há um obstáculo de certas dimensões (uma vila de e uma ou duas (conforme a organização) em 2.º; ao passar, porém, para ruas barricadas fortemente, um bosque muito cerrado, um trecho de terreno muito pantanoso, etc.) que *diminue* a frente, obrigando o Batalhão a continuar a operação apenas com uma Companhia em 1.º escalão e as demais em 2.º e 3.º, etc.

Algumas vezes, ao atingir uma linha determinada, a situação permite e aconselha escorregar todo o dispositivo para um flanco mal defendido ou totalmente descoberto e, neste caso, toda uma unidade, a

coberto da crista mais próxima, desfila para o flanco referido e precipita-se no espaço vazio, para ganhar a retaguarda da posição.

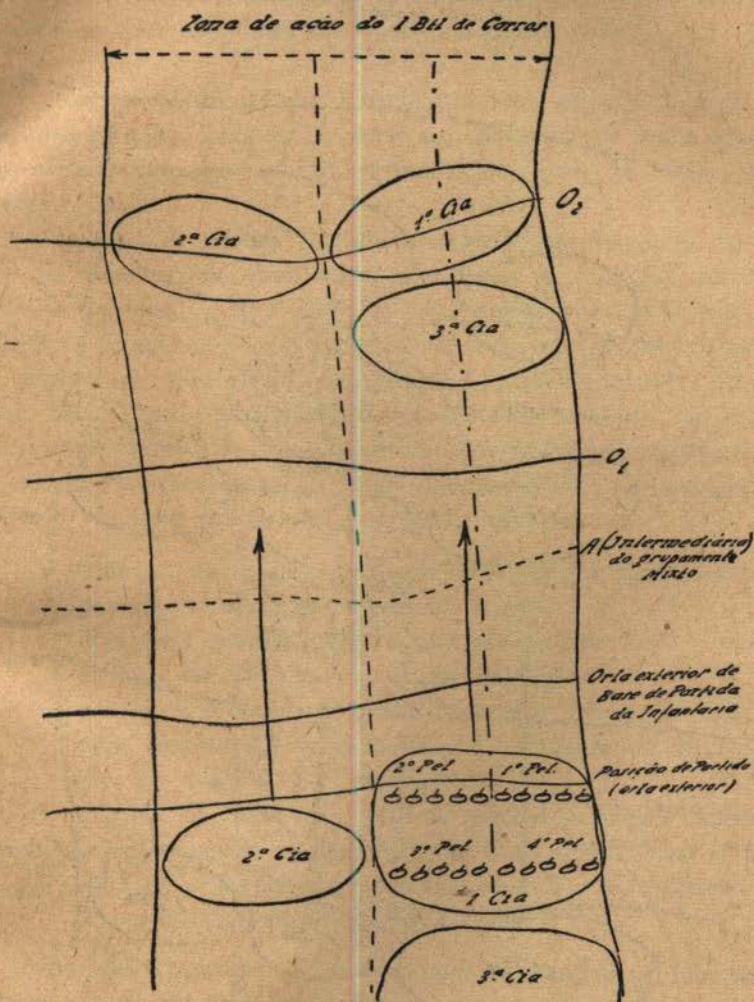
E' necessário nunca se perder de vista que, além dos ninhos de metralhadoras e canhões anti-tanques que podem ser alcançados pelos Carros, há objetivos importantíssimos para eles, a saber: os P.O. de Infantaria e Artilharia. Cada P.O. de Artilharia que é destruído, equivale a calar uma bateria e não carece perder tempo em justificar a importância de fato. E' por este motivo que o Comando não deve hesitar em lançar seus Carros até a linha de horizonte visível onde eles devem procurar descobrir e destruir os P.O. quando puderem, pela sua localização alcançá-los, caso comum quando não há grandes elevações próximas o que obriga a Artilharia a colocar seus observatórios ao longo das colinas que fecham o horizonte.

Um outro leitor extranhou que n'um trabalho anterior eu tivesse afirmado que o Carro não é uma arma de choque e que age *normalmente*, pelo fogo. Fez menção de um caderno de instrução vindo da Alemanha e no qual, querendo mostrar *um erro*, numa figura, fixa um carro atirando contra uma Metralhadora próxima e noutra deixa ver o mesmo carro passando *por cima* da arma e esmagando-a. A legenda diz: "não perca tempo em atirar, quando pode esmagar, com muito mais certeza de êxito".

Abro, pois, um parentesis aqui, para responder. Quando se diz que o carro não é uma arma de choque, quer se exprimir apenas que ele não age *normalmente* como arma de choque; isto não impede que ele, quando descobrir uma arma automática nas suas proximidades, vá perder tempo em preparar a pontaria e atirar, se pode rolar imediatamente e esmagar o objetivo. E' claro. Não é menos claro que, na *maioria dos casos*, especialmente quando em *missão de acompanhamento* no Grupamento Mixto, ele não pode esperar chegar junto da arma automática para *esmagá-la*, deixando que ela, impunemente, desde longe, continue atirando contra a infantaria que segue o carro. Especialmente na 1.^a modalidade descrita no trabalho referido, em que o infante segue colado ao Carro, este, desde o mais longe possível começa a ação de neutralização e logo que alcance sua *distância tipo* para o tiro de canhão, para e atira afim de destruir o ninho de metralhadoras. Do contrário, seria impossível, ao infante, repito, na primeira modalidade, acompanhar o carro. E na 2.^a modalidade, toda a Infantaria teria de aguardar

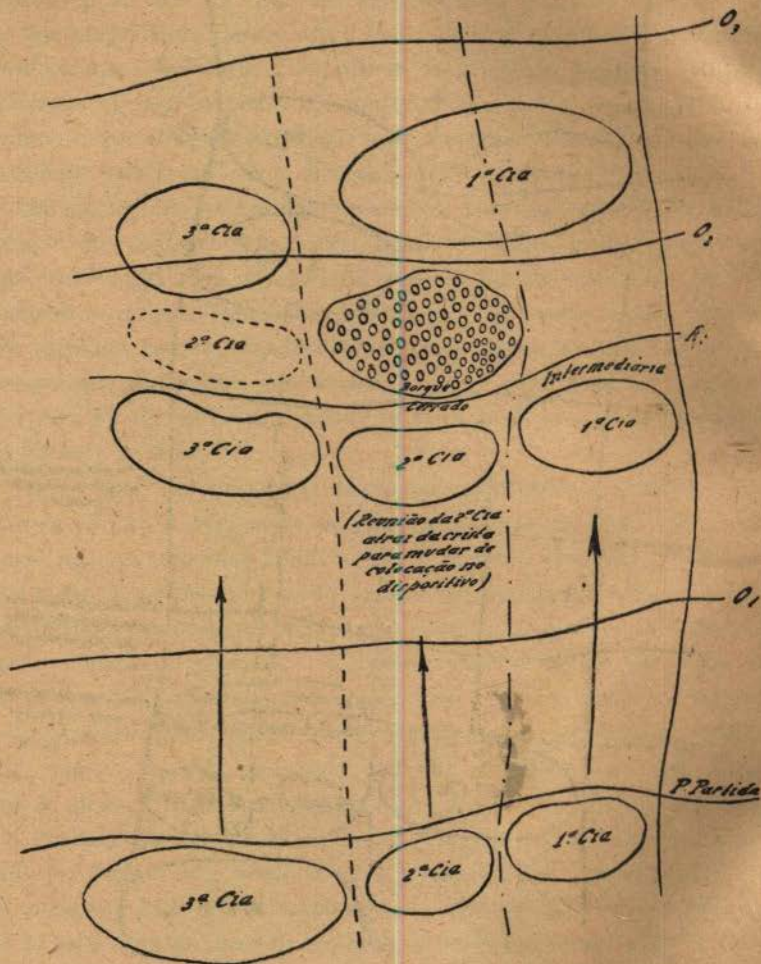
Esquema n.º 1

O Batalhão conserva o mesmo
dispositivo desde a P de Partida até O₂



Esquema nº 2

*O Batalhão modifica o seu dispositivo
ao rotar da linha intermediária h_1 para h_2 .
Note-se: o esforço principal, a partir de O_1 ,
é pela esquerda*



que os carros paciente e demoradamente chegassem até às armas automáticas inimigas e as esmagassem, para se lançar ao ataque.

No caso de observatórios inimigos, *logo que o Carro pode*, se acontece ter assinalado algum ao seu alcance, procura fazer sobre o mesmo o tiro de destruição.

Vejamos alguns exemplos de modificação de dispositivo durante o curso de um combate, ilustrados com os esquemas abaixo.

1.º caso — Desde a Posição de Partida até o objetivo final, o terreno tem a mesma conformação geral e o dispositivo de defesa inimigo não oferece diferenças radicais quanto às densidade do fogos. (Esquema n. 1).

Neste caso, calculados os meios necessários, em função ou da largura da frente ou das informações minuciosas do inimigo, articulado que seja o dispositivo na Posição de Partida desde que, de acordo com a hipótese formulada para o esquema, não haja modificações de monta na configuração do terreno e no próprio dispositivo defensivo do inimigo, não há razão para alterações e o Batalhão conserva sua articulação tática desde a Posição de Partida até à chegada ao objetivo final.

2.º caso — Neste caso, de acordo com a hipótese sobre a qual se baseia o esquema, verificamos dois pontos essenciais:

- a) à direita, na altura de primeira linha intermediária, existe um bosque cerrado, impermeável aos Carros.

Mas, até à referida linha, há interesse em bater todo o terreno à frente, em face das organizações inimigas.

Ao atingir o bosque, a 2.ª Cia. reúne-se a coberto da crista — para, com um deslocamento lateral, colocar-se em nova posição, na esteira da Cia. da esquerda.

- b) a partir da linha 0₂, o eixo de esforço principal desloca-se para a esquerda e o Batalhão que vinha rolando com 3 Cias. em 1.º escalão, passa a ter 2, rolando a 2.ª Cia. na esteira da 3.ª, conforme mostra o esquema citado.

Seria possível semelhante manobra com um Batalhão de Infantaria, durante o curso do combate, de dia?

E' claro que não. Seria difficilimo, senão impossivel à 2.ª Cia. romper o combate na frente do bosque, deslocar-se, desfilando em frente

ao inimigo, para colocar-se na esteira da 3.^a Cia., no caso de se tratar de Infantaria.

Fixemos de uma vez por todas, a Arma Couraçada tem, como consequência de suas características técnicas, um modo de ação fundamentalmente diferente dos da Infantaria e Cavalaria e exige, do seu pessoal uma mentalidade inteiramente original, calcada em reflexos *específicos*, *próprios* da Arma e que devem ser formados o mais cedo possível.

Se quizermos empregar judiciosamente unidades couraçadas, temos de nos libertar completamente do *complexo Infantaria* ou *Cavalaria* e *pensar e agir* com a nova mentalidade.

Aí está uma das mais fortes razões que contraindicam claramente a moto-mecanização de elementos de Cavalaria ou Infantaria.

Cavalaria é Cavalaria, e é indispensável continuar a existir como Cavalaria.

Pode-se *motorizar* uma parte de certas Divisões de Cavalaria, bem como a Infantaria e atribuir-lhes organicamente um elemento couraçado para emprego por parte do Comando.

Mas, moto-mecanizar tropas de Cavalaria, no âmbito Regimento misturando cavalos e motores, *entrelaçando* duas mentalidade diferentes, é obter um resultado funesto: amarrar os motores aos cavalos, *perverter* a mentalidade própria do Cavalariiano, inutilizando-o e não conseguindo realizar a verdadeira unidade couraçada.



Os adversários apressam-se para uma decisão antes do inverno

(Extraído de "NEWSWEEK" - 31/VIII/42)

Tradução do Cel. J. B. MAGALHÃES

Em todo mundo, os exércitos, forças aéreas e marinhas, estiveram atarefados na última semana (*). Lutariam uns contra outros e contra um inimigo comum: a aproximação do inverno. Uma coisa parece evidente: — todos estavam com seus horários atrasados. Veio agosto e as batalhas decisivas não foram efetuadas. Os germânicos estavam retardados. A batalha de Stalingrado, visivelmente o ponto crucial da Campanha do Sul da Rússia, apenas começou. Enquanto não for ganha, os avanços germânicos na região do Cáucaso não têm significação estratégica.

No Oriente Médio, tão ligado com os acontecimentos da Rússia, ambos os partidos sentiram a necessidade de agir rapidamente. Os britânicos renovaram seu comando no Egito e constituíram um exército autônomo no Irã e no Iraque.

O eixo reforçou o norte da África em homens e materiais.

O ainda fechado *front* de W. era o mais atrasado de todos. O grande *raid* aliado de Dieppe, alarmou os germânicos, não foi, porem, uma invasão e dentro de algumas semanas a névoa e as tempestades cairão sobre o *Canal*. As fortalezas voadoras americanas entraram em ação e os maiores comboios dos EE. UU. chegaram à Grã-Bretanha. Isto indica que a segunda frente tornou-se iminente, mas já na chegada do outono.

No longínquo Oriente, os japoneses deixam passar um precioso período, do bom tempo na Sibéria, sem desencadea-

(*) A última semana de agosto.

rem o esperado ataque à Rússia. Outros exércitos japoneses, perdem suas recentes conquistas na China. A situação no Pacífico torna-se melhor para a Marinha Americana.

DIEPPE

Cruzando o *Canal* durante a noite os aliados numa raide marítimo atingiram uma extensão de cerca de 18 km e em seis pontos, de um lado e de outro do *Dieppe*.

O objetivo principal da operação, conforme a ordem do chefe geral dos comandos, o Vice-Almirante Lord Louis Mountbatten, era tatear as defesas germânicas ao longo da costa francesa, no ponto tido por mais forte. A operação concretizava-se pela destruição de baterias, estações de rádio usadas no serviço contra a navegação aliada e pela captura de prisioneiros para a obtenção de informações.

Foi o maior raide até então realizado e o primeiro em que se empregaram tanques e em que se agiu em plena luz do dia, e no qual tomaram parte importantes efetivos americanos e canadenses que tiveram a oportunidade de se medirem com os germânicos, no continente.

O COMBOIO

Com os executantes do raide, 22 correspondentes de jornais e empresas de rádio, atravessaram também o Canal. Na escuridão da noite, faces pintadas, calçados de botas militares e pesadamente armados, encheram os barcos.

Cerca de 450 dos excursionistas eram Canadenses, mas havia veteranos dos "comandos britânicos", franceses combatentes e outros aliados, inclusive unidades *americanas de batedores* (United States Rangers), o equivalente *yank* dos comandos.

Sobre as *plácidas* águas do Canal, poeticamente iluminadas por um meio luar, o comboio moveu-se em direção à França. Além dos navios de guerra ingleses, a força naval compreendia um *destroyer* polonês e caçadores de batalha franceses. Havia

ainda sombrias embarcações de tanques, carros de assalto, lanchas automoveis, barcos torpedeiros, barcos canhoeriras e *destroyers*. A maior parte deles fez a travessia sem acidentes. Alguns chocaram-se com barcos patrulhas dos nazis e tiveram de ser socorridos.

Os germânicos deram o alarme. Já próximo à praia, subitamente rugem os canhões da defesa e o matraquear das metralhadoras invade os ares. Vê-se à meia luz do dia que nasce o porto e os molhos do cais. Ouve-se um grande estrondo e vê-se um clarão deslumbrante, em terra, perto do porto. Eram as bombas da R.A.F., lançadas ao longo da borda do mar, a qual procurava fazer uma cortina de fumaça, com suas pesadas bombas carregadas de alto explosivo e substâncias fumíginas.

O ATAQUE

A Leste de Dieppe, grupos de choque avançam para *Berneval* e *Puys*. Uma outra força atacando no flanco Oeste, procura caminho por *Varengeville*. Aqui um grande incêndio revela a conquista de um objetivo — a destruição de uma bateria germânica de 150 m/m. Uma outra força aborda *Pourville* e penetra cerca de 25 Kms. pelo vale do *Scie*, antes de ser detida pela artilharia germânica.

O ataque principal, porém, foi lançado contra Dieppe mesmo. Foi precedido de um forte bombardeio naval que foi assim descrito pelo correspondente da *Associated Press*:

“Projéteis da artilharia pesada britânica de bordo, começam a rugir por cima de nossas cabeças. Olhando com o binóculo podíamos vê-los chocarem-se contra o amontoado de casas, outrora sagradas pelas *luas de mel* dos bretões...”

Paulatinamente, os canhões britânicos foram derrubando as casas em torno dos metralhadores e fuzileiros germânicos por elas protegidos. Em meio das casas destruídas também se viam tropas aliadas correndo e parando para fazer fogo.”

Subitamente, a barragem irrompe. Tanques, muitos dos quais feitos na América, galgam as rampas. Sob uma saraivada de balas, os tanques atravessam rapidamente a praia. A ba-

talha da praia foi rapidamente levada a efeito com plenitude de forças, assinala o representante da British Press Associated. "Bombardeiros e caças britânicos enchiam o céu como abelhas em torno da colmeia." "O estrondo dos canhões, uma cortina de fumaça... enchiam o ar..."

Chegam radiogramas dos tanques, dizendo: "Estou no passeio perto do cassino", cuja resposta é: "procure ninho de metralhadoras à sua esquerda."

Ajudado por engenheiros, com cargas de destruição para abrir as barreiras contra tanques, a infantaria e os tanques canadenses chocam-se contra a retaguarda dos germânicos nas estreitas ruas de Dieppe. Outras tropas operando canto O. da praia, à sombra do castelo velho de 500 anos, o Castelo de Dieppe, tomam o cassino, que os germânicos haviam transformado em fortaleza. Outras ainda, apoderam-se do aeroporto.

Enquanto isso, os comandos que atingem a terra em Puys caem numa armadilha. Aparecia uma rampa bem em sua frente, coberta por guerreiros germânicos. Estes estavam de posse de um par de casas bem em cima da rampa e podiam atirar contra o interior dos botes. Infantes canadenses foram aí mortos e meia dúzia de homens com capacetes e uniformes cinzentos caíram das janelas ao sólo.

"Um oficial dos aliados atirou com sua Sten, consumindo uma carga e meia de munição, abateu, pelo menos um nazi, mas morreu ferido na cabeça. Um marinheiro perto dele foi ferido no pescoço, um outro levou um estilhaço nos ombros. Retiramo-nos, sob um fogo infernal... foi o único lugar de onde fomos temporariamente expulsos."

O responsável pelo raide britânico foi o Major-General James Hamilton Roberts, de 51 anos de idade, detentor da Cruz Militar da última guerra e pai de três filhos atualmente no Exército. Sentado num pequeno apartamento de seu *destroyer*, fez pedir uma cortina protetora de fumaça para sua tropa do Oeste. Em poucos minutos estava feita. Homens em outra praia estavam sendo atacados pelos Folk-Wulf 190, chamou os *Spütfires* e em menos de um minuto intervieram e dominaram a situação.

Através de toda batalha, a R.A.F., com 1.000 ou mais aparelhos, estabeleceu uma cobertura protetora, sobre toda a área de operações. Os germânicos viram-se obrigados a lançar reforços de muitas partes da França ocupada, Holanda e Bélgica, mas a R.A.F. manteve o domínio do ar. "A extensão do apoio aéreo, escreveu Alan Humfries, desafia qualquer descrição. Somente um relativo grupamento de borbardeiros germânicos atingiu nossos navios, mas 50 % não regressou às suas bases."

O RESULTADO

A batalha em terra durou 9 horas.

Então, atrás de outra cortina de fumaça, começou o desembarque somente seis minutos após o balanço do feito. Para ganhar tempo os tanques que haviam penetrado a fundo no território foram destruídos. Com eles ficaram muitos mortos e feridos. O ataque custou caro, sendo severas as perdas por morte entre os canadenses. Mas, em compensação, os britânicos tiraram algumas formidáveis conclusões.

Londres declarou depois que o desembarque foi feito em seis praias. Duas baterias e um posto de locação pelo rádio foram destruídos e dois pequenos navios inimigos foram afundados. Além disso, o inimigo teve muitas baixas por morte e um certo número de prisioneiros foi capturado. Os britânicos avaliam as perdas aéreas germânicas em 92 aeroplanos destruídos, além de cerca do dobro de provavelmente destruídos ou avariados, isto é, um terço do potencial aéreo nazi no ocidente.

As perdas aliadas foram de 98 aeroplanos, com trinta pilotos salvos. As perdas navais foram somente, exceto um *razoável grande número* de barcos de desembarque, foi um *destroyer*.

Os britânicos anunciaram os limitados objetivos do raide. Para evitar demonstrações dos patriotas franceses, advertiram-nos pelo rádio e por panfletos no momento do ataque, que não se tratava de uma invasão, e que os simpatizantes franceses deveriam se manter calmos.

CONCLUSÕES

A despeito do clamor germânico, de que a tentativa de uma segunda frente havia falhado, tudo mostra à evidência que o raide de Dieppe foi um reconhecimento a viva força, como disseram os britânicos. Mostra-o a imobilização dos franceses, pedida pelos britânicos, que se privaram, destarte, de uma importante força de cooperação. Mostra-o a ausência de paraquedistas, artilharia pesada e de campanha, etc., que seria razoável usar para a abertura de uma segunda frente.

O raide foi apreciável experiência para as tropas e para o comando de *operações combinadas* no difícil problema de coordenar as *três armas* de combate em terra, no mar e no ar.

Notadamente a R.A.F. demonstrou que poderia assegurar o domínio do ar, para a cobertura aérea da operação, em plena luz do dia, durante longo tempo, protegendo uma *grande esquadra de desembarque* jacente próximo das praias inimigas. No entanto, a grande proporção de perdas, mostrou, em miniatura, o que os aliados devem esperar do ataque para a abertura de uma segunda frente. Um tal ataque comportaria, provavelmente, em sua primeira fase, uma meia dúzia de Dieppes, seguida de um afluxo de forças de invasão, pelos pontos onde houvesse maior êxito, os de menor resistência. Exigiria fortes efetivos prontos para ação nas bases de partida, dos quais muitos seriam de americanos. A questão foi muito bem estabelecida pelo semanário britânico "*The Economist*", nestes termos:

"A possibilidade de não haver número suficiente de tropas britânicas neste país, para atrair da frente russa efetivos relativamente importantes, pode ser admitida. Cálculos desta espécie são necessariamente rudimentares e expeditos e a margem de erros é grande. É certo, porém, que supor um forte Exército Britânico amarrado é também falso. O inimigo possui ainda muitas divisões no Oeste. É perfeitamente verdadeiro que se os germânicos baterem os russos antes de serem atacados a Oeste, a vitória não só será retardada como ressurgirá

o perigo de invasão das ilhas britânicas. Nesse caso, as tropas permanecendo na Grã-Bretanha poderiam repeli-la.

A Europa Ocidental deve ser invadida o mais cedo possível. Não parece, porém, à vista das possibilidades britânicas, que o deva ser antes que hajam afluído em proporção capaz de tornar decisiva a superioridade numérica e de material. Desde a queda da França, ficou planejado que as forças e suprimentos americanos precisariam desequilibrar a balança contra os germânicos."

Biblioteca da "A DEFESA NACIONAL"

Livros à venda:

Instrução da Observação nos Corpos de Tropa — Major Armando Batista Gonçalves	Cr\$ 9,00
Limites do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo	Cr\$ 11,00
Leis gerais da Língua Portuguesa — Ten.-Cel. Altamirano Nunes Pereira	Cr\$ 6,50
Legiões Aladas — Italo Balbo	Cr\$ 16,00
Lições de Topometria e Agrimensura — Cel. Artur Paulino	Cr\$ 17,00
Legislação sobre Sub-Tenentes — Cap. Ayrton Nonato de Faria	Cr\$ 2,00
Morteiros — Cap. Guttenberg Ayres Miranda	Cr\$ 10,00
Manual de Orientação em Campanha — Cap. Antônio P. Lira	Cr\$ 19,00
Manual Colombofilo — Dr. Freitas Lima	Cr\$ 9,00
Manobras de Nioac — Gal. Klinger	Cr\$ 5,00
Mais Uma Carga, Camaradas! — Gal. Benício da Silva . .	Cr\$ 21,00
Manual do Sapador Mineiro — Ten.Cel. Benjamin Galhardo	Cr\$ 16,00
Noções de Topologia — Cel. Arthur Paulino	Cr\$ 6,00
Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino . .	Cr\$ 13,00
Notas sobre o emprego do Batalhão no terreno — Cmt. Audet	Cr\$ 3,50
Notas de Aula — Cap. Cyro Sodré	Cr\$ 9,00
Ortografia Simplificada Brasileira — Gal. Klinger	Cr\$ 4,50
O Serviço de Informações e de Transmissões em Campanha durante uma ação dum regimento de infantaria (caso concreto) — Cap. Geraldo Cortes	Cr\$ 10,50
Organização de Competições entre equipes — Cap. Jair . .	Cr\$ 3,00
O Oficial de Cavalaria — Gal. V. Benício da Silva	Cr\$ 11,00
Oeste Paranaense — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo	Cr\$ 9,00
O Surto do Japão — Major Nicanor G. Souza	Cr\$ 2,00
O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira	Cr\$ 5,00
Os Pombos Correios e a Defesa Nacional - Dr. Freitas Lima	Cr\$ 4,00
O Livro do Soldado — Ten.-Cel. Araripe	Cr\$ 7,00
O Oficial de Informações — A. Mermet — Trad. e aplic. Cap. José Horacio Garcia	Cr\$ 6,50

Cousas Práticas

ADQUIRIR livros
pelo serviço de reem-
bolso postal da secção
de publicidade de
“A Defesa Nacional”.

CAIXA POSTAL N.º 32
MINISTÉRIO DA GUERRA
RIO DE JANEIRO

Serviço rápido e seguro

O adestramento do cavalo d'armas

Capitão HUGO M. BETHLEM

(Continuação do n.º anterior)

5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.º 7

Assunto	Ensinaamentos
Da obediência às pernas. Impulsão. Espora.	<p>Da mesma forma que o cavalo, precisa ser leve na mão, necessita ser leve nas pernas. Interessa que ele desde o primeiro dia de trabalho, responda com precisão e cada vez mais <i>instantaneamente</i>, às ações das pernas. O cavalo, deve atingir o ponto, em que a simples pressão das barrigas das pernas, seja capaz de o reunir, dando-lhe disposição para partir, logo que a mão se descerre, assim como, determine a amplitude de suas andaduras, quando em movimento, conservando porém, a mesma atitude geral e mesmo ritmo. E' essa disposição ao movimento, fruto da reunião das forças do cavalo sob a massa, por determinação do cavaleiro, (engajamento), que se chama impulsão. Dentro das ligações de nosso raciocínio, lembramos que ela só se verifica quando há ausência de reações e quanto mais impulsionado o cavalo, mais leve e brilhante se apresentará. <i>Assim, impulsão é força em estado latente</i>; força adquirida pelo trabalho e reunida pelas ajudas, sob o controle do cavaleiro. Desta forma, a própria imobilidade perfeita, com o cavalo leve e balanceiro colocado por si mesmo, demonstra impulsão em estação. Voltando à obediência às pernas, frizâmos que a pé firme ou em marcha (objetivo que se deve procurar alcançar mesmo no cavalo novo), a pressão de uma perna deve produzir o deslocamento da garupa para o lado oposto ao mesmo tempo que essa pressão, noutro sentido (indicação da</p>

frênte para a retaguarda), possa também produzir o movimento para a frente. Sob esta impressão, compreende-se logo, e é imperioso *não esquecer nunca* em sua aplicação, que a espora, é a *última expressão da perna*. Será seu emprego oportuno, que determinará a maior fineza do cavalo às pernas, e nos entregará pelo aplicação do efeito de conjunto todas as forças do cavalo, em absoluta submissão, em nossas mãos.

Do emprego da espora. Ação primordial da espora e do chicote.

Desde o início da educação do cavalo, deve ser preocupação do cavaleiro, habituá-lo com a espora. Existem as lições especiais, para familiarizar o cavalo com esta, desde, o emprego da espora embolada em pano, passando pela espora sem rosetas, retirando as cócegas do animal, se preciso até com a ajuda do cabeção de guia (R.Eq.). O segredo do êxito está, porém, principalmente, no firme emprego da perna, independente de movimentos involuntários, que dá ao cavalo, pela precisão, uma sensação de calma e domínio e exclue a nervosidade. Força é convir também, que a sequência do trabalho depende muito do temperamento e sangue do animal. É básico, portanto, que para um judicioso emprego das esporas, o cavaleiro esteja de *posse das ajudas*, o que só consegue por intensivo trabalho, capaz de trazer uma completa fixidez, pelo assento, e inteira independência das mãos, ante as reações do animal. Desde cedo, portanto, como dizíamos, o cavalo deve estar apto a sentir a espora em contacto com o pelo, sem nervosismo, abanos da cola, mascar violento, rutura brutal da andadura. Pelo contrário, a continuidade intensiva e gradual do contacto das duas esporas sobre o pelo deve produzir a maior calma. A isto, jogando o cavalo sobre a mão e respondendo este com a leveza, em imobilidade absoluta, corresponde o *mais elevado grau de domínio*, chamado o *efeito de conjunto sob a espora*. É bem verdade, que este em sua aplicação, reúne outros detalhes mas assim exposto, serve para auxiliar nosso raciocínio. Para atingir este alto grau de domínio, é importante que desde as primeiras lições do cavalo, mormente porque as esporas são a última expressão das

pernas, o cavaleiro seja apto a reunir seu cavalo sob as pernas e habituá-lo a fazer corretamente, obrigando-o a se manter o mais possível engajado, o que determinará o máximo de impulsão em cada fase. Será a aplicação conscienciosa do trabalho de "*demarrage*". Focalizaremos este em outra ficha. Aqui aproveitamos para firmar bem, ante o exposto, que a espora reúne o cavalo, enquanto que o chicote o distende. A ação deste tende a arremessar o cavalo na marcha para a frente.

5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.º 8

Assunto	Ensinamentos
Da “demarrage”.	<p>A “demarrage” que não tem em português tradução numa só palavra, consiste num conjunto de operações que na prática se desencadeiam em tempo extremamente curto: toda vez que o cavalo, parado e calmo, está apto a partir, a posição imposta pelo cavaleiro permite a ação das pernas; estas agindo por pressão, que aumenta de intensidade, joga o cavalo sobre a mão, que cerra os dedos; este cerrar, é como uma barreira, que o cavalo encontra pela frente, impedindo o movimento, sem anular porém, o impulso da massa que se deslocou da retaguarda: isto fará aumentar a sua força viva, como a água que repentinamente se repressa; o descerrar oportuno dos dedos, determina a rutura do equilíbrio, tornado mais instavel pela reunião das forças sobre a mão, e como um dique que se rompesse, o cavalo se lança para a frente, fluente e impulsionado. Esta combinação de movimentos exige um tato mais apurado, para que as ações não se contraiem: a ação das mãos, sendo reguladora, deve valer em intensidade à das pernas, cedendo com precisão, quando sente que o cavalo se reuniu sob essas, direito e sem contrações. A sensação se verifica por um prenúncio de leveza, que se executa inteiramente, logo que o cavaleiro cede os dedos. O cavalo parte calmo e leve, balanceiro sustentado por si mesmo.</p>
Quando começa esse trabalho.	<p>A reunião do cavalo sob as pernas, deve começar o mais cedo possível. A princípio os resultados são mínimos, porque ao cavalo falta ainda a flexibilidade necessária para dispor de seu peso, sem modificações de attitude, mas aos poucos vai se tornando mais sensível, até atingir o gráu máximo de engajamento parado, da reunião de forças em estado latente, prontas a romper com qualquer intensidade. E' isto o chamado “rass embler” do cavalo de equitação superior e que podemos definir, de “impulsão em estação”. Com o rassembler, só tomaremos contacto</p>

mais tarde, assim como com o efeito de conjunto sob a espora, aplicável a cavalos mais adiantados e cavaleiros em plena posse das ajudas. A "demarrage" porém, será motivo de nossas preocupações de todo o instante em nossos cavalos, para aumentarmos nosso domínio sobre os mesmos e aperfeiçoar-lhes a impulsão e brilho de andaduras. Será ele, nosso primeiro objetivo no trabalho em linha reta, para conseguirmos em face de seus resultados cousas mais tentadoras. Com ele teremos nossos cavalos leves na perna e por conseguinte leves na mão. Pela aplicação desse trabalho veremos, que dentro em pouco, todas as solicitações que fizermos aos nossos cavalos lhes chegarão com muito maior presteza e precisão, o que permitirá que os mesmos, pela pronta obediência, se tornem cada vez mais agradáveis de montar e mais fáceis em utilizar. O trabalho se inicia até um certo grau de perfeição, do alto para o passo e do passo para o alto, desenvolvendo-se então, uma sequência inversa da precedente. Depois do passo para o trote e do trote para o galope, conseguindo que o cavalo parta ao galope sem alongamento da andadura, calmo e sem alterar a posição do balanceiro e a leveza. Mais tarde ou alternadamente do alto para o trote e do trote para o alto; do passo ao galope e do alto ao galope, até que ele apresente a mesma naturalidade e leveza no partir e no parar. Em qualquer andadura e situação, o processo é o mesmo e os princípios são imutáveis. Tudo depende de um maior tato e lógica na seriação das exigências, que vêm sempre do simples para o complexo. Voltamos a lembrar que a *leveza* é sempre o penhor seguro e infalível de que o trabalho é bem aplicado.

5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.º 9

Assunto	Ensinaamentos
Do cavalo reto. Como se endireita o cavalo.	<p>Uma das maiores dificuldades equestres e pela vitória da qual luta sempre o cavaleiro, consiste em manter e conservar, sem interrupção, o cavalo bem reto, de espáduas e de garupa. Esta é condição essencial para que o animal esteja em equilíbrio. Com efeito, todos os cavalos são mais ou menos recurvados para um lado, principalmente o, esquerdo, quer por mal congênito, quer por más hábitos incutidos na doma e na iniciação — entre eles ter sido sempre trocado apenas numa diagonal. A curvatura tem como consequência, transportar o peso sobre uma espádua e fazer avançar em arco a anca oposta. O animal assim está favorecido para se defender ou pelo menos para resistir a certas ações do cavaleiro. Deve-se procurar corrigir desde o primeiro momento e, muitas vezes, durante todo o adestramento é motivo de preocupações e atenções especiais. O meio mais facil e prático para corrigir, é ensinar o cavalo, a tomar, à vontade do cavaleiro, a curvatura inversa. A insistência hábil em contrariar sua tendência quer parado, quer em movimento para a frente ou para traz, se procede portanto, mão grado o trabalho normal, em todas as fazes e momentos do adestramento e se <i>executa unicamente pela ação das mãos</i>. Quem endireita o cavalo, em princípio é a rédea de abertura, sem que o cavalo dobre o pescoço. E' preciso se esforçar o cavaleiro para em absoluto, <i>não auxiliar com as pernas nem empregar o efeito diagonal de rédeas</i>, que agindo sobre o post-mão o desloca primeiro, o que permite, cessando ação, que ele volte a posição anterior, sendo por conseguinte, <i>absolutamente errado</i>, mobilizar a garupa em torno do antemão para endireitar o cavalo. E' a rédea de abertura — que quando muito se transforma em diréta — que sobrecarregando com o peso do pescoço a espádua do lado em que age, obriga que a mesma se desloque com o antemão para a linha da garupa, que se mantém imóvel. Desta forma anula a curvatura do cavalo, o que facilita ao</p>

mesmo a justa repartição do peso sobre os 4 membros, estabilizando o equilíbrio.

descida de mão de perna. Munção de andaduras e velocidade de trabalho em linha reta. Recuar.

O segundo objetivo a atingir em equitação, com o aprimoramento da impulsão, conseguida pelo emprego continuado da "demarrage", é que o cavalo dispense o mais cedo possível as ajudas do cavaleiro. Isto é, a pé firme ou em marcha, ele deve conservar a posição dada pelo cavaleiro, enquanto este não a modificar, assim como o mesmo brilho e fluência de atitude. Para isto o cavaleiro, começa por preparar sua montada, para ser capaz de dispensar as ajudas. Experimenta desde cedo, logo que ache possível e a todo o momento, a fazer descidas de mão e de pernas. Faz descidas curtas e incompletas a princípio, mas desde que o pescoço baixe, que a cabeça perca a sua fixidez ou que o equilíbrio se perturbe ele se apressa a intervir, sem precipitações, para se opor a toda alteração, na atitude geral do cavalo, que deseja manter. Chega-se no entanto a obter, longas descidas de mão e de perna. É assim que o cavalo aprende a *se sustentar por si mesmo*. É utilíssimo durante todo o trabalho, as variações de andadura e de velocidades, em linha reta, que reúne uma série de vantagens para atingir os diversos objetivos em mira. Do alto ao passo, ao trote e ao galope, e ao recuar, e todos os movimentos inversos e suas combinações, inclusive o alargar e encurtar as andaduras, devem ser empregados a todo o instante, desde o início e por todo o desenrolar do adestramento. Para recuar, o cavaleiro aplica todos os princípios da marcha para a frente: reúne o cavalo, pede a leveza, e mantendo-o bem direito, inicia o movimento por ações alternadas de rédea direta aplicadas em conjunto; auxilia o movimento com o peso do corpo. O movimento começa com a elevação do posterior, passo cadenciado e apoiado, sem precipitação e leve. Não se abusa desse movimento: arruina os jarretes.

5.º R. C. D.

Instrução de equitação dos Officiais

Ficha n.º 10

Assunto	Ensinamentos
<p>As rédeas. A rédea intermediária. Espaduas a dentro.</p>	<p>Qualquer uma das rédeas típicas (vide R. Eq.), que aplicada corretamente, percorre a gama de ações e intensidades e vem desde a abertura, passando pela direta, termina em contrária de oposição, representa em qualquer um dos pontos de seu percurso, uma <i>rédea intermediária</i>. Com efeito, desde que o cavaleiro, é senhor das ajudas e dos princípios equestres, aplica as rédeas, correta e oportunamente, durante o desenvolvimento do trabalho, nunca, no entanto, uma mesma rédea num mesmo cavalo é rigorosamente aplicada num mesmo ponto — ela tem uma certa flutuação que a prática e o bom senso demonstram. A propriedade de saber aplicar, sem alterações sensíveis, qualquer uma das rédeas, transformando-a com tato e oportunidade, de abertura, em direta e contrária de oposição, é que permite ao cavaleiro, as ações intermediárias que determinam o trabalho de <i>espaduas a dentro</i> — segredo de toda a arte equestre, como lhe chama Salins — O cavalo que executa um oito de conta, com correção, em espaduas a dentro, em qualquer andadura, atingiu o coroamento da primeira parte de seus trabalhos. Daí em diante, é a busca apenas de aperfeiçoamento e enriquecimento de seus conhecimentos. E' sem dúvida o trabalho de espaduas a dentro o mais completo flexionamento durante o adestramento. E' preciso firmar, que sendo um flexionamento é <i>um meio</i> e não é o único, embora indispensável. Chama-se "<i>espaduas a dentro</i>", porque o cavalo mantém sempre, o peso da massa sobre a espádua de dentro do circulo, o posterior de fora, sobre-pista o de dentro, o que determina, que a pista descrita pelos posteriores seja menor que a descrita pelos anteriores, não devendo, nunca, se adiantar à linha dos anteriores. Durante todo o trabalho o cavalo deve se manter leve, impulsionado, no mesmo ritmo e velocidade. Quem determina esta volta nesta atitude é a <i>rédea contrária de oposição</i> (5.º efeito. R. Eq.) que flutuando em posições intermediárias, entre</p>

a rédea direta e a citada, obtem por ações alternadas e sob a manutenção da impulsão pelas pernas, que o cavalo complete a volta, da forma porque foi descrita. A ponta do chanfro fica para fora da curva e o cavalo se mantém meio encurvado, com a ponta da anca do mesmo lado, também para fora. Obrigatoriamente, o posterior deste lado, transpista o outro. *O máximo desse movimento é a pirueta dirêta*, que é a volta completa sobre a garupa, em que o posterior de dentro gira no mesmo lugar ou marca passo, enquanto o outro transpista, inteiramente, perfazendo, pelo menos, um arco de círculo de 180°. Como a posição precede a ação e a das pernas vem antes que a das mãos, a perna de fora corre para traz da cilha como reguladora, sustentando a garupa e a de dentro ativa, mantem o movimento pela impulsão. Quando esta mesma rédea, partindo da *ação dirêta*, atinge posições intermediárias, entre esta e a de abertura, e a perna determinando a posição e a ação na mesma atitude anterior, mantem a mesma curvatura do cavalo, ele faz uma volta para o mesmo lado, sendo que os posteriores acompanham a pista traçada pelo antemão, num círculo maior o de dentro transpistando o de fora. *O máximo desse movimento é a pirueta inversa* — em que o cavalo gira sobre os anteriores, deslocando a garupa, por transpistamento, num arco de círculo pelo menos de 180° no mesmo lugar. O movimento completo é o que determina o oito de conta ao passo e ao trote, com a rédea de um só lado e uma só posição e ação das pernas, que partindo da rédea dirêta, assume posições intermediárias até a rédea contrária de oposição, fazendo cada círculo num desse empregos de rédea.

5.º R. C. D.

Instrução de equitação de Oficiais

Ficha n.º 11

Assunto	Ensinamentos
Treinamento para aplicação das esquadras a dentro.	<p>A sequência aconselhada, para ir dispondo o cavalo a compreender as esquadras a dentro, consiste inicialmente, em torná-lo absoluto conhecedor das rédeas em todas as andaduras, respondendo com perfeição às solicitações. Assim o cavaleiro insiste em que sua montada execute voltas e meias voltas com a rédea de abertura e dirêta sem se atravessar, balanceiro sustentado e leve e o mais cedo possível dispensando a continuidade das ajudas. (Dada a indicação o cavalo executa, mantendo o brilho das andaduras, ou seja se sustentando por si mesmo). O mesmo com a rédea contrária de oposição, em que as voltas devem ser feitas, com o transpistamento do posterior e com os característicos anteriores. Assim o cavaleiro procura obter, que seu cavalo deixe o mais possível a pista ao passo e depois ao trote, pelo efeito da rédea de abertura completando a meia volta, com a transformação dessa em rédea dirêta. A outra é reguladora, o cavalo não pode entortar o pescoço para o lado da ação, nem jogar bruscamente a esquadra para dentro da curva, ou virar a ponta do chanfro para fora mantendo a esquadra para dentro, atravessando em consequência a garupa. Os posteriores devem acompanhar a mesma pista traçada pelos anteriores, esboçando o transpistamento. Em seguida, deve o cavalo poder sair da pista, primeiro ao passo e depois ao trote, sob a ação da rédea de abertura que pela diversas posições intermediárias faz que ele complete a meia volta invertida, na atitude final de contrária de oposição. Desde o momento em que ela vai se transformando assim, a ponta do chanfro fica para fora, o cavalo se arqueia para dentro da curva e o posterior de fora, transpista o de dentro. A cabeça se sustenta por si mesmo, o cavalo leve, dispensando também o mais cedo possível a continuidade das ajudas. Outro movimento consiste em sair o cavalo da pista, com a rédea dirêta e completar as mesmas figuras, nas mesmas atitudes descritas. Outro</p>

ainda é sair da pista, com a rédea contrária, que se transforma em posições intermediárias em direta, completando assim a meia volta invertida. Outro, sair da pista ainda com a rédea contrária, mas então de oposição e completar a meia volta com a mesma. Variando essa serie de ações combinadas, primeiro ao passo, depois ao trote curto sentado e finalmente ao galope, o cavalo começa a apresentar uma extrema flexibilidade que se sente logo pelo aumento da impulsão e domínio, tornando-o desde logo extremamente agradável de montar. *O coroamento desse trabalho*, consiste em executar o oito de conta perfeito, como já dissemos, *com uma só rédea ativa* que se transforma a cada momento, passando por todas as posições intermediárias, desde a de abertura a contrária de oposição, todas elas apenas, dando indicação e o cavalo, se mantendo por si mesmo. *Volto a lembrar que a posição precede a ação e as de perna as de mão.* Assim as pernas quando se ajustam a de fóra é da posição (ação passiva, reguladora que sustem a garupa), a de dentro na impulsão (ação ativa mantedora — dentro do ritmo da andadura — do movimento). O cavalo que completa este movimento, leve, calmo, impulsionado, sem se atravessar e se jogar para dentro ou fora da volta, está apto a enfrentar qualquer exigência do trabalho futuro, quer no picadeiro ou no salto. *E' um cavalo dominado.* Importa lembrar sempre, porém, que esse trabalho é *um meio* e não um *fim*. Portanto tendo em vista sempre a franqueza no movimento para a frente, apoiado e calmo, executar o trabalho citado com discreção em tempos breves, contentando-se com pequenos resultados, e após cada serie lançar o cavalo sempre para a frente, num trote largo, calmo e equilibrado. E' preciso ótrossim, nunca esquecer, que o cavalo tem que estar sempre na frente das pernas, e importa constantemente verificar se a ação franca das pernas, lança-o decisiva e calmamente sobre a mão, respondendo às solicitações com a leveza.

5.º R. C. D.

Instrução de equitação de Oficiais

Ficha n.º 12

Assunto	Ensinamentos
Partidas a galope.	<p>Para o desenvolvimento do trabalho, o cavalo, desde cedo, deve saber partir ao galope, pelo comando das ajudas e não somente pela ruptura do equilíbrio, em face do aceleração do trote — meio aliás condenado — (R.Eq.). No entanto, as partidas certas ao galope exigem um certo adeantamento do cavalo, que precisa estar mais senhor das ajudas e mais habituado a se reunir sob as pernas do cavaleiro. Apesar disso, porém, o cavaleiro, mantendo-o sempre em círculo e aplicando os princípios da “demarrage” consegue muito rapidamente, do trote, partidas ao galope calmo e fluente, com o animal sustentando a cabeça por si mesmo. Para isso, favorece o seu cavalo, fazendo-o conservar pela ação da rêdea diagonal, a ponta do chanfro ligeiramente para fora da curva; dispõe o seu próprio peso para traz e para fora, mantém a perna de fora na posição atrás da cilha sustentando a garupa, e a de dentro assegurando a impulsão, na frente da cilha fica pronta a agir, — (tudo isto constitui a posição). — As pernas, em seguida, reunindo francamente o cavalo sob a massa, atiram-no sobre a mão que cerra os dedos, (demarrage), predispondo-o a partir; a perna da impulsão num gesto de “pinçalada” pede o movimento, os dedos se descerram e o cavalo parte certo. (Toda esta decomposição sofre intervalos mínimos de tempo, como a prática demonstra). Se o cavalo parte errado, precipita-se, desorganiza-se, levanta a cabeça, foge ao apoio, acelera o trote e não parte: retomar o passo e se preciso o alto; descontraí-lo e repetir a operação, indo primeiro ao trote. Dentro em pouco tempo o cavalo aprende a partir em qualquer pé, do trote bem curto e finalmente do passo, seguindo a mesma técnica. Será importante então que ele se habitue a alongar e encurtar o galope, sem alterações em sua atitude (ritmo, leveza, sustentação do balanceiro, apoio), mantendo-se em linha reta ou em círculo, <i>sem se atravessar</i>. Lembremos mais uma vez, que em qualquer andadura e si-</p>

tuação, é em princípio, a rédea de abertura que endireita o cavalo. Nunca os efeitos diagonais ou ações de perna).

Das partidas ao galope, do alto absoluto. Objetivos desse trabalho.

As partidas ao galope, do cavalo parado, além de constituir um destacado grau de adestramento, é também, um magnífico meio de aumentar o domínio sobre o animal, facilitando o seu maior engajamento. Mesmo no cavalo, que se destina especialmente ao salto, elas se justificam e, muito especialmente, no cavalo d'armas, que deve ser exímio neste movimento e no seu inverso ou seja passar do galope ao alto. O cavaleiro, quando no desenvolvimento de seu progresso, atinge um ponto em que é senhor das ajudas, precisa cada dia, aperfeiçoar os meios de exigir os movimentos de sua montada. Assim, no desenrolar do adestramento do seu cavalo d'armas, no trabalho ao galope, deve estar apto a conseguir a partida do mesmo *no talão dirêto*. De fato, há duas maneiras de partir ao galope: *no talão inverso ou contrário* e *no talão dirêto*. A primeira forma, em última análise, consiste no processo anteriormente descrito, meio elementar de se obter o movimento, aplicando-se entretanto, pelo progresso do cavalo, para pedir o galope partindo do alto. É o meio normal de obtê-lo, do cavalo novo e, mais fácil de realizar pelo cavaleiro, que ainda não atingiu um pleno domínio das ajudas. Ao solicitar o galope por esse processo, devido a ação diagonal, o cavalo ligeiramente se atravessa, jogando a garupa para dentro, especialmente, se é para o lado em que é mais torto, ou menos direito. Contraria-se portanto, em parte, o princípio de partir certo e de manter sempre em todo o desenvolver de qualquer trabalho, o cavalo réto. A partida *no talão dirêto*, se procede sob a ação da rédea dirêta e perna do mesmo lado, sendo a outra, a da posição. O cavaleiro reúne o seu cavalo, (demarrage), age com a perna, os dedos se descerram e o cavalo parte. *Parte réto*. Note-se no entanto, que ele só executa assim, o movimento, quando o "rassembler", lhe é familiar. Seu engajamento é, portanto, extremamente elevado.

Continua

CARTILHA DA MOCIDADE

Noções de Higiene e Primeiros Socorros
Educação Moral - Civismo

Publicação autorizada pelo E. M. E. e aprovada pela Diretoria de Saúde do Exército

Capitão MICALDAS CORRÊA

Bibliotéca de "A Defesa Nacional"

PREÇO Cr\$ 6,00

"Aqui reuniu rápidas lições, faceis e nítidas, sobre higiene, educação moral e civismo, destinando-as aos sorteados, principalmente. Este pequeno volume, entretanto, poderá ser adotado nas diversas escolas com grande proveito.

.....

Tudo isso sem pompas, verbalismo e frases, numa sintaxe lúcida — sujeito, verbo, atributo — simplificada, facilitada, afeiçoada à compreensão.

.....

E' um livro oportuno e generoso. Há, no Brasil, ainda, cerca de oitenta por cento de analfabetos. Mas, os alfabetizados reclamam educação. Aí está o fim deste volume".

ELOY PONTES

"Para leitura do adulto que se alfabetiza não haverá em língua nacional nada tão inteligente, tão equilibrado e tão completo.

.....

... tem-se que salientar a forma — clara, direta, limpa; o método — de um forte poder persuasivo, pois que tudo se desenvolve espontaneamente, com apelo a associações muito hábeis; a substância — sempre do melhor quilate.

Temas delicados e fundamentais, que vêm recebendo um tratamento irritantemente inepto por parte dos abundantes empreiteiros da literatura "moral e cívica", surgem na "Cartilha da Mocidade" em termos inteiramente novos, cujas características são bom gosto e objetividade".

UMBERTO PEREGRINO

A D.I. GERMÂNICA

Pelo Ten. Cel. LOUIS S. N. PHILLIPP

Instrutor de Cavalaria, da Escola de Comando
e E.M. - Extraído da MILITARY REVIEW

Tradução do Cel. J. B. MAGALHÃES

Desde 1939, a atenção mundial preocupou-se com o surto de uma nova doutrina militar, tática e estratégica. Novas expressões entraram no vocabulário militar: — “Blitzkrieg”, “Panzer”, “Stukas”, encercamento, guerra total e foi propagado o vírus da “invencibilidade germânica no campo de batalha”. Fizeram uma campanha, que é parte integrante de sua guerra psicológica para nos fazer acreditar que seus sucessos no campo de batalha são o resultado de novas e deslumbrantes doutrinas de guerra. Cuidadosamente, não mencionavam o fator realmente decisivo dos seus êxitos.

Podem, sem dúvida, as batalhas modernas ser iniciadas com rápidas rupturas de divisões blindadas apoiadas por uma poderosa força aérea, serão, porém, ganhas pelas tropas de campanha que se movam protegidas por esta cortina de montanhas de aço e que guardem o terreno conquistado. A infantaria é ainda a “rainha das batalhas”. As armas e serviços que facilitam sua tarefa são suas auxiliares.

Os princípios da guerra ativa não são novos. São tão velhos quanto ela mesma. Apenas novidade é a aplicação ou o moderno significado prático desses princípios. Esta é a fisionomia da guerra moderna que os nazistas pretenderam apresentar-nos deformados enquanto nossa atenção estaria voltada para as proezas das batalhas de tanques e dos bombardeiros de mergulho.

Um exame da organização geral das unidades de combate germânicas, mostra a proporção relativa de forças, mais ou menos, assim distribuídas:

D. I., normais	70,0%
D. I., leves	1,1%
D.I. Mot.	5,3%
D. I. de Montanha	1,8%
D. C.	5%
Divisões Blindadas	6,2%
Divisões transportadas	15% (estimativa)

Não estão aqui incluídas as S.S. ou divisões da Landwehr, nem corpos especiais. E' significativo, no entanto, que a infantaria compreenda mais de 75% das forças de combate do Exército Germânico.

Afim de se compreender a organização militar germânica é preciso considerar o princípio geral adotado modernamente pelo Grande Estado Maior, o qual passamos a resumir. "O elemento fundamental é a *flexibilidade*, aplicada tanto à organização como em relação ao armamento, os serviços é o emprego tático das unidades no combate. A organização mais flexível é a *ternaria* (triangular). A infantaria das divisões é portanto, ternaria. No entanto, a organização das *divisões panzers*, cujo sucesso resulta do choque sucessivo de suas massas de tanque é quaternária (square). Assentando nesse elemento fundamental, a *flexibilidade*, surgem outros quatro elementos básicos, ou princípios:

- 1) — O da unidade tipo (Einheits-gruppe);
- 2) — O da auto satisfação das necessidades táticas;
- 3) — O da auto satisfação das necessidades administrativas;
- 4) — O dos grupamentos de *marcha e combate*;

Na precisão da expansão de seu exército de uma centena de milhares de homens numa grande Wehrmacht de milhões, os nazis tiveram a idéia da *standirzação da esquadra*. Todos, des-

tinados a infantaria, engenharia, cavalaria, motociclistas ou ciclistas, infantaria blindada, são organizados em *Eriheistsgruppe* e recebem o mesmo armamento e instrução. A primeira instrução técnica é dada quando são afetados aos diversos destinos. O grande valor deste sistema jaz na standirzação da instrução básica e no fato de que as *esquadras* podem ser transferidas de uma arma par outra necessitando apenas uma instrução adicional mínima para o combate.

Cada unidade de combate, da *esquadra* à *divisão* foi dotada com o armamento indispensavel ao sucesso num combate normal, o que as faz taticamente auto-suficientes. Cada escalão, desde o pelotão até à Divisão, tem armas de trajetória tensa e curva. Para assegurar a mobilidade as armas são puxadas por tração animal ou transportadas. A artilharia das D.I. germânicas é de hipo-tração. Só há exceção para as unidades de artilharia de trincheira (Cia. de R.I. ou Btl. das D.I.) as quais são inteiramente motorizadas.

O sistema germânico de reaprovisionamento é simples e flexível. Em campanha, o Exército reaprovisiona a *divisão* por *batalhão*. As colunas motorizadas do Exército levam os reaprovisionamentos até encontrar os trens divisionários, estes até os trens de batalhão. O trem regimental, chamado "coluna leve de infantaria" (light infantry column) encarrega-se do remuniciamento do regimento. Cada trem de batalhão é dividido em seções: combate, víveres e bagagem.

Os trens divisionários que ordinariamente se formam de oito colunas leves e duas ou mais colunas de combustível (óleo e gasolina) são capazes de transportar duzentas toneladas, as quais, em obediência ao princípio da flexibilidade, são arranjadas em lotes de 30 a 60 toneladas para facilidade de manejo e transporte.

Ocorre às vezes a necessidade de reforço da Divisão com um ou mais batalhões, o que se torna muito simples com o sistema germânico de reaprovisionamento, bastando acrescer o número de colunas leves do trem divisionário. O mesmo se dá com os reforços de artilharia.

As Divisões germânicas marcham geralmente em duas ou mais colunas capazes de se engajarem em combate. Frequentemente toda a Divisão empenha-se assim na luta, antes que o seu comando assuma o controle direto dos acontecimentos.

O êxito de tais operações depende essencialmente da cuidada instrução dos comandos e dos escalões subordinados. Todos são preparados para tomarem iniciativas e agirem energeticamente em quaisquer circunstâncias.

Afim de melhor expormos a organização da D. I. germânica e compreendermos o emprego tático de suas unidades, vamos imaginá-la em ação.

A D. I. está marchando em três colunas, por estradas paralelas, na expectativa de imediato encontro com o inimigo e constitui-se dos elementos que figuram no esquema n. 1.

O grupo (squadron) de reconhecimento divisionário, precede a divisão de um dia de marcha, com suas unidades motorizadas e montadas (1). Está armado de fuzis (rifles) e de nove metralhadoras e tem um efetivo de cerca de 200 homens. As tropas ciclistas que entram em sua composição, têm cerca de 236 ciclistas e 20 motociclistas (com *side car*) e são similitaneamente armadas. Em apoio a estas duas tropas, seguem uma força provida de armas pesadas: — um pelotão com três carros blindados de 4 toneladas; um pelotão de 4 metralhadoras pesadas, meio pelotão de morteiros de 81 m/m (1 mort.), 1 pelotão de obuses de cavalaria de 2 peças de 75 m/m e um pelotão anti-carro com peças de 37 m/m rebocados por *trucks* ou tratores leves.

Os três carros blindados, apoiados por motociclistas, operam bem para a frente, reconhecendo as estradas livres. Seguem-nos ciclistas ou cavaleiros que esquadrinham os caminhos, trilhos e recantos do terreno. No caso de encontro com o inimigo, os meios do grupo são suficientes para varrer forças livres mas incapazes de vencer resistências mais fortes.

O pelotão anti-carros entra em ação no caso de encontro com um inimigo mecanizado.

(1) Foi constituído na mobilização por desmembramento dos R. C.

O grupo de reconhecimento pode ter de agir ofensivamente em qualquer circunstâncias.

Suponhamos que, reconhecida uma resistência inimiga, o grupo de Reconhecimento rebateu-se para um planco. A infantaria começa a surgir (esquema n. 2). Avança provavelmente abrindo em leque por colunas de *esquadras* (squad) com metralhadoras leves. Cada esquadra avança livremente aproveitando as vantagens do terreno. Desde que as metralhadoras leves entram em ação, os homens armados de fuzil avançam procurando flanquear a resistência. Todos oficiais e soldados germânicos aprenderam a reconhecer e julgar o valor de uma resistência inimiga.


Desde que um objetivo foi localizado, os morteiros leves entram em ação e sob a proteção de seu fogo e das metralhadoras leves, os fuzileiros avançam para se apoderar da posição inimiga. Quando chegam a distância conveniente, sacam suas granadas de mão para imobilizar o inimigo e carregam a baioneta. Efetuam ligações laterais e frequentemente elementos de uma Companhia manobram para auxiliar os de uma unidade vizinha detida por uma força inimiga.

Se as forças inimigas são demasiadamente resistentes para serem dominadas pelos elementos avançados, as armas ofensivas da companhia e do batalhão entram em ação. Há ação muito descentralizada nas unidades germânicas. Cada comando age de modo decididamente agressivo para conquistar seus objetivos e auxiliar seus vizinhos. Parte ou todas as armas automáticas podem ser concentradas num ataque enquanto forças de manobra procuram atuar pelos flancos extremos da posição inimiga. A Companhia pode ser reforçada com metralhadoras pesadas e morteiros de 81 m/m da Cia. Metr. P. do Batalhão, ou mesmo com morteiros de 75 m/m da 13.^a Cia. do Regimento. As Cias. Metrs. P. do Bat. são constituídas de três pelotões de quatro metralhadoras pesadas e um pelotão de seis morteiros de 31 m/m. A 13.^a Cia. dos R.I. têm três pelotões de dois morteiros de 75 m/m e um Pel. de dois morteiros de 150 m/m, para apoio das Cias. de Fuzileiros. Os morteiros são empregados pelo comando do R.I. de acordo com a situação.

Uma ou mais armas podem ser dadas em apoio de uma só companhia ou um ou mais pelotões em apoio de um Btl. Operam suficientemente avançados para dar assistência aos progressos da infantaria.


Não se deve esperar que os germânicos estabeleçam uma linha continua ao longo da frente. Seu sistema consiste em ocupar os pontos fortes do terreno, deixando intervalos entre as unidades. Esse procedimento é deliberado em vista da sua manobra favorita de envolvimento. Se o inimigo procura retirar-se por sentir o perigo de ser flanqueado, os germânicos trazem um batalhão da retaguarda e o lançam vigorosamente contra ele. Não esquecer que seu princípio fundamental é "a ação agressiva".

Suponhamos que o inimigo se cobrisse com um obstáculo na frente de sua posição, cuja transposição requer o trabalho da engenharia (pioneiros). Em cada Cia. de Fuzileiros de um R.I.



Instrução da Observação nos Corpos de Tropa

do Major **BATISTA GONÇALVES**



Livro indispensavel na biblioteca
DE QUALQUER MILITAR

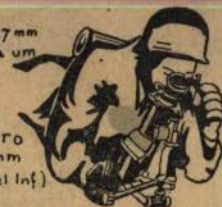
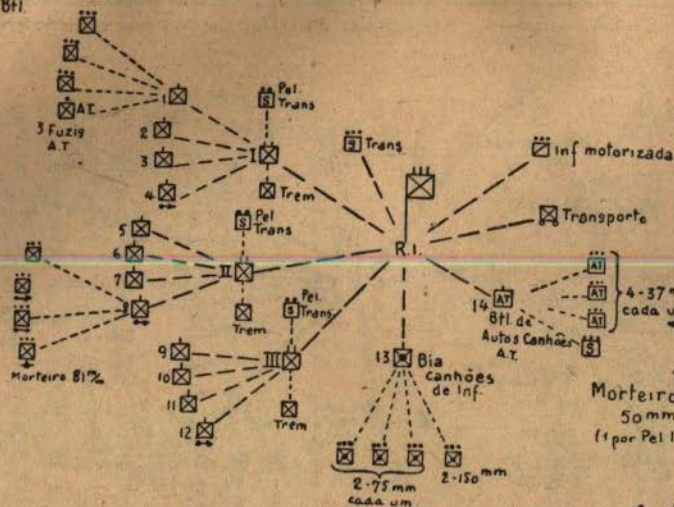
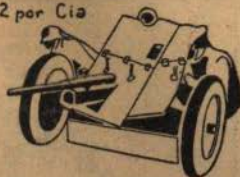
PREÇO Cr\$ 8,00 - PELO CORREIO Cr\$ 9,00

À venda na A DEFESA NACIONAL

Morteiro 81 mm
6 per Cia Mtr 81



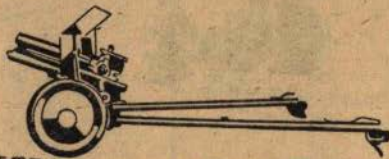
Canhões A.T. 37^{mm}
12 por Cia



Morteiro
50 mm
(1 por Pel Inf)



Metralhadora Modelo 34
4 por pel Mtr.



75 mm (2,95 polegadas) Canhão leve de Inf.
(6 por R.1)



Canhão pesado de Inf. 150^{mm}
(2 por R 1.)

há homens instruídos como pioneiros, os quais podem ser rapidamente reunidos para semelhantes tarefas.

Se a situação requer meios especiais, o Btl. de Engenharia da D.I. intervém rapidamente. Os *engenheiros* foram instruídos para agir na frente, às vezes mesmo avançados em relação à infantaria. O B.E. constitui-se de duas companhias parcialmente motorizadas, uma companhia motorizada pesada, uma equipagem de ponte, parque de ferramentas (tools) e de reaprovisionamento do B.E.

Entre outros recursos transportados pelo B.E. há um certo número de botes leves e meios de travessia de cursos d'água. Observadores competentes tem referido a eficiência das tropas de engenharia germânicas.

Se o engajamento se tornou geral, os agrupamentos de combate passam a ser controladas pelo comando da D.I. e o batalhão de transmissões estabelece as ligações entre o P.C. da D.I. e os comandantes das unidades, e com a próxima maior unidade de sua direita. Este princípio da ligação com a unidade da direita é invariável e aplica-se em todos os escalões. O Btl. Trans. tem uma Cia. Rádio e uma de telefonia com fio. Ambos os sistemas de transmissões são estabelecidos o mais cedo possível.

A artilharia divisionária, que pode ter sido empregada em apoio de um ou mais *grupamentos* de combate, é mantida analogamente sob controle do comando da D.I. Uma vez que cada R.I. tem sua própria artilharia, a A.D. pode, sem inconveniente, ser concentrada para missões de apoio, interdição ou contra-bateria. A A.D. se constitui de um Comando, um R.A. de 105 m/m, de obuses, de três grupos de três Cias. e, provavelmente, um Grupo de três Cias. de Obuses de 150 m/m. Assim, as D.I. dispõem de 18 obuses de 75 m/m dos R.I., 36 obuses de 105 m/m do R.A. leve, seis obuses de 150 m/m nos R.I. e 12 obuses de 150 m/m no Grupo Divisionário. As Cias. são a quatro peças.

Para a defesa anti-aérea, a D.I. dispõe de armas anti-aéreas de 20 m/m, super-pesadas metralhadoras. Formam um

Btl. (1) de três Cias. de 12 peças. Há ainda uma Cia. de 12 armas anti-carros.

Para a defesa anti-carros os germânicos usam três tipos de armas que se encontram diversamente combinadas nos Btls. Anti-Carros. Há o primitivo 37 m/m, que constitue o principal armamento das Cias. dos Btl. A.C. (anti-carros), o 7 m/m Skoda obtidos dos Tchecos e um novo 50 m/m recentemente utilizado. O Btl. A.C. tem três Cias. de 12 armas cada uma, completamente motorizadas, com tropas muito instruídas na proteção das colunas de marcha e na defesa da D.I. contra engenhos mecânicos.

O esquema n. 3, que mostra pormenores do armamento da D.I., foi organizado com informações de várias fontes, será ampliado e corrigido conforme forem chegando outras informações.

Deve-se, porem, considerar que a D.I. germânica tem uma potência de fogo suficiente para combater por *grupamentos* ou como um todo constituido.

E' tática e administrativamente autônoma e, sobretudo, é muito flexivel quando conduzida por um comando capaz e agressivo. Não *sub* ou *super* estimemos o oficial ou o soldado germânico, são batalhadores dextros, agressivos e instruídos no campo de batalha. *Não devemos, porem, temê-los, pois as tropas americanas instruídas e decididas a luta*, enfrentaram as melhores divisões germânicas dos Exércitos da Guerra Mundial e as derrotaram. O soldado americano da guerra atual, com instrução apropriada e conduzido por chefes agressivos *pode repetir, e fá-lo-á*, os triunfos dos anos idos.

(1) Há indicações de que este ano cada D.I. disporia de um Reg. A.A.-A.T. (anti-aéreo-anti-carro).

O SISTEMA LEGAL DE UNIDADES DE MEDIDAS

Major ALBERTO RIBEIRO PAZ

(Conclusão)

QUADRO DAS DESIGNAÇÕES DOS MÚLTIPLOS E SUB- MÚLTIPLOS DECIMAIS DAS UNIDADES LEGAIS DE MEDIDA

Fator pelo qual é multiplicada a unidade	Prefixo a antepor ao nome da unidade	Símbolo a antepor ao da unidade
1 000 000	mega	M
100 000	hectoquilo . .	hk
10 000	míria	ma
1 000	quilo	k
100	hecto	h
10	deca	da
0,1	deci	d
0,01	centi	c
0,001	mili	m
0,000 1	decimili	dm
0,000 01	centimili	cm
0,000 001	micro	μ
0,000 000 1	decimicro	d μ
0,000 000 01	centimicro	c μ
0,000 000 001	milimicro	m μ
0,000 000 000 001	micromicro . . .	$\mu\mu$

CONVERSÃO DE UNIDADES ESTRANGEIRAS

a) UNIDADES INGLESAS (IMPERIAIS).

Grandeza	Denominação da unidade			Valor convertido em unidades legais	
	Em inglês	Em português	Abreviação inglesa		
Comprimento	1 inch	1 polegada	in.	25,400	mm
	1 foot	1 pé	ft.	0,304 80	m
	1 yard	1 jarda	yd.	0,914 399	m
	1 fathom	1 braça	fath.	1,828 8	m
	1 pole	1 vara	5,029 2	m
	1 chain	ch.	20,116 8	m
	1 furlong	fur.	201,168	m
	1 mile	1 milha	mi.	1,609 3	km
Área	1 square inch	1 poleg. quadrada	sq. in.	6,451 6	cm ²
	1 square foot	1 pé quadrado	sq. ft.	9,290 3	dm ²
	1 square yard	1 jarda quadrada	sq. yd.	0,836 126	m ²
	1 perch	25,293	m ²
	1 rood	10,117	a
	1 acre	1 acre	A.	0,404 68	ha
	1 square mile	1 milha quadrada	sq. mi.	259,00	ha
Volume	1 cubic inch	1 poleg. cúbica	cu. in.	16,387	cm ³
	1 cubic foot	1 pé cúbico	cu. ft.	0,028 217	m ³
	1 cubic yard	1 jarda cúbica	cu. yd.	0,764 553	m ³
Capacidade	1 gill	gi.	1,42	dl
	1 pint	pi (ou) pt.	0,568	l
	1 quart	1 quarta	qt.	1,136	l
	1 gallon	1 galão	gal.	4,545 963 1	l
	1 peck	pk.	9,092	l
	1 bushel	bu.	3,637	dal
	1 quarter	2,909	hl
Capacidade (6)	1 minim	min.	0,059	ml
	1 fluid scruple	1 escrópulo	fl. s (ou)	1,184	ml
	1 fluid drachm.	1 dracma	fl. dr.	3,552	ml
	1 fluid ounce	1 onça	fl. oz.	2,841 23	cl
	1 pint	pt. (ou) pi.	0,568	l
	1 gallon	1 galão	gal.	4,545 963 1	l

6) Apothecaries' measure.

Grandeza	Denominação da unidade			Valor convertido em unidades legais	
	Em inglês	Em português	Abreviação inglesa		
Massa (7)	1 grain	1 grão	gr.	0,064 8	g
	1 dram	1 dracma	dr.	1,772	g
	1 ounce	1 onça	oz.	28,350	g
	1 pound	1 libra	lb.	0,453 592 43	kg
	1 stone	6,350	kg
	1 quarter	12,70	kg
	1 hundredweight	cw.	50,80	kg
	1 ton	1 tonelada	tn.	1 016,0	kg
Massa (8)	1 grain	1 grão	gr.	0,064 8	g
	1 pennyweight	dwt.	1,555 2	g
	1 troy ounce	1 onça	oz. tr.	31,103 5	g
Massa (9)	1 grain	1 grão	gr.	0,064 8	g
	1 scruple	1 escrópulo	s. ap. ou	1,296	g
	1 drachm	1 dracma	dr. ap.	3,888	g
	1 ounce	1 onça	oz. Apoth.	31,103 5	g

7) "Avoir du pois Weight".

8) "Troy weight".

9) "Apothecaries' weight".

Secção de Publicações de "A DEFESA NACIONAL"

Os Snrs. Consignatários são convidados a comparecer a Secção de Publicações, às quartas-feiras entre 14 e 16 horas afim de receberem as percentagens dos livros vendidos no mês anterior.

b) UNIDADES NORTE AMERICANAS

Grandeza	Denominação da unidade			Valor convertido em unidades legais
	Em inglês	Em português	Abreviação inglesa	
Comprimento	1 inch	1 polegada . . .	in.	2,540 005 cm
	1 linck	li.	20,116 84 cm
	1 foot	1 pé	ft.	30,480 06 cm
	1 yard	1 jarda	yd.	91,440 18 cm
	1 rod	rd.	502,921 0 cm
	1 chain	ch.	20,116 84 m
	1 mile	1 milha	mi.	1609,347 2 m
Area	1 square inch . .	1 poleg. quadrada	sq. in. . . .	6,451 626 cm ²
	1 square linck	sq. li. . . .	404,687 3 cm ²
	1 square foot . .	1 pé quadrado	sq. ft. . . .	929,034 1 cm ²
	1 square yard . .	1 jarda quadrada	sq. yd. . . .	0,836 130 7 m ²
	1 square rod	sq. rd. . . .	25,292 95 m ²
	1 square chain	sq. ch. . . .	404,687 3 m ²
	1 acre	1 acre	acre	4046,873 m ²
	1 square mile . .	1 milha quadrada	sq. mi. . . .	2,589 998 km ²
Volume	1 cubic inch . . .	1 poleg. cúbica .	cu. in. . . .	16,387 162 cm ³
	1 cubic foot . . .	1 pé cúbico . . .	cu. ft. . . .	28,317 016 dm ³
	1 cubic yard . . .	1 jarda cúbica .	cu. yd. . . .	0,764 559 4 m ³
Capacidade (10)	1 minim	min ou M. .	0,061 610 2 ml
	1 fluid dram . . .	1 dracma	fl dr. . . .	3,696 61 ml
	1 fluid ounce . . .	1 onça	fl oz. . . .	29,572 9 ml
	1 gill	gi.	0,118 292 l
	1 liquid pint	liq. pt. . . .	0,473 167 l
	1 liquid quart . . .	1 quarta	liq. qt. . . .	0,946 333 l
	1 gallon	1 galão	gal.	3,785 332 l
Capacidade (11)	1 dry pint	pt.	550,599 ml
	1 dry quart	1 quarta	qt.	1,101 198 l
	1 peck	pk.	8,809 58 l
	1 bushel	bu.	25,238 3 l
	1 cubic inch . . .	1 poleg. cúbica .	cu. in. . . .	16,386 7 ml

10) "Liquid measure".

11) "Dry measure".

Grandeza	Denominação da unidade			Valor convertido em unidades legais
	Em inglês	Em português	Abreviação inglesa	
Massa (12)	1 grain	1 grão	grain	0,064 798 98 g
	1 apoth scruple	1 escrópulo	s. ap ou	1,295 978 4 g
	1 pennyweight	dwt.	1,555 174 0 g
	1 avoirdupois	1 dracma	dr. avdp.	1,771 845 4 g
	1 apoth. dram.	1 dracma	dr. ap.	3,887 935 1 g
	1 avoirdupois ounce	1 onça	oz avdp.	28,349 527 g
	1 apoth. (or) troy ounce	1 onça	oz ap ou ozt	31,103 481 g
	1 apoth. or troy pound	1 libra	lb ap ou lbt	373,241 77 g
	1 avoirdupois pound	1 libra	lb avdp.	453,592 427 7 g
Massa (13)	1 short hundred weight	cwt.	45,359 243 kg
	1 short ton	1 tonelada	tn. sh.	907,184 86 kg
	1 long ton	1 tonelada	tn l.	1016,047 04 kg

MODO DE ESCREVER NÚMEROS E SÍMBOLOS

Não se poderá jamais pôr em dúvida a grande vantagem de se adotarem exclusivamente, em todo e qualquer documento, os símbolos das diferentes unidades oficializadas no sistema legal.

A Comissão de Metrologia, tendo em vista satisfazer à necessidade de uniformização definitiva da grafia dos números e dos símbolos, estabeleceu regras simples e claras que, convenientemente difundidas e permanentemente obedecidas, permitirão seja atingido aquele objetivo.

Essas regras, em número de seis, vão a seguir transcritas e exemplificadas:

1) — “A vírgula ou o ponto são empregados em um número para separar a parte inteira da parte decimal”.

Certo: 1,942 ou 1.942 (um inteiro e novecentos e quarenta dois milésimos).

Errado: 1.942 (mil novecentos e quarenta e dois inteiros).

12) Unidades menores ou iguais à libra.

13) Unidades maiores que a libra.

2) — “A parte inteira dos números deve ser separada em classes de três algarismos, da direita para a esquerda; a separação será feita exclusivamente por um pequeno intervalo, não se devendo usar ponto, vírgula ou qualquer sinal nessa separação”.

Certo: 1 942 352 (um milhão novecentos e quarenta e dois mil trezentos e vinte e cinco unidades).

Errado: 1.942.325 ou 1,942,325.

“Na parte decimal essa separação se fará da esquerda para a direita”.

Certo: 1.325 483 2 (um inteiro, trezentos e vinte e cinco milésimos, quatrocentos e oitenta e três milionésimos e dois décimos milionésimos).

Errado: 1.3 254 832 ou 1.3254832.

“A recomendação relativa à separação em classes de três algarismos não é necessariamente aplicável aos números reunidos em tabelas ou quadros”.

3) — “Não acrescentar ponto abreviativo ao símbolo da unidade, exceto no caso de símbolos compostos já previstos no quadro”.

Certo: 235 m (duzentos e trinta e cinco metros); 42 kg (quarenta e dois quilos); 75 c.v (setenta e cinco cavalos-vapor).

Errado: 235 m. ; 42 kg. ; 75 cv

4) — “Não usar a letra *s* junto de um símbolo como sinal de plural”.

Certo: 35 m (trinta e cinco metros); 42 kg (quarenta e dois quilos).

Errado: 35 ms ; 42 kgs.

5) — “Os símbolos representativos das unidades não devem ser escritos em forma de expoente e sim na mesma linha horizontal em que o número está escrito”.

Certo: 3 kg (três quilos); 47 cm³ (quarenta e sete centímetros cúbicos).

Errado: 3^{kg}; 47^{cm³}.

“Excetuam-se os símbolos das unidades de temperatura, de tempo e das unidades sexagesimais de ângulo”.

Certo: 25°C (vinte e cinco graus centígrados); 3^h 4^{min} (três horas e quatro minutos); 25'' (vinte e cinco segundos de ângulo).

Errado: 25.C ; 3 h 4 min ; 25 , ,

6) — “Quando o valor numérico de uma grandeza apresentar parte fracionária, o símbolo da unidade respectiva não deve ser intercalado entre a parte inteira e a a parte

fracionária, mas deve ser levada imediatamente à direita desta parte fracionária”.

Certo: 50,350 g (cincoenta gramas e trezentos e cinquenta miligramas); 2,3^{SEG} (dois segundos de tempo e três décimos); 3,5 km (três e meio quilômetros).

Errado: 50,350 ; 2 seg,3 ; 3 km,5

OBRIGATORIEDADE DE USO DO SISTEMA LEGAL

Conforme decreto de publicação recente, a partir de 1.º de julho de 1942, no Distrito Federal e nas Capitais dos Estados será proibido **nos contratos, nos documentos de qualquer natureza, bem como nas transações o uso, emprego ou menção** de unidades diferentes das legais.

Essa proibição se estenderá, em datas a serem gradativamente fixadas, a todo o território nacional dentro de prazo de 10 anos a contar de 4 de agosto de 1938 (publicação do decreto n.º 592).

Será tolerado o uso, emprego ou menção de unidades diferentes das legais:

a) — Em documentos passados antes das datas fixadas para obrigatoriedade nas diferentes regiões do país.

b) — Em documentos de importação ou exportação, ou relativos a coisas ou pessoas que existam ou tenham origem em país onde sejam legais, ou toleradas legalmente, quaisquer unidades diferentes daquelas consideradas legais no Brasil.

Será porem indispensável que conste do texto dos documentos, ou em anexos, o valor, convertido em unidades legais brasileiras, das grandezas neles expressas em outras unidades.

Para conversão será usado o quadro de conversão de unidades estrangeiras constante do próprio sistema legal ou adotadas indicações fornecidas por órgão metrológico competente, no caso de unidades não consideradas naquele quadro.

c) — Em documentos de caráter meramente científico ou técnico, a juízo da Comissão de Metrologia, em outros documentos que não sejam diretamente relacionados com transações comerciais.

Esta exceção não se estenderá a **plantas, mapas, desenhos, modelos ou memoriais técnicos**, anexados a quaisquer documentos relacionados em contratos comerciais ou quaisquer documentos ou projetos submetidos à consideração de repartições públicas ou de outros órgãos oficiais ou para-estatais.

A sanção para inobservância das prescrições acima consiste na completa **nulidade** dos documentos outorgados ou transações realizadas.

Há ainda a multa de 100\$000 a 500\$000 (dobrada nos casos de reincidência) prevista para aplicação, a juízo de órgão metrológico competente, nos casos de qualquer infração dos decretos, regulamentos e instruções referentes ao sistema legal de medidas.

Alem da obrigatoriedade de uso do sistema legal é também previsto na lei, para durante todo e qualquer curso de instrução primária ou de física, mantido por estabelecimento de ensino público ou particular, o ensino obrigatório da metrologia e das unidades legais, adequado ao respectivo nível didático.

Esta última determinação legal interessa particularmente no caso das Escolas Regimentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findo o estudo detalhado das disposições legais referentes ao sistema de medidas, duas observações nos ocorreram:

1.^a) — Não foram incluídas explicitamente no sistema legal as **unidades da moeda**. Talvez por se aguardar uma próxima e já esperada reforma no sistema monetário brasileiro.

2.^a) — Não se estabeleceu uma tabela de conversão para as antigas medidas brasileiras (palmo, braça, légua, alqueire, etc.), que aparecem muito comumente ainda em escrituras de terrenos e outros documentos antigos.

Concluindo nosso trabalho, para que melhor se fixem as diferenças entre a forma antiga e a nova forma de constituir, representar ou escrever as unidades, procuraremos focalizar alguns pontos onde mais se acentuaram essas diferenças.

a) — Quanto às unidades.

1) — Por não serem usados praticamente não foram incluídos no quadro das unidades os múltiplos de grandes valores como o miriâmetro, o miriâmetro quadrado, o miriâmetro cúbico, o hectômetro cúbico, o decâmetro cúbico, o mirialitro, o quilômetro e o miriagrama.

2) — Para algumas unidades foram considerados os sub-múltiplos infinitamente pequenos e a serem empregados nas medidas micrométricas.

3) — A unidade de peso foi substituída pela unidade de **massa**. O peso como resultante das ações da gravidade varia com latitude e altitude. Assim o peso do quilograma padrão depositado na Repartição Internacional de Pesos e Medidas só é 1 **quilograma-peso** na latitude de 5° e no nível do mar, ao passo que a massa desse quilograma padrão é 1 **quilograma-massa** ou, simplesmente, 1 **quilograma** em qualquer parte da terra.

b) — **Quanto aos símbolos.**

1) — Não se usarão mais iniciais maiúsculas na representação dos símbolos dos múltiplos como era usual antigamente.

Certo: kg (quilograma); hm (rectômetro).

Errado: Kg; Hm.

2) — O símbolo do múltiplo de 10 vezes a unidade passou a ser **da** em vez de **D**.

Certo: dam (decâmetro); dag (decagrama); dal (decalitro).

Errado: Dm; Dg; Dl.

3) — Empregar-se-ão os expoentes 2 e 3 para, respectivamente, representar **quadrado** e **cúbico**, nas medidas de área e volume.

Certo: m^2 (metro quadrado); dam^3 (decâmetro cúbico).

Errado: mq ou m_q ; damc ou dam_c .

4) — O símbolo $^{\circ}C$ (grau de temperatura) não permitirá mais dúvida com o símbolo $^{\circ}$ (grau de ângulo).

Assim também os símbolos **m** ou **min** (minuto de tempo) e **s** ou **seg** (segundo de tempo) não se poderão mais confundir com os símbolos ' (minuto de ângulo) e '' (segundo de ângulo).

Certo: $12^{\circ}C$; $2^h 22^m 37^s$

Errado: 12° (doze graus de temperatura); $2^h 22' 35''$; $12^{\circ} 22^{min}$.

c) — **Quanto ao modo de escrever.**

1) — O ponto pode substituir a vírgula na sua antiga função de separar a parte inteira da parte decimal. Será indiferente o uso de um ou da outra. Tanto será certo escrever 2,325 como 2.325 (dois inteiros trezentos e vinte e cinco milésimos).

2) — Um pequeno intervalo passou a substituir o ponto no seu antigo uso na separação dos números nas classes de três algarismos, inclusive na parte decimal.

Certo: 2 325 580; 0,235 8

Errado: 2.325.580; 0,2358

3) — Ficou proibido o flexionamento para indicação de plural, assim como se suprimiu a pontuação, na representação dos símbolos.

Certo: 25 kg ; 32 m ; 2^h

Errado: 25 kgs. ; 32 ms. ; 2^{hs}

4) — Estabeleceu-se a localização uniforme do símbolo da unidade representada, quer em relação à vírgula ou ao ponto, quer em relação aos próprios algarismos.

Certo: 34,2 m ; 5,3 mm ; 2^h 30^m.

Errado: 34,m2 ; 5^{mm},3 ; 2^h,30.

Companhia Anti-Carros do Regimento de Infantaria

Por motivos independentes de nossa vontade deixa de sair neste número a continuação do artigo, com o título acima, traduzido pelo Capitão FERNANDO SOTER DA SILVEIRA.



**TODOS
OS DIAS**

...apresente-se com a barba feita. Isso lhe será fácil, se usar sempre a melhor das laminas — a *insuperável* lamina Gillette Azul.



Lamina GILLETTE AZUL

À venda em A Defesa Nacional:

A Defesa contra Engenhos Moto-mecanizados

Major HUGO DE MATOS MOURA

Preço: Cr\$ 4,00 sem o porte

LIVROS DO EXÉRCITO

AUTORES MILITARES

Biografias do Barão do Rio Branco

Pelo Capitão UMBERTO PEREGRINO

II

RAUL DO RIO BRANCO — **Reminiscências do Barão do Rio Branco** — Liv. José Olímpio — 1942.

DE PARANHOS ANTUNES — **História do Grande Chanceler** — Bib. Militar — 1942.

CEL. F. PAULA CIDADE E TEN.-CEL. JONAS CORREIA — **Barão do Rio Branco** — Ed. D.I.P.

Não seria lícito esperar que estas "Reminiscências", compostas por um filho do Barão, e pela sua própria natureza, constituíssem uma obra de discussão, ou muito menos de crítica. Mas poderiam ter esclarecido ou proporcionado elementos íntimos que propiciassem a compreensão de certos fatos da carreira de Rio Branco e de determinados ângulos do seu caráter. Longe disso, porém, o que Raul do Rio Branco nos transmite são impressões sensivelmente policiadas, parando sempre no instante em que o leitor se julga a pique de ser conduzido a um mergulho profundo... Esse mergulho não vem nunca, não obstante o título de alguns capítulos: A meninice — Primeiros passos na vida — Sentimentos religiosos — Preocupações literárias e artísticas — Idéias sociais e econômicas — Sistema de trabalho. Não há confidências. Não há mesmo quasi nada que não pudesse ser contado por qualquer pessoa do tempo e do círculo de Rio Branco. Quero dizer com isso que o filho, mau grado a vantagem de uma experiência que ninguém mais poderia ter, completa e absolutamente natural, pouco refere não estivesse ao alcance de um observador comum.

Dir-se-ia que vão atropelar-se, na expansão dessas "Reminiscências" filiais, saborosas revelações sobre os bastidores das arbitragens em que Rio Branco foi o construtor da vitória brasileira. Não é, porém,

nem volumosa nem excepcional a materia desse gênero. Algumas indicações sobre a apaixonada aplicação de Rio Branco no preparo da nossa defesa, a ponto de permanecer durante dois dias e duas noites, inteiramente esquecido das horas de repouso e de refeição, de lente em punho, "copiando minuciosamente cada palavra, letra por letra", da famosa memoria manuscrita sobre o verdadeiro curso do Oiapoque, e que lhe chegara às mãos em fotografias. O relato do seu estratagema para comprovar que os franceses, durante a questão do Amapá, lhe sonegavam velhacamente documentos da mais alta importância, inclusive aqueles de que era depositaria a sua Biblioteca Nacional. (135) Mas já a história do aviso previo sobre a sentença do Presidente Cleveland; por intermédio da noiva de um dos auxiliares diretos do Presidente, era conhecida, Medeiros e Albuquerque a referira com abundância de detalhes, até os termos em que moça dera o anuncio telefônico a Rio Branco:

— My best compliments.

E' possível, ainda, recolher das "Reminiscências" alguns expressivos e variados dados sobre a personalidade do Barão.

Vemô-lo, estudante em S. Paulo, como auto-disciplina, "privar-se um ou dois dias de alimento, quando, por exemplo, se julgava pouco aplicado numa ou outra matéria; e só bebia então água, raramente café. Escolhia para tais privações não o fim do mês, quando a mesada estava para acabar, mas o princípio, o que aumentava o mérito da perseverança". (23)

De regresso da Russia, aonde fôra em missão oficial de propaganda do nosso café, formulou uma observação verdadeiramente espantosa, e que revela, na sua dramática realização, de 33 anos depois, o grau de acuidade observadora de Rio Branco. Dizia ele, externando impressões do colosso tzarista, que o tzarevich, futuro Nicolau II, lhe parecia condenado a ser "o Luis XVI da dinastia!" (103)

Não é menos surpreendente saber que as "Efemerides Brasileiras" foram compostas praticamente de memória, à sugestão das datas marcadas pelo calendário e sob as solicitações da imprensa diária.

Porém, nenhuma informação de Raul do Rio Branco sobre o seu illustre pai será mais curiosa que esta: Rio Branco desprezava as condecorações oriundas de "mera cortezia oficial", não attribuindo valor senão às obtidas pelo mérito pessoal. (138)

Há aí uma aparente contradição. O homem vaidoso que foi, notoriamente, o nosso grande chanceler, devêra gostar da ostentação de medalhas e passadeiras. O caso, porém, é que Rio Branco não era o vaidoso mediocre, vasio, cuja realidade fosse apenas uma casca fulgurante... Para esses as condecorações convencionais constituem grandes coisas, pois que dão aos estranhos e a si próprios a ilusão de uma grandeza que não teem. Já os homens de valor positivo desdenham as

honrarias funcionais, que os despersonalizam e nivelam. Só se interessam pelo que tenha correspondência na escala do seu merecimento pessoal. Eis a interpretação do fenómeno Rio Branco.

E que dizer, numa definição, do trabalho do Cap. De Paranhos Antunes? O autor considera-o "o mais completo" em relação ao que "há escrito sobre Rio Branco até hoje" (p.8), e daí se pode partir para uma avaliação global, porque a "História do Grande Chanceler" vem a ser essencialmente isso: uma recapitulação fiel e demorada dos anteriores biografos de José Maria da Silva Paranhos, conquanto seja mister assinalar que à "Bibliografia" (127) escapa o volume de Ernesto Lima, "História e Histórias", tido pelo Sr. Raul do Rio Branco como livro fundamental para o conhecimento da vida e obra do seu pai. Mas esta omissão e outras menores não prejudicaram a "História do Grande Chanceler", no sentido da preocupação do autor, isto é, de fazê-la completa. Ficará, certamente, provido e satisfeito quem vá a ela sem ambições outras que as de se enfronhar, na biografia pacífica, vamos dizer, assim, do Barão do Rio Branco.

O livro padece, todavia, por isso mesmo, de fortes limitações. Seguindo quasi sempre caminhos trilhados e retilhados, apenas renova fatos e aspectos da personalidade biografada, sem acrescentar-lhe algo no terreno da investigação ou interpretação.

No entanto, que extraordinárias possibilidades reveladas pelo Cap. De Paranhos Antunes no capítulo "Morte"! Ai, a emoção sacudiu o autor, e ei-lo em plena força do escritor que é, reconstituindo de forma tão sensível o ambiente de dor e ansiedade em que se produziu a morte daquele que foi o maior brasileiro do seu tempo. O capítulo, tecido com imensa capacidade de sugestão, começa transmitindo-nos impressões de pessoas que visitaram Rio Branco quando ele já estava para ser abatido, pela enfermidade fulminante. E jala o capítulo da Marinha de Guerra do Uruguai, José Aguiar, que evoca, numa bela página, a presença do Barão numa festa no Itamarati, quatro meses antes de morrer. Das memórias de Rodrigo Otávio ("Minhas Memórias dos Outros") também são extraídas algumas evocações muito sensíveis. Rio Branco já vinha abatido, pálido, mas não vergava, era a mesma imponente figura, era o mesmo trabalhador infatigável da sua fuma prodigiosamente desordenada no Itamarati. De repente, numa manhã, atrôa a notícia da grave enfermidade de Rio Branco. No capítulo de De Paranhos Antunes recebe-se, como foi na realidade, um golpe inesperado. Poucas linhas descrevem o dia de aplicação: "Inúmeras visitas e telegramas do país e do estrangeiro indagam, ansiosos, pela saúde do chanceler. Ao meio dia, o presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca, visita o enfermo rapidamente, sem que lhe possa jalar. E, à noite, é fornecido à imprensa pelo médico assistente o primeiro boletim de informações". E vamos tendo os comunicados médicos um a um.

Oh! o extraordinário efeito da transcrição desses comunicados! Somos transportados àqueles dias penosos de fevereiro de 1912. Parece que Rio Branco vive, que somos pessoas do seu tempo, que tudo está acontecendo ainda.

Porem, o melhor momento do livro todo, a meu ver, é o que fixa os últimos instantes do Barão. Veja-se que modelo de sobriedade e que comovida beleza neste quadro: "Às 2 e meia horas da madrugada de 10 uma forte convulsão parece que vai, afinal, cortar o fio tênue de vida que ainda o prende a este mundo. Mas a forte compleição do gigante reage mais uma vez. As convulsões param de todo e uma longa calma invade o quarto do querido doente. É o começo do fim. O enfermeiro dá-lhe algumas colherinhas de água. A temperatura é de 38°. Ao amanhecer o corpo começa a esfriar e a respiração é difícil".

Merece uma menção destacada a passagem em que o autor da "História do Grande Chanceler" deslinda a questão da presença ou ausência do Barão no Paraguai, quando foi da missão especial do Visconde do Rio Branco, em 1869. Sobre este ponto até Raul do Rio Branco hesita, confessa-se sem elementos para uma afirmação categórica. ("Reminiscências", pág. 28). Pois bem, o Cap. De Paranhos Antunes realizando pesquisa histórica do melhor quilate, esclarece definitivamente que o filho do Visconde não o acompanhava daquela feita. Para isso, persegue o rastro do Dr. José Paranhos de abril a julho de 1869. Não figura nos grandes banquetes realizados em Buenos Aires nos fins de maio, em honra de Osorio, e nos quais o Visconde toma parte. Em vez disso, está assistindo a sessões do Instituto Histórico em 30 de abril e 14 de maio "A 2 de julho comunica àquele sodalício, que deixa de comparecer às sessões daí por diante por se achar impedido na Câmara dos Deputados. E nessa oportunidade remete, por intermédio de Joaquim Alves Ferreira, um manuscrito sobre o aldeamento dos índios guaiacurús e guanás". ("História do Grande Chanceler", pág. 20). Questão liquidada, pois, com a magistral intervenção do Cap. De Paranhos.

Outra dúvida pelo mesmo autor enfrentada e levantada com excelente material histórico é a da autoria de uma biografia de D. Pedro II, assinada por B. Mossé de Avignon e editada em Paris em 1889. Foi de fato Rio Branco quem a escreveu, os documentos apresentados na "História do Grande Chanceler" não deixam margem à menor discussão. Raul do Rio Branco, por seu turno, confirmando a autoria do pai, completa as informações a respeito, de modo que ficamos sabendo como uma "simples plaquette", para servir ao rabino de Avignon, se transformou em alentado volume, e porque o Barão não quis que o trabalho passasse como seu. ("Reminiscências", pág. 91).

A saúde de Rio Branco o Cap. De Paranhos alude no início do capítulo "Morte", nestes termos: "Há cerca de cinco anos que o Barão sente a saúde abalada e padece ocultamente". (pág. 111). Logo abaixo

precisa que "vários são os chamados do Barão ao Dr. Guimarães, por ocasião das fortes crises, cada vez mais amigadas, que o atacam". Identifico esta segunda referência com a seguinte informação de Raul do Rio Branco: "Nós últimos quinze anos de sua vida, meu Pai, deshabitado do exercício, engordou muito sentindo os efeitos de uma vida sedentária exagerada, principalmente sob a forma de um lumbago, que as massagens nem sempre chegavam a atenuar." ("Reminiscências", pág. 162). Porém, fora daí a saúde de Rio Branco não teria sofrido nunca qualquer contratempo.

Hilário de Gouveia dizia-lhe, quando ainda estava na França: "Você foi feito para viver 100 anos sem enfermidades. Surpreende-me que haja passado a casa dos 40 anos, pois o gênero de vida que leva, sem higiene e num esforço cerebral colossal, é para liquidar definitivamente a saúde de vinte elefantes". E Raul do Rio Branco depõe que seu pai "não esteve nunca doente, a não ser um ou outro resfriado passageiro, que ele tratava invariavelmente com a homeopatia", tendo interrompido pela primeira vez a sua atividade "na semana que precedeu sua morte". ("Reminiscências", págs. 160-2).

Cumprê formular duas contestações relacionadas com a interpretação psicológica de Rio Branco. O Cap. De Paranhos classificou-o de "moço quasi tímido"; (pág. 26), quando aos 30 anos foi feito sócio honorário do Instituto Histórico. Apesar do "quasi" a expressão é inaceitável, porque Rio Branco não traiu jamais, em nenhum lance da sua existência, qualquer sinal de timidez. Fisicamente era um forte e experimentou na vida, desde muito cedo, os maiores êxitos, de maneira que não teria como nem porque cultivar timidez. Também não é possível acompanhar o autor quando estranha que "este adolescente robusto, vivaz, nobre querido, requestado mesmo, deixe de lado a ficção e a poesia, e enamore-se loucamente pela história, desde tão tenra idade (pág. 14). Ora, essas condições não constituíram nunca o melhor clima para a poesia. Não seriam, pois, o vigor físico, o conforto, a consideração social que conduziriam à poesia o estudante de Direito Juca Paranhos. São, aliás, dessa quadra os seus exercícios de jejum, realizados com preocupação puramente racional, como refere Raul do Rio Branco (esforçava-se "pela supremacia da vontade sobre o instinto", pág. 33). E Rio Branco foi, está documentado em todos os aspectos da sua vida e da sua obra, uma visceral negação poética. Foi mesmo uma negação literária, não obstante os valiosos livros que nos legou.

Aqui entra em debate um ponto amplamente ventilado pelos Coronéis Paula Cidade e Jonas Correia. Ambos reclamam para Rio Branco a consagração literária, insurgindo-se contra os historiadores e críticos das nossas letras que têm negado ao autor das "Efemérides Brasileiras" o título de escritor. De fato, Rio Branco escreveu muito e fê-lo com correção e clareza, foi membro do Instituto Histórico e da Academia

Brasileira de Letras. Nada disso, porem, diploma alguém em escritor, dentro de um rigoroso critério literário.

O nome de Rio Branco está incorporado à nossa história literária, como o de um autor que, em determinada época, publicou alguns trabalhos. Contemplação essencialmente material, posição unicamente cronológica. Que representam, com efeito, os livros de Rio Branco na evolução da sensibilidade e do pensamento brasileiros? Que influência ou que sentido próprio tiveram nos rumos da nossa cultura?

Tais trabalhos, valiosíssimos em si mesmos, pelo teor documental, pela extensão e oportunidade, não resistem, todavia, a uma avaliação como obra de arte. Rio Branco, autoridade culminante em História e Geografia, apaga-se como escritor. Senão, basta atentar num fenômeno extremamente significativo — as “Efemérides”, sua obra máxima, são hoje transcritas literalmente em jornais ou lidas no rádio, sem indicação da origem, e ninguém dá por isso... As razões se me afiguram óbvias: é que aquele vasto depósito de ocorrências históricas se apresenta sob forma tão incaracterística, que a gente não sente falta de um “autor”. Tomo ao acaso uma efeméride — 25 de setembro, 1536. Lê-se: “D. Ana Pimentel, procuradora do seu marido Martim Afonso de Sousa concede nesta data ao fidalgo cavaleiro Braz Cubas as terras de Giribatiba (hoje Jurubatuba) entre a serra do Cubatão e o mar.” Outra — 29 de março 1858: “Inaugura-se o tráfego da Estrada de Ferro D. Pedro II (hoje Central do Brasil), entre a estação, sita na praça da Aclamação e Queimados.” Sempre assim. Não parece coisa anônima? Nenhum autor disputaria, certamente, a paternidade de passagens como essas, de que são feitas as “Efemérides Brasileiras”, a não ser pela riqueza do material catalogado, pela idoneidade das informações. Tenho para mim que o conceito de Agripino Grieco, citado pelo Cel. Jonas Correia, de parte a irreverência epigramática, corresponde a uma acabada verdade: “o Barão do Rio Branco acrescentou novos céus e novas terras ao Brasil, mas quasi nada acrescentou à prosa brasileira”.

Querer erigir Rio Branco em “escritor clássico”, com fundamento na sua bibliografia, é o mesmo que considerar Caxias orador só porque pronunciou discursos no Senado, e Euclides da Cunha militar por ter vestido farda. Não, nenhum desses grandes brasileiros precisa de falsos apêndices. O que Euclides foi, foi estilista e sociólogo; Caxias general e estadista; Rio Branco historiador, geógrafo e o nosso “grande chanceler”.

Ainda sobre o trabalho do Cap. De Paranhos devo dizer, para ser completamente sincero e minucioso na minha tarefa, que fazem pena algumas descaídas de seu estilo, traduzidas em concessões a certas chapas verbais, como “nume tutelar” (pág. 76), “pleiade brilhante” (página 78), “ilustrado facultativo” (pág. 111), as quais arrolo aqui tão somente para exemplificar. São falhas que em autor menos categorizado

não seriam notadas, mas o Cap. De Paranhos Antunes, que é um escritor de raça, não levará a mal o aviso de quem o leu com o merecido apreço, embora talvez, e isto é o lado ingrato do ofício, com severa atenção.

LIVROS RECEBIDOS:

Guerra de Secessão — Ten.-Coronel Artur Carnauba. Bib. de "A DEFESA NACIONAL".

Instrução na Cavalaria — Maj. José Horacio Garcia. Bib. de "A DEFESA NACIONAL".

O Tiro de Grupo nas Intervenções rápidas — Cap. Lindolfo Ferraz Filho e Breno Borges Fortes. Bib. "A DEFESA NACIONAL".

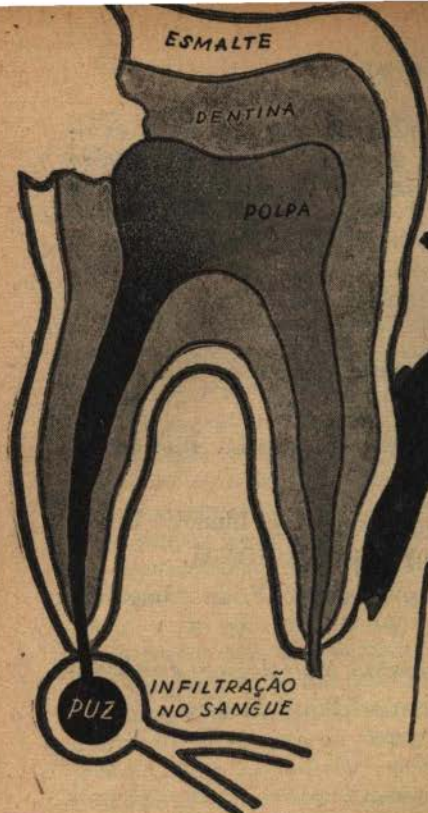
Manual do Patrão de Pesca — Comt. Frederico Vilar. Imprensa Nacional.

Avaliação Biométrica do Desenvolvimento Morfológico do Brasileiro — Prof. Peregrino Junior. Separata do "Brasil Médico".

Bibliotéca de A DEFESA NACIONAL

Livros à venda

Anuario Militar do Brasil, 1935	Cr\$ 17,50
Anuario Militar do Brasil, 1936	Cr\$ 22,50
Anuario Militar do Brasil, 1937	Cr\$ 17,50
Anuario Militar do Brasil, 1938	Cr\$ 22,50
Anuario Militar do Brasil, 1939	Cr\$ 22,50
Anuario Militar do Brasil, 1940	Cr\$ 27,50
A Campanha da Africa Oriental — Gal. Waldomiro Lima ..	Cr\$ 31,50
A Campanha da Africa Oriental — Gal. Waldomiro Lima (para oficiais)	Cr\$ 21,00



EU DENTISTA LHE DIRÁ:

dente mal tratado é porta aberta
infecções e molestias gravíssimas,
coração, do fígado, dos pulmões e
todos os órgãos internos. Não des-
a hygiene de seus dentes!" Ouça
palavra experiente de seu dentista.
e-o duas vezes por anno e escove
dentes com ODOL tres vezes ao
ODOL assegura uma asepsia com-
a do meio buccal, neutralizando as
entações produzidas pelos resíduos
alimentos nos interstícios dentarios.
gosto agradável, sendo usado
prazer até mesmo pelas crianças.

Para a protecção
completa da bocca:
Dentista duas vezes
por anno.
ODOL tres vezes
ao dia.



NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

DAQUÍ E DALÍ...

"A DEFESA NACIONAL" TEM NOVO DIRETOR

Em dias do mês passado, na sede de A DEFESA NACIONAL realizou-se uma tocante cerimônia. O General Heitor Borges que vinha há mais de três anos presidindo este órgão técnico, passou as suas funções ao Coronel Renato Batista Nunes, seu substituto legal.

O General Heitor fez, em empolgante improviso, o elogio do novo Presidente, nome conceituadíssimo no seio das classes armadas, pela sua brilhante cultura e adamantino caráter. O Coronel Renato agradeceu as palavras do seu colega, desejando-lhe mil êxitos na nova missão que o Governo lhe confiou em Recife, para onde deveria seguir dentro em breve.

MEDALHA VISCONDE DE TAUNAY

A Biblioteca Militar que tem por fim precípua desenvolver, no meio militar, o gosto pela literatura e o hábito de bem escrever, ao mesmo tempo que proporciona aos seus subscritores, em número que beira a oito mil, leitura do mais variado matiz, capaz de aumentar-lhe seu cabedal cultural, propôs ao Exmo Sr. Ministro a instituição de um concurso no dia em que o Brasil comemorará a passagem da gloriosa efeméride — 22 de janeiro de 193 — que marcará o centenário do nascimento do nunca esquecido Visconde de Taunay.

A idéia da Biblioteca Militar é merecedora dos mais calorosos encômios, porquanto foi o grande engenheiro militar uma das figuras destacadas no cenário das letras pátrias e, mercê do seu gênio, pode a geração atual cultivar a memória imarcescível dos heróis que viveram os dias agoniados e esplendorosos da "Retirada da Laguna".

O concurso supra referido será disputado, conforme determinou o titular da Guerra, pelos oficiais que apresentarem até 24 de maio próximo vindouro, um trabalho versando sobre história ou geografia do Brasil.

Foi instituída uma Medalha de Ouro denominada "Prêmio Visconde de Tauray", a ser conferida no dia 25 de agosto de 1943 ao autor da obra classificada em primeiro lugar, pela comissão julgadora a ser escolhida por aquela benemérita Biblioteca.

O Instituto de Geografia e História Militar do Brasil fará, outrossim, uma sessão solene comemorando o transcurso da querida data.

E' INAUGURADO NA SEDE DE "A DEFESA" O RETRATO DO SR. NORBERTO ROZA

De há muito devia estar nas paredes de nossa sede o retrato de *Norberto da Roza*, porem só agora essa nossa vontade foi levada a efeito, no momento em que o General Heitor Borges passava a presidência da revista ao seu atual diretor-presidente. O General Heitor, tendo a fotografia do "velho Roza" junto ao peito, em sentidas palavras lembrou os momentos de sadia camaradagem e afeto que a sua pessoa nos trazia, e afirmou que ocasiões houve em que o falecido foi o único e seguro esteio da nossa publicação.

Levado para o seio bondoso do Senhor, ficou conosco sempre a sua lembrança de amigo leal, companheiro devotado e funcionário trabalhador e eficiente.

VARGAS, O DITADOR PACÍFICO

SUA OBRA DE GOVERNO

Trabalho do psicólogo argentino, Sr. CARLOS B. GONZALEZ e traduzido da Revista "LOGOSOFIA", número de Maio de 1942, por *Arnaldo Gonçalves Pires*.

Um dos governantes da América do Sul que mais atrai a atenção dos outros estados do continente e inspira maiores simpatias, é, sem dúvida, o Sr. Getulio Vargas, o grande Presidente do Brasil. Possivelmente, sua obra de governo não teria sido apreciada se houvesse seu mandato terminado há alguns anos, pois as demais nações não haveriam atinado a julgar ou definir com certeza sua política, tanto na ordem interna como nas relações externas desse País.

VARGAS, revelando-se um estadista de primeira linha, foi conduzindo seu país com mão firme para a senda da prosperidade, da ordem e da unidade nacional. Certo é, e isto parece haver sido um dos fatores que mais têm contribuído a assegurar o êxito de suas altas gestões de governo, que teve o acerto de eleger colaboradores como o ativo Ministro das Relações Exteriores, Dr. Oswaldo Aranha, que consagrou todos seus esforços e as luzes de sua inteligência ao serviço de sua pátria e do grande amigo que regia e rége os destinos do país irmão.

A diferença dos ditadores que apelam à força para governar e impôr suas decisões, o Exmo. Presidente da nação brasileira se preocupa com infatigável esforço em fazer que seu povo experimente os benefícios imediatos de cada uma de suas medidas de governo. Assim os há acostumado que confiem nele e os há dado boas razões para isto. E', sem a menor dúvida, o ditador pacífico por excelência. Não necessitou para manter-se no poder, apoiar-se em outras forças que as de sua própria inteireza de ânimo e seu são patriotismo.

Como todos os bons mandatários, se impôs o dever de conhecer a obra fecunda dos grandes estadistas e homens de governo e se propoz chegar a ser um deles, logrando folgadoamente. Seu nome se menciona com admiração e respeito de um extremo a outro da América. Não debalde disse o Presidente Roosevelt certa vez, que no Presidente Vargas "podia confiar-se amplamente por sua honestidade de governo e sua inflexibilidade de caráter".

Na administração pública cumpriu uma magna obra de reconstrução econômica, fomentando as indústrias, protegendo o comércio e aplicando métodos de indiscutível utilidade para o melhor desenvolvimento das finanças. Não descuidou

tampouco a cultura: o progresso das instituições dessa índole mostra um saudável resurgimento, sendo sua preocupação constante o fomento das relações culturais e intelectuais com os demais povos do Novo Mundo.

Deante do conflito europeu, hoje de extensão mundial, o Dr. Vargas definiu rápida e amplamente sua posição. Com profunda compreensão dos graves problemas que afetam a todos os países da América, não titubeou em decidir a orientação que devia dar ao seu povo, o qual lhe valeu de imediato o apoio inestimável da grande nação do Norte. Roosevelt sabe que tem no mandatário brasileiro um grande amigo, disposto a lutar com seu povo inteiro pela sobrevivência da liberdade, da justiça e do direito, que hoje perigam diante a ameaça da força e da opressão.

O Presidente Vargas é uma grande figura da América, simpática e digna do melhor elogio e o Brasil há de estar orgulhoso de ter um filho tão proeminente. As páginas de sua história podem contá-lo entre seus maiores. Seu nome é toda uma garantia de solenidade americana.

CIÊNCIA E ARTE DA GUERRA NA HISTÓRIA

(De "Military Science To-day, de Donald Portway, Brevet Lieut. Colonel, R.E. — Oxford 1940).

Tradução do cap. *Luiz Alberto da Cunha*

Desde o longínquo alvorecer das descobertas científicas, a ciência tem estado intimamente ligada à arte da guerra, pois, é fóra de dúvida, que os maiores progressos da ciência e da engenharia tem sido devidos a exigências militares. O primeiro contacto do homem com a natureza foi consequência da necessidade de conseguir alimento, e isto importou em lutar. Os primitivos artezãos foram, antes de mais nada, solicitados por ferramentas e, logo em seguida, por armas. Babilônios e Egípcios imaginaram maquinismos e, como poudeser visto mais tarde as fortificações babilônicas chegaram a um alto grau de desenvolvimento. Os Gregos beberam muito das fontes babilônicas e egípcias, e seus filósofos, embora permanecessem afastados de qualquer especie de prática experimental, mostraram um grau de curiosidade que constituiu o fundamento do pensamento científico. Platão, mesmo, aquilatou muito o homem de ciência pelo seu valor como militar, sendo clara a seguinte citação sua (República, livro VII): "acampando, ocupando posições, sitiando e deslocando tropas, executando as várias manobras de um exército, faz grande diferença se um soldado é bom ou máo geometra".

Homens notáveis, através as idades, tem olhado o serviço militar como um privilégio do qual eles se orgulham haver gosado. Eschylo recorda no seu epitáfio que combateu em Marathona, não fazendo a mínima referencia às suas quatrocentas peças teatrais; De Vigny foi tão grande poeta quanto soldado.

Nas colonias gregas grupadas em torno do Mediterrâneo, a ciência teve larga applicação na guerra. Archimédes (257-212 A.C.) realizou maravilhas na defesa de Syracusa, contra os Romanos, e, seu dispositivo ótico pôs fogo na esquadra romana. Sua artilharia e engenhos de guerra prolongaram, até o fim de sua vida, o inevitavel fim da cidade. Ele pode, assim, ser chamado o pae da engenharia militar, embora nenhum valor dêsse às suas engenhosas invenções mecánicas, por considerá-las abaixo da dignidade de ciência pura, nada nos querendo deixar escrito sobre elas. Os engenhos de guerra que Archimedes inventou para Hieron, rei de Syracusa, assombraram os Romanos de uma tal maneira, que prolongaram o sitio por três anos. Deve-se dizer, para crédito de Marcello, o ge-

neral romano, que ele havia dado terminantes ordens para que poupassem o sabio e sua casa, durante o saque que succedeu à queda da cidade. Aconteceu porém que, estando Archimedes absorto em desenhar uma figura geometrica sobre a areia, deixou de atender às insistentes interpelações de um legionário que o atravessou com sua espada.

Na Renascença, torraram-se urgentes melhoramentos na artilharia o que causou uma aceleração no seu moderno senso de produzir. Leonardo da Vinci e Galileo, os dois mais notáveis cientistas da época, estiveram ambos estreitamente ligados aos assuntos militares. O primeiro deveu sua inclusão no Estado Maior do Duque de Milão aos seus conhecimentos militares. Em sua carta ao Duque, depois de declarar possuir conhecimentos secretos em construção de pontes militares, escadas de escalar, canhões leves e morteiros, engenhos de fogo, catapultas, barcos à prova de fogo e bala, polvoras e inflamáveis, assim como possuir um profundo conhecimento de minas militares e construção de canais, recomenda, "com toda humildade", o seu aproveitamento! E' desnecessário dizer que ele obteve o posto.

Uma característica interessante do Renascimento Italiano é a extrema versatilidade demonstrada por alguns dos seus mais famosos vultos. Leonardo da Vinci é um exemplo, sendo Miguel Angelo, que deve ser lembrado, não só por suas esculturas e "afrescos", como pelos seus conhecimentos em fortificação que defenderam Florença durante um famoso cerco.

E' incontestavel que a necessidade militar tem sido responsavel por quasi todo melhoramento em transportes. Diz-se, com muita verdade, que o estado de civilização de um país pode ser aquilatado pelo seu sistema de comunicações e, as estradas romanas, que eram muito melhores que qualquer outra existente na-quele país até o século XVIII, foram, inegavelmente, devido à sua organização militar, exigindo reforçamentos rapidos em guarnições longíquas.

O primeiro veículo conhecido foi o carro de guerra usado pelos Sírios, Assírios e Egípcios, tão bem descritos por Homero. Alexandre, por outro lado, confessou que algumas de suas maiores dificuldades foram devidas ao uso, pelo inimigo, dos elefantes de combate, que também foram usados pelos Cartagineses contra os Romanos.

Muitos dos melhoramentos em metalurgia, ocorridos na Idade Média, foram devidos à necessidade de um equipamento superior, tanto ofensivo como defensivo, contra os cavaleiros completamente envolvidos em cota de malha e montando cavalos também protegidos. O cavaleiro de armadura dominou os campos de batalha da Europa por um milhar de anos — nenhum infante poudo enfrentá-los até que novas armas de arremesso foram introduzidas, como, primeiro o longo arco e, depois, o primitivo mosquete.

E' notavel que os maiores cientistas ingleses, como, por exemplo, Newton e Faraday, pouco se interessaram pelas applicações militares da ciência, embora a descoberta da máquina a vapor, neste país, causasse grande revolução na arte da guerra. Na França foi de outra maneira e, no South Kensington Museum, pode-se ver ainda um modelo de máquina a vapor, inventada por Cugnot, em 1763, com o fim de transportar armas e provisões. E' um veículo de três rodas, a roda central sendo acionada pelos embolos de dois cilindros. Seu principal defeito era a caldeira excessivamente pequena, ao mesmo tempo que feita de ferro furdido. Sua velocidade máxima era de 2,5 milhas por hora. Quando experimentada, nas ruas de Paris, tombou e explodiu, ao virar uma esquina, sendo condenada por perigosa.

Lavoisier, o pae da Química moderna, foi o creador da "Régie des Poudres" no Arsenal Francês. Era somente nas Escolas de Artilharia de França que a ciência podia ser, efetivamente, ensinada e, Napoleão foi o primeiro notavel soldado a se beneficiar de uma educação científica. Foi Descartes, tão grande soldado como matemático e filosofo, cujo espirito dominou nas duas grandes

escolas militares, Saint Cyr e Polytechnique, que deu ao soldado francês, em razão do seu profundo conhecimento matemático, uma peculiar previsão científica.

Foi a produção do aço em larga escala, combinado com os melhoramentos em locomoção, que mudaram toda a técnica da guerra. As pesquisas de Bessemer, em aço, foram, principalmente, consequência da invenção das armas de cano raiaado, em 1854, que exigiram um material mais forte e mais resistente do que ferro forjado. Foi durante a longa paz do século XIX que aqueles melhoramentos foram conseguidos, revolucionando a arte da guerra e tornando possível o controle do movimento de milhões de homens; simultaneamente, os melhoramentos conseguidos em preservação e armazenamento de víveres, assim como no campo da medicina, tornaram possível a manutenção das massas armadas da guerra 1914-18. A princípio porém, mesmo nesta luta, a importância dos homens de ciência — a não ser a do engenheiro — foi muito pouco reconhecida. Quando, por exemplo, um destacado físico, pela primeira vez ofereceu organizar um serviço meteorológico para o Exército Britânico, foi rispidamente informado “que o soldado inglês combatia com qualquer tempo”!

Com a continuação da guerra, no entanto, a importância das pesquisas científicas, sob variados aspectos e, principalmente na Química e na Aerorútica, foi sobejamente reconhecida de todos os lados e, a fundação do Departamento de Pesquisas Científicas e Industriais foi largamente devido à necessidade da preparação militar em tempo de paz. Está agora reconhecido à saciedade que, debaixo das modernas condições, a guerra não é tanto combatida somente pelo homem de uniforme como pela inteira força industrial da Nação, dependendo o sucesso na guerra, largamente, de sua eficiência industrial. Métodos modernos são essenciais e a importância das pesquisas fortemente estimada. Um excelente exemplo do seu valor é o modo pelo qual os Alemães tem utilizado o nitrogênio do ar para fertilizantes e explosivos e feito muito com o seu petróleo extraído de carvão de baixa classe, seu tecido de madeira e sua borracha sintética (buna). Não é improvável que alimentos sintéticos e artificiais possam ser produzidos para suprimento desse país, uma vez que suas rotas marítimas sejam comprometidas por um eventual bloqueio do inimigo.

Os Alemães foram os primeiros a dar importância ao trabalho dos cientistas teóricos, num tempo em que os homens de negócios deste país e da América estavam ainda inclinados a subestimar a importância daquele trabalho. Foi na Alemanha que, primeiro se considerou a importância da ciência na preparação da guerra, e o exército alemão de 1914, somente ele teve uma verdadeira preparação científica. Isto não quer dizer que seus oficiais tivessem inclinação para a ciência, porém, o seu governo, progressiva e crescentemente encorajou o conhecimento e desenvolvimento científicos. A maior descoberta do período 1914-18, o processo Haber para fixação do nitrogênio em explosivos e fertilizantes, foi uma descoberta alemã que o bloqueio aliado mostrou ser da máxima importância militar.

Instituições como o Kaiser Wilhelm Gesellschaft muito fizeram por encorajar as pesquisas, muitas das quais foram de imediata aplicação na guerra. Ainda depois da guerra, quando os recursos e facilidades foram muito mais reduzidos, a ciência alemã continuou florescendo, sendo encorajada, sob todos os aspectos, pela Republica de Weimar. O nome de Einstein é, naturalmente, associado a esse período e, é sintomático para o conceito nazi que houvesse sido ele encorajado de um país que tanto honrou. Em país algum, até a presente data, tem sido contestado o valor da utilidade de uma invenção pelo fato de não encontrar aplicação imediata. Perguntando uma senhora, a Faraday, qual era a utilidade de seu recém-inventado dinamo, obteve a resposta: “Qual é a utilidade de uma criança recém-nascida?”

As três indústrias que mais tem sido estimuladas pelas pesquisas são a indústria pesada de metais, a química e a de construções aeronáuticas, sendo, em

todas elas, difícil separar o civil do militar. Em produção de aeroplanos o militar tem sobrepujado de maneira esmagadora o civil. Mesmo antes do surto rearmamentista, cerca de quatro quintos da industria aeronáutica da Inglaterra tinha finalidade militar, embora o desenvolvimento dos motores Diesel para aviação tenha sido mais acentuado em outros países. Não será possível a inutilização, pelo "raio da morte", de um motor sem bobina ou magneto. A industria aeronáutica tem, além disso, estimulado largamente a produção e pesquisa de ligas leves, e, o material do qual são feitos os aviões ingleses, é incontestavelmente superior ao usado pelos Alemães, o que muito se deve aos nossos mais cuidadosos métodos, maior poder de aquisição e superioridade em metais raros essenciais para ligas. Muitas pesquisas metalúrgicas foram também orientadas no sentido de se conseguir material mais forte e mais duro para resistir à grande variedade de projectis. Os combustíveis para aviação tem sido também pesquisados, especialmente petroleos a prova de choque. Para vôos à grande altura é necessário um ventilador especial de duas fases, pois, com o necessário grau de super-carga uma alta temperatura de mistura é inevitável. Isto tende a provocar detonação, pelo que o combustível deve ser, em alto grau, não detonante. O motorista que não está satisfeito com a sua gasolina "de pantano" deve considerar que os melhores combustíveis são necessários para a R.A.F. A necessidade militar tem sido também suprema em pesquisas aerodinâmicas o vôo estratosférico é de especial interesse para a aviação militar, pelo consequente anulação do tiro anti-aéreo. Este vôo apresenta muitas dificuldades, oferecendo, porém, também, muitas possibilidades interessantes, abrindo um largo campo para o desenvolvimento da velocidade de vôo. Por razões várias, é obvio que a máxima velocidade atingível por propulsão própria por foguete tem também sido experimentada, não sómente para exploração da atmosfera superior como também sob o possível ponto de vista de navegação. Os progressos tem sido lentos e a solução sugerida de uma serie de foguetes não é muito promissora. Além disso, técnicos de vários países estudam, presentemente, o foguete como sucedâneo da artilharia anti-aérea. Sob um certo ponto de vista é interessante, pois o foguete ganha velocidade em seu percurso, enquanto o projectil perde, desde que abandona a arma. Isto é muito importante na ação anti-aérea, onde um alvo movel deve ser enquadrado. O comando de foguetes pelo rádio está ainda em sua infância, porém, seu progresso é certo, e, diz-se que tem sido conseguido foguetes de longo alcance, podendo percorrer 100 milhas, carregados com 50 libras de explosivo.

Em engenharia, as pesquisas tendem mais para o aperfeiçoamento do inventado que para novos inventos. A eficiência das viaturas tratoras tem sido constantemente aumentada por descobertas tais como o *motor Still* e, o motor de aviões alcançou uma perfeição que seria considerada impossível a uns 20 anos atrás.

O espectroscópio é atualmente tão importante para o engenheiro, em blindagens, quanto para o cientista. Com ele, o engenheiro pode olhar, através de uma janela de quartzo fundido, para dentro do cilindro de um motor em funcionamento. Em Sheffield, a análise completa de amostras de latão para cartuchos, pode ser feita em menos de 3 horas, pelo espectroscópio, quando, anteriormente, a química levaria uma semana. O carregamento de um trem inteiro de barras de ferro, pode ser examinado em curto espaço de tempo, sem ser descarregado.

Na industria química os principais ingredientes para explosivos são acido nítrico e ácido sulfúrico, derivados de pixe de carvão de pedra e vários derivados de celulose, todos de inúmeras aplicações em tempo de paz. Idênticas são as aplicações da Química em gases de combate, sendo para isso materias primas carvão, sal, enxofre e ar, todos de essencial necessidade na paz. Há um muito pequeno passo entre a anilina e a difenilclorarsina ou do acido nítrico para a cloropicrina.

Os modernos processos de pesquisas biologica venceram uma etapa quando os alimentos sintéticos se tornaram uma realidade — embora não uma luxuria

gastronômica — e estas pesquisas, incentivadas pela necessidade de se bastar a si mesmo, tem sido desenvolvidas de maneira notável pelo Nazismo.

A defesa anti-aérea, sob todos os aspectos, tem sido levada ao mais alto grau de estudo. Os homens de ciência tem estado ocupados em aperfeiçoar cortinas de fumaça para ocultar objetivos civis ou militares, facilitando assim o não apagamento das luzes, de vital importância para a indústria. Este aperfeiçoamento tende para uma pesada e opaca nuvem, aderente aos telhados das edificações, persistente, com densidade e peso podendo ser regulados de acordo com a pressão atmosférica reinante e a velocidade do vento. Isto poderá, também, ser uma solução para cobertura das linhas fluviais, largamente usadas na orientação da aviação, em incursões noturnas. A consecução de um sistema de iluminação eficientemente invisível do ar é também objeto de acurado estudo.

As descobertas de importância militar, desde que possam interessar ao Exército, são coordenadas por um departamento conhecido como *R.E. and Signal Board* (Conselhos Real de Engenharia e Transmissões?).

Destes poucos exemplos da aplicação da ciência em fins militares, mas militares e de toda conveniência preve-los no seu trabalho.

Somos uma nação pacífica, com a tradição enraizada que nossa segurança nacional e a proteção de nosso espalhado Império podem ser atribuídas a nossa Marinha e a um pequeno Exército profissional. Como a avestruz, escondemos a cabeça na areia, por muitos anos, recusando reconhecer a ameaça que se levantava da Europa Central, contra as instituições liberais e a liberdade do pensamento.

E' no jovem educado sob condições liberais que devemos procurar a flexibilidade necessária aos "leaders" de uma idade mecanizada. Os métodos de encorajamento da rigidez, nos campos de trabalho, podem capacitar a juventude nazista a se conformar com a opressão e aguentar as dificuldades, mas, aqueles métodos põem também um freio na imaginação e a mentalidade padronizada tem pouco lugar na guerra científica de hoje. A própria História tem mostrado claramente as desastrosas consequências de um julgamento erroneo na ciência da guerra.



Soldados do Exército russo atirando com o fuzil anti-tank que tem sido empregado com tanto sucesso na destruição de centenas de tanks nazistas.

"EXÉRCITO ARGENTINO. — *Hospital Militar Central.* — Jefe Militar.

Buenos Aires, 1 de Oct. 1942. — Sr. Teniente Coronel D. Lima Figueirêdo. — Rio de Janeiro.

Mui distinguido Teniente Coronel:

Sumamente complacido he leido en la prestigiosa revista militar "A Defesa Nacional" de fecha 10 de Setiembre de 1942 la traducción de mi publicación "Comentários sobre a Transposição à viva força, do Estreito de Johore" efectuada por el Señor D. Antonio M. Espanha. Esta traducción me enorgullece y estimula para seguir publicando, quedándole muy agradecido por el honor dispensado. Al mismo tiempo seria muy complacido si de mis artículos ya publicados, ó de los que en breve y sucesivamente irán apareciendo, el Señor Teniente Coronel me hiciera llegar su valiosa opinión. Ruégole, que ante la imposibilidad material de obtener dos ejemplares de "A Defesa Nacional" del 10 de Setiembre, me remita los mismos para guardarlos en mi colección.

Esta simple traducción significa a mi juicio un nuevo acercamiento en la ya característica y tradicional amistad espiritual entre los camaradas brasileños y argentinos, que quiera Dios sea vínculo eterno.

Muy agradecido y formulando votos por una ventura personal y la prosperidad del Brasil lo saludo con mi consideración más distinguida. — *Francisco I. Schauman* — Mayor."

SUGERINDO

Ao meu ver cabe a todo subalterno o dever de auxiliar, com as suas sugestões, ao escalão superior na missão comum de bem formar o soldado e cidadão que a Pátria, pelas suas leis, nos entrega.

Assim sendo, observando no correr do ano de instrução, a dificuldade que têm os recrutas, principalmente da instrução geral, veio-me em mente sugerir aos meus superiores uma cousa simples e de grande utilidade, além de ser uma medida de grande valor pedagógico, tendo em vista o nível intelectual do nosso homem médio.

Trata-se de, com um corpo de elite, como a Escola Militar ou E.P.C., filmar todas as atitudes, casos e incidentes que figuram em nossos regulamentos, salientando a instrução técnica e tática individual, focalizando sua correção e prevenindo os erros mais frequentes.

Este filme, acompanhada a sua confecção por um oficial do nosso E.M., facilitaria além de tudo, a interpretação de certas partes do regulamento, tendo ainda assegurada em todo o Brasil, uma mais rigorosa unidade de vistas, doutrinação e de instrução.

Estes filmes seriam distribuídos como carga a cada corpo, que na falta de local apropriado, utilizaria o rancho como sala de projeção.

Com semelhante auxiliar teriam os instrutores e monitores um resultado muito melhor em um tempo muito menor, cujo saldo poderá ser utilizado no aperfeiçoamento da instrução de combate.

Esta minha sugestão torna-se uma necessidade porque pelo menos onde sirvo, o número de soldados antigos, os quais deviam ser aproveitados para demonstrações quer de combate, quer do restante da instrução, ou são utilizados em serviços, ou a sua especialidade não permite (condutores) ou são empregados, restando apenas um número insignificante que não chega a constituir uma esquadra para uma Companhia.

Mas isto nada representa em face da dificuldade de percepção por parte dos recrutas analfabetos para, mesmo concretizando com os seus colegas, conceberem os casos estipulados pelos regulamentos e que não se passam frequentemente.

Vendo, sentindo todos os gestos de uma manifestação de respeito praticada por um seu igual a um superior, num cinema, num bar, num bonde, vendo a correção de um soldado no seu posto de plantão ou de sentinela, ouvindo, se possível, a sua voz, vendo a maneira como procede num posto de vigia, ou como esclarecedor, ou homem de ligação, vendo como progride, como maneja a sua arma e a sua ferramenta, como emprega a máscara ou como atravessa uma barreira, sentindo o ambiente de uma guerra moderna, com todos os seus aparelhos e ruídos, ele gravará a maneira correta de proceder em todos os casos e procurando imitar, criará com a repetição continuada dos exercícios, os atos reflexos que são no fim o objetivo da instrução.

PAULO DE ANDRADE,
2.º Tenente.

ELETRODOS

REVESTIDOS PARA SOLDA ELÉTRICA



(MARCA REGISTRADA)
FABRICANTES :

HIME & CIA.

52-RUA TEÓFILO OTONI-52

Telefone: 23-1741 -- RIO DE JANEIRO



Cia. de Fiação e Tecidos
CONFIANÇA INDUSTRIAL



CAIXA POSTAL, 427

TELEFONES : 38 - { 2540 DIRETORIA
4440 ESCRITORIO
3390 GERENCIA

Endereço Telegráfico : CONFIANÇA

RUA ARTIDORO DA COSTA, 67 - VILA IZABEL
RIO DE JANEIRO

ATOS OFICIAIS DO MINISTÉRIO DA GUERRA**De 20 de Outubro a 20 de Novembro de 1942****AUTONOMIA ADMINISTRATIVA (Concessão).**

— A 4.^a Cia. Independente de Fronteira, com sede em Amapá, passa a ter autonomia administrativa na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto número 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 2.798, de 24 — D.O. de 27-10-942.)

— Às 7.^a e 9.^a Brigadas Independentes de Artilharia de Costa é dada autonomia administrativa, na conformidade do disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 2.767, de 15 — D.O. de 24-10-942.)

— Ao 9.^o Batalhão de Engenharia é dada autonomia administrativa, na conformidade do que estabelece o Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— Ao 1.^o Grupo Independente de Artilharia é dada autonomia administrativa, na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado pelo decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— Ao 37.^o Batalhão de Caçadores é dada autonomia administrativa, na conformidade do que estabelece o Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— Ao 40.^o Batalhão de Caçadores é dada autonomia administrativa, na conformidade do que estabelece o Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— Ao 1.^o Batalhão de Carros de Combate Leves é dada autonomia administrativa, na conformidade do que estabelece o Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— Ao 18.^o Regimento de Infantaria é dada autonomia administrativa, na conformidade do que estabelece o Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— Ao 20.^o Regimento de Infantaria é dada autonomia administrativa, na conformidade do que estabelece o Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— À 1.^a Companhia Montada de Transmissões é dada autonomia administrativa, na conformidade do que estabelece o Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Avisos ns. 2.720 a 2.727, de 20 — D.O. de 22-10-942.)

— Na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado pelo decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938, é dada autonomia administrativa ao 3.^o Batalhão de Fronteira.

— Na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado pelo decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938, é dada autonomia administrativa ao 7.^o Batalhão de Engenharia.

— A 14.^a Companhia Independente de Transmissões é dada autonomia administrativa, na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado pelo decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— A 7.^a Companhia Independente de Transmissões é dada autonomia administrativa, na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado pelo decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Avisos ns. 2.907 a 2.910, de 6 — D.O. de 9-11-942.)

— Na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado pelo decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938, é dada autonomia administrativa ao 35.^o Batalhão de Caçadores.

(Aviso n. 2.912, de 6 — D.O. de 9-11-942.)

— A Companhia Independente da Fronteira, com sede em Brasília, passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 2.959, de 12 — D.O. de 14-11-942.)

— O 9.^o Batalhão de Engenharia passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 2.962, de 12 — D.O. de 14-11-942.)

— A 7.^a Companhia Independente de Guardas passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— Os 6.^o Batalhão de Caçadores, III-5.^o Regimento de Infantaria e III-6.^o Regimento de Infantaria, passam a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Avisos ns. 2.934 e 2.925, de 9 — D.O. de 12-11-942.)

— Ao terceiro batalhão do 12.^o R.I. é dada autonomia administrativa na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— Ao 12.^o Batalhão de Caçadores é dada autonomia administrativa, na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— Ao 11.^o Batalhão de Caçadores é dada autonomia administrativa, na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— A Companhia Quadros do 10.^o Batalhão de Caçadores passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto número 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— A 5.^a Companhia Montada de Transmissões é dada autonomia administrativa, na conformidade do que estabelece o art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Avisos ns. 3.000, 3.001, 3.002, 3.005 e 3.007, de 17 — D.O. de 19-11-42.)

ARTILHARIA DIVISIONÁRIA (criação).

— É criada, com sede em Campina Grande, sob o comando de coronel da arma de artilharia, a Artilharia Divisionária da 14.^a Divisão de Infantaria (A.D./14), a ser constituída de tropas e em data a serem designadas, oportunamente, por ato do Ministro de Estado da Guerra.
(Dec.-lei n. 4.706-A, de 17-9-42 — D.O. de 3-11-942.)

BATALHÃO DE ENGENHARIA (efetivo).

— O 7.^o Batalhão de Engenharia tem organização e efetivo idêntico ao 1.^o Batalhão de Engenharia.
(Aviso n. 2.950, de 11 — D.O. de 13-11-942.)

BATALHÃO DE FRONTEIRA (tipo).

— O 3.^o Batalhão de Fronteira, com sede em Oiapoque, é do tipo III consignado no quadro de efetivo n. 4 — Unidades-tipo.
(Aviso n. 2.940, de 11 — D.O. de 13-11-942.)

CARDIAL ARCEBISPO DO RIO DE JANEIRO (honras).

— O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, considerando que os Cardiais da Igreja Católica, Membros do Sacro Colégio, são herdeiros eventuais do Trono Pontifício e o cerimonial diplomático brasileiro os equipara aos Príncipes Herdeiros e considerando também a alta veneração com que é revenciada no Brasil a dignidade cardinalícia, que D. Sebastião Leme da Silveira Cintra exerceu nesta Capital, com admirável zelo, durante doze anos, decreta:

Artigo único. No dia dos funerais de Sua Eminência o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, ser-lhe-ão prestadas as honras correspondentes ao cargo de Ministro de Estado da República.
(Dec. n. 10.658, de 19 — D.O. de 20-10-942.)

CAPOTE VERDE-OLIVA (troca).

— Das praças transferidas de outras Regiões para as 7.^a, 8.^a e 10.^a Regiões Militares serão arrecadados os capotes de lã verde-oliva, recebendo na unidade de destino o capote de brim verde-oliva impermeabilizado. Do mesmo modo se procederá com as praças transferidas das 7.^a, 8.^a e 10.^a Regiões Militares para outras Regiões, arrecadando-se-lhes o capote de brim verde-oliva e distribuindo-se na unidade de destino um dito de lã verde-oliva. Os capotes arrecadados serão redistribuídos a outras praças, até o término de seu tempo de duração, na forma das Instruções para Distribuição de Fardamento.

(Aviso r. 2.961, de 12 — D.O. de 14-11-942.)

CARGA (solução de consulta).

— O fiscal administrativo do 13.^o Regimento de Infantaria consulta, em 15 de maio último, quem deve responder pela carga do material distribuído à Secção Administrativa e ao Gabinete do fiscal administrativo do Regimento de Infantaria.

Em solução, declaro que a carga do material em questão fica sob a responsabilidade do ajudante do Regimento.

(Aviso n. 3.019, de 17 — D.O. de 20-11-942.)

CARTEIRA DE IDENTIDADE (famílias de praças).

— Fica extensiva às pessoas da família de músicos casados a faculdade de concessão de carteira de identidade a que se refere o Aviso n. 2.883-Dtdt. 2, de 27 de novembro de 1941.

(Aviso n. 3.017, de 18 — D.O. de 20-11-942.)

COMO GANHAR A GUERRA!

— O que podem fazer os que não estão incorporados às forças armadas — no seu próprio interesse e para alcançar a vitória:



ALIMENTE-SE BEM - Leite, manteiga, ovos, peixe, carne, queijo, legão, verduras, frutas, legumes, pão — são a CHAVE da boa alimentação. Sirva-se moderadamente desses alimentos. Coma três vezes ao dia.

DURMA BASTANTE - Regularidade no sono é o essencial para a saúde. Sono e repouso perdidos, jamais se recuperam. Faça tudo dentro do seu horário. Não ande depressa depois do almoço e do jantar. Deite e levante à hora certa.



CUIDE DA SUA HIGIENE - Banhe-se com frequência. Não economize sabão, mas tente poupar água tomando banho de chuveiro em vez de imerso. Mantenha sempre limpos os olhos, as mãos, os cabelos e a pele. Respire ar fresco e aproveite a luz benéfica do sol. Beba muita água.

ECONOMIZE GÁS - Lembre-se que o gás é feito de carvão cuja entrega depende do transporte marítimo. O racionamento de gás é uma medida de guerra. Conserve gás para dentro de casa, é uma forma sadia de patriotismo.



REGULARIZE SEUS PASSEIOS - Se V. não tem as obrigações de um emprego, não viaje em ônibus e bondes nas horas de maior movimento. Deixe o seu lugar para os que necessitam viajar, colaborando assim na solução do problema de trânsito.

DIVIRTA-SE DIARIAMENTE - Brinque com seus filhos, visite seus amigos, dê passeios a pé, faça sempre algumas coisas que o distraia do seu trabalho físico e mental. Trabalho muito e divertir-se pouco, não é aconselhável para a saúde.



TELEFONE MENOS - Não deixe que que utilizem seu telefone em conversas íntimas e inúteis. O sistema telefônico está sobrecarregado de serviço e com o embargo de mensagens para o aumento das estações automáticas, a situação vai piorar ainda mais.

PROTEJA SEU SISTEMA NERVOSO - Ilumine bem sua casa, seu escritório e sua sala. Exatidão nas escolas frequentadas por seus filhos. A iluminação deficiente estraga a vista, irrita os nervos e inutiliza as energias dos que querem tomar parte no esforço de guerra.



CONSULTE SEU MÉDICO - Se um automóvel exige uma revisão de seis em seis meses, o corpo humano necessita ainda de maiores cuidados. Os médicos hoje em dia, sabem evitar muitos doentes, tanto de adultos quanto de crianças. Não seja um péso-morto para a pátria.



★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

CERTIFICADOS DE RESERVISTA (entrega).

— Em aditamento ao Aviso n. 2.577, de 6-10-1942, declaro que, para a entrega pelas C.R., dos certificados de reservista de 3.^a categoria, a prova de identidade poderá ser feita, também, por um dos seguintes documentos:

- a) carteira ou caderneta de entidade para-estatal, ou autárquico, ou de sindicato profissional, desde que contenha o retrato do interessado;
- b) atestado passado por oficial do Exército ou delegado de polícia do distrito de residência, com firma reconhecida, contendo indicação dos sinais característicos do interessado e seu retrato em tamanho 3 x 4, colado e rubricado pelo atestante;
- c) ofício de apresentação do chefe da repartição pública ou estabelecimento para-estatal ou autárquico, em que trabalhar, contendo também os sinais característicos e o retrato do interessado, consoante o indicado na alínea b.

(Aviso n. 2.754, de 21 — D.O. de 23-10-1942.)

CIRCUNSCRIÇÃO DE RECRUTAMENTO (contingente).

— É mandado aumentar de 15 (quinze) soldados o efetivo em praças do Contingente da 1.^a C.R., devendo preencher-se os claros decorrentes, preferentemente, com reservistas de 2.^a categoria, mediante convocação, e atendendo as aptidões para o serviço na referida Circunscrição.

(Aviso n. 2.226, de 17 — D.O. de 19-11-1942.)

— Fica criado, para a 22.^a Circunscrição de Recrutamento, com sede em Caruarú, Estado de Pernambuco, um contingente com o seguinte efetivo:

Auxiliares da chefia:

Segundo sargento	1
Cabo	1
Soldados	2

Almoxarifado e Tesouraria:

Terceiro sargento	1
Soldado	1

Secções

Terceiro sargento	1
Cabo	1
Soldados	3
Soldados burocratas	3

Soma 17

(Aviso n. 2.705, de 17 — D.O. de 20-10-1942.)

COLÉGIO MILITAR (adaptação).

— De acordo com o disposto no art. 59 da Lei do Ensino, e tendo em vista a adaptação do Regulamento do Colégio Militar à Lei Orgânica do Ensino Secundário civil, determino para o Colégio Militar as seguintes medidas:

- a) as aulas deverão ser encerradas no dia 14 de novembro; iniciando-se os exames de 1.^a época no dia 20 do mesmo mês;

- b) a não ser para os alunos da 4.^a série, os quais terão que fazer os Exames de Licença, não haverá provas mensais no mês de novembro;

- c) só poderá prestar o Exame de Licença o aluno que obtiver em cada disciplina a (conclusão do 1.^o ciclo do Curso Secundário), nota final quatro (4) ou superior e no conjunto das disciplinas da série a nota global cinco (5) ou superior;

- d) a nota final de cada disciplina, no caso de habilitação para efeito de prestação dos Exames de Licença, será a média ponderada dos três elementos: a nota anual dos trabalhos correntes e as notas da primeira e se-

gunda prova parciais. A esses elementos se atribuirão, respectivamente, os pesos três, três e quatro;

e) os Exames de Licença por conclusão dos estudos do primeiro ciclo (4.^a série) versarão sobre as seguintes disciplinas: 1 — Português; 2 — Latim; 3 — Francês; 4 — Inglês; 5 — Matemática; 6 — Ciências Naturais; 7 — História do Brasil; 8 — Geografia do Brasil;

f) os Exames de Licença constarão, para as Línguas e Matemática, de prova escrita e de uma prova oral; para as Ciências Naturais somente de uma prova oral e para Desenho somente de uma prova gráfica. Para todas as disciplinas, esses exames versarão no corrente ano, somente sobre a matéria ensinada na 4.^a série;

g) considerar-se-á aprovado no curso ginasial o aluno que nos Exames de Licença obtiver em cada disciplina a nota quatro (4) ou superior e no conjunto das disciplinas, a nota global cinco (5) ou superior. A nota global é a média aritmética das notas de todas as disciplinas; a nota de cada disciplina será a média aritmética das notas da prova escrita e da prova oral ou, quando o exame constar somente de uma prova, a nota desta;

h) haverá uma 2.^a época de Exames de Licença, para os alunos que satisfizerem as condições exigidas aos alunos das demais séries;

i) continuam em vigor todas as demais disposições atualmente adotadas no Colégio Militar.

(Aviso n. 2.736, de 200 — D.O. de 20-10-942.)

COMANDO DE DIVISÃO (serviço arregimentado).

— E' considerado, quer como serviço arregimentado, quer como de estado maior, conforme o requisito que faltar ao oficial para promoção ao posto imediato, o tempo passado pelos oficiais superiores, que possuem o curso de estado maior, no comando de Divisão de Cavalaria, Infantaria Divisória e Artilharia Divisória.

(Dec.-lei n. 4.930, de 6 — D.O. de 9-11-942.)

COMISSÃO DE LIMITES INTERNACIONAL (reservistas).

— Os reservistas do Exército em serviço permanente nas Comissões de Limites Internacionais tem a incorporação adiada enquanto servirem nas citadas Comissões ou até que se imponha a incorporação total dos de suas respectivas classes.

(Aviso n. 2.999, de 17 — D.O. de 19-11-942.)

CONVOCADOS PARA O SERVIÇO MILITAR (garantias).

— O "Diário Oficial", n. 265, de 16-11-942, publica na íntegra o Decreto-lei n. 4.902, de 31-10-942, que dispõe sobre a garantia de lugar e sobre a remuneração dos brasileiros convocados para qualquer encargo de natureza militar.

CORPOS DE TROPA (criação).

— E' criada, para instalação imediata, com sede em Recife, Estado de Pernambuco, a 7.^a Companhia Independente de Transmissões.

— E' criada, para instalação imediata, com sede em Natal, Estado do Rio Grande do Norte, a 14.^a Companhia Independente de Transmissões.

— E' criado, para instalação imediata, na 7.^a Região Militar, o 7.^o Batalhão de Engenharia.

(Decs.-leis ns. 4.904 a 4.906, de 31-10 — D.O. de 5-11-942.)

— E' criado, para instalação a partir de 1 de novembro do corrente ano, com sede em Oiapoque, o 3.^o Batalhão de Fronteira, com organização e efetivo em tempo a serem fixados, oportunamente, por ato do Ministro de Estado da Guerra.

(Dec.-lei n. 4.912, de 31-10 — D.O. de 5-11-942.)

- E' criado, para instalação a partir de 1 de novembro do corrente ano, com sede em Bragança, o 35.º Batalhão de Caçadores.
(Dec.-lei n. 4.913, de 31-10 — D.O. de 5-11-942.)
- E' criada, para instalação imediata, a 5.ª Companhia Montada de Transmissões, com sede em Aquidauna, Estado de Mato Grosso, com organização e efetivo a serem fixados, oportunamente, pelo Ministro de Estado da Guerra.
(Dec.-lei n. 4.493, de 12 — D.O. de 15-11-942.)
- E' criada, para instalação imediata, a 9.ª Bateria Independente de Artilharia de Costa (Forte de Paranaguá), com efetivo e material que serão fixados, posteriormente, pelo Ministro de Estado da Guerra.
(Dec.-lei n. 4.844, de 19 — D.O. de 21-10-942.)
- E' criada, para instalação imediata, a 7.ª Bateria Independente de Artilharia de Costa (Forte Marechal Moura), com efetivo e material que serão fixados, posteriormente, pelo Ministro de Estado da Guerra.
(Dec.-lei n. 4.845, de 19 — D.O. de 21-10-942.)
- E' criada, para instalação imediata, com sede em Recife, sob o Comando de general de brigada, a Artilharia da 7.ª Região Militar, constituída de tropas não divisionárias e em data a serem designadas, oportunamente, por ato do Ministro de Estado da Guerra.
(Dec.-lei n. 4.781-A, de 5-10 — D.O. de 18-11-942.)

CORRESPONDÊNCIA SIGILOSA (recomendação).

— E' constante a vinda a este gabinete de correspondência sigilosa cujas sobre-cartas não trazem na parte externa qualquer característico indicativo da sua natureza, dando motivo a que tais sobre-cartas sejam abertas na secção de registo de correspondência comum, tornando assim ostensivo o segredo e a segurança de que devem estar cercados os documentos de importância. Nestas condições, dou por muito bem recomendada a fiel observância do art. 46 do Regulamento Interno e dos Serviços Gerais (R.I.S.G.), afim de que cesse definitivamente essa anomalia tão prejudicial ao serviço.
(Aviso n. 2.966, de 12 — D.O. de 14-11-942.)

CURSO DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA (matrícula).

— O Corpo de Alunos do C.P.O.R. da 2.ª Região Militar, em 1943, terá o seguinte efetivo:

Infantaria	400
Artilharia	150
Engenharia	130
Cavalaria	120
Interdência	100

(Aviso n. 2.778, de 23 — D.O. de 26-10-942.)

— O N.P.O.R. anexo ao IV/4.º R.C.D., em Juiz de Fora, terá o efetivo de 70 alunos e não como consta do Aviso n. 2.461, de 22 de setembro de 1942.

(Aviso n. 2.806, de 26 — D.O. de 28-10-942.)

— Os Centros de Preparação Militar, mandados instalar nas sedes de Regiões Militares e nas guarnições principais, devem funcionar, em 1943, a partir do primeiro dia útil:

De janeiro, na Primeira Zona;

De março, na Segunda Zona;

De fevereiro, na Terceira Zona.

(Aviso n. 2.765, de 22 — D.O. de 24-10-942.)

SOCIEDADE DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO



DESDE AQUELE DIA



parece que
os negócios tomaram
novo impulso...

A direção da firma cabia a um sócio apenas. Por isso, os Bancos limitavam seu crédito. Não havia pleno desenvolvimento. Um dia, porém, os três sócios resolveram proteger a firma e protegerem-se mutuamente, instituindo um Seguro Comercial, na Sul America. Desde então o crédito firmou-se, os negócios aumentaram e os lucros multiplicaram-se. Siga este exemplo, o Sr. que também é comerciante!



SUL AMERICA

Companhia Nacional de
Seguros de Vida

IMPORTAÇÃO

Compramos mamona, babassú,
fibras, madeiras, cereais, ferro ba-
tido e fundido, cêra de ouricuri,
cêra de abelha, etc.

EXPORTAÇÃO

Exportamos mamona, babassú,
cêra de ouricuri, cêra de abelha,
cereais, madeiras, etc.

Matriz:

Rua México, 98 - 10.º - Salas 1012/13
Telef. 42-0791 - End. Telg. "Sieb"
Códigos: Mascote e Bentley's
RIO DE JANEIRO

Filliais:

São Luiz do Maranhão - Rua Candido
Mendes, 365 - Caixa Postal n. 4.
Vitória - E. do Espírito Santo -
Rua Luiz Antonio, 26 - 2.º (Ed. Banco Inglês)
Teófilo Otoni - Minas Gerais



casa • jardim

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Sempre Novidades

• RUA BUENOS AIRES • 79 •



— Torna extensivas às demais Regiões Militares as disposições constantes do Aviso n. 1.788, de 9 de julho de 1942, sobre matrículas nos C.P.O.R. de candidatos ao Curso de Interdição.

(Aviso n. 2.699, de 17 — D.O. de 20-10-942.)

— Fica sem efeito o Aviso n. 2.526, de 28 de setembro último, na parte referente aos acadêmicos de medicina, reservistas. Fica permitido aos mesmos candidatarem-se aos Centros ou Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva.

(Aviso n. 2.740, de 20 — D.O. de 22-10-942.)

— Autoriza a criação de um Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva — curso de artilharia — anexo à Bia. I. Auto de Belem, com o efetivo de 25 alunos. O curso deve funcionar a partir de 4 de janeiro de 1943.

(Aviso n. 2.979, de 13 — D.O. de 16-11-942.)

DIÁRIAS DE FORA DE SEDE (solução de consulta).

— Consulta o chefe da 2.^a Secção do Serviço de Furdos da 1.^a Região Militar se um oficial, tendo se deslocado da sede de sua unidade e vindo para a Capital Federal, afim de se submeter a concurso e-consequente matrícula no Curso de Aperfeiçoamento da Escola de Intendência do Exército, tem direito, uma vez realizados o concurso e a matrícula, às diárias de fora de sede, dado que não faça jús a ajuda de custo, por não ter completado o prazo mínimo estabelecido no Aviso n. 3.609-Ajud. 4, de 6 de dezembro de 1941.

Em solução, declaro que não cabe direito ao pagamento de diárias de fora de sede ao oficial na situação prevista pelo consulente, em face do que dispõe explicitamente o art. 112, alínea i, do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército.

(Aviso n. 2.739, de 20 — D.O. de 2 de 10-942.)

DIRETORIA DO MATERIAL BÉLICO (repartições).

— Os estabelecimentos subordinados à Diretoria do Material Bélico ficam incluídos no número das repartições de que trata o Aviso n. 1.759, letra a, de 4 de julho de 1942.

(Aviso n. 3.018, de 18 — D.O. de 20-11-942.)

EFETIVO DE CORPOS (ordem).

— E' mandado ficar sem efetivo até ulterior deliberação, o 1.^o Batalhão de Engenharia, devendo o pessoal (quadros e tropa) e material dessa unidade ser aproveitados para a instalação do 7.^o Batalhão de Engenharia (decreto-lei n. 4.906, de 31 de outubro de 1942).

— E' mandado ficar sem efetivo, até ulterior resolução, a 4.^a Companhia Independente de Transmissões, com sede em Recife, devendo ser aproveitados, por transferência, o pessoal e material respectivos na instalação da 7.^a Companhia Independente de Transmissões (decreto-lei n. 4.904, de 31 de outubro de 1942).

— As 7.^a e 14.^a Companhias Independentes de Transmissões tem organização e efetivo idênticos aos da 4.^a Companhia independente de Transmissões.

(Avisos n. 2.945 a 2.947, de 11 — D.O. de 13-11-942.)

— Os Primeiros Grupos dos 1.^o e 2.^o R.A.D.C. tem efetivo (orçamentário) idêntico ao do I/3.^o R.A.D.C. (Bagé); os Segundos Grupos dos 3.^o e 4.^o R.A.D.C. tem efetivo (orçamentário) idêntico ao do II/1.^o R.A.D.C. (S. Angelo).

(Aviso n. 2.981, de 13 — D.O. de 16-11-942.)

EFETIVO DE R.C.D. (aumento).

— O efetivo do 7.º Regimento de Cavalaria Divisionário (ala moto-mecanizada) é aumentado d 1 (um) Pelotão no Esquadrão de Reconhecimento. (Aviso n. 2.964, de 12 — D.O. de 14-11-942).

ESCOLA DE ARTILHARIA DE COSTA (matrícula).

— Autoriza a matrícula de nova turma de oficiais da reserva no Curso de Emergência da Escola de Artilharia de Costa.

— Concorrerão elementos das 1.ª, 2.ª e 4.ª Regiões Militares.

— Os candidatos devem ser aspirantes da reserva já com estágio na tropa ou segundos tenentes, todos oriundos dos C. P. O. R., e não ter outra especialidade.

— O curso terá a duração de 3 ½ meses: 15 de dezembro a 31 de março.

— Estes oficiais serão convocados para fazer o curso.

— O programa será o constante do aviso n. 1.189, de 12 de maio de 1942.

— Os requerimentos de matrícula devem dar entrada até 20 de novembro. Gabinete do ministro da Guerra por intermédio da Diretoria de Recrutamento.

— Não poderão concorrer oficiais já convocados.

(Aviso n. 2.354, de 30-10- D.O. de 3-11-942).

ESCOLA DE ESTADO MAIOR (regulamento).

— O Diário oficial n. 264, de 14, publica na íntegra o Decreto n. 10.790, de 9-11-942, que aprova o Regulamento da Escola de Estado Maior do Exército.

ESCOLA DE INTENDENCIA (ano letivo).

— Afim de abreviar a apresentação dos capitães intendentes à tropa e repartições, autorizo-vos a encerrar o ano letivo do curso de aperfeiçoamento da Escola de Intendência a 30 de novembro próximo.

Não haverá exame no segundo período: a apuração do aproveitamento será feita pela conta de ano.

(Aviso n. 1.225, de 15 — D.O. de 24-10-942).

ESCOLA MILITAR (exame de admissão).

— Sómente as praças que possuírem mais de seis meses de serviço na tropa poderão concorrer aos exames de admissão à Escola Militar ou de Intendência.

(Aviso n. 2.897, de 5 — D.O. de 7-11-942).

ESCOLA TÉCNICA DO EXÉRCITO (instruções).

— O Diário Oficial de 28-10-942, publica na íntegra as Instruções para a prova de habilitação no Curso de Preparação da Escola Técnica do Exército no ano de 1943.

— Os oficiais inscritos para o Curso de Preparação da Escola Técnica farão a prova de habilitação na sede da Região Militar. Deverão aí apresentar-se a 3 de dezembro.

(Aviso n. 2.768, de 22 — D.O. de 24-10-942).

— A prova de habilitação para o Curso de Preparação da Escola Técnica deve realizar-se a 4 de janeiro de 1943.

(Aviso n. 2.698, de 17 — D.O. de 20-10-942).

— São fixadas, para 1943, as seguintes matrículas na Escola Técnica:

Curso de Engenheiros de Aeronáutica:

Civís, 20; Oficiais da F.A.B., 10.

Para oficiais de Marinha:

Curso de Armamento e Metalurgia, 5.

(Aviso n. 2.978, de 13 — D.O. de 16-11-942).

— Os oficiais inscritos para a prova de habilitação do Curso de Preparação da Escola Técnica, recentemente classificados, devem aguardar a chamada para o concurso na sede das Regiões Militares onde se acham.
(Aviso n. 2.780, de 23 — D.O. de 26-10-942).

ESCOLA DE TRANSMISSÕES (matrícula).

— As Diretorias de Arma providenciem para que seja completado, compulsoriamente, o número de matrículas fixado pelo aviso n. 2.327, de 9 de setembro de 1942, para a Escola de Transmissões.

As exigências para a matrícula nos cursos B e BI são as do art. 58 do Regulamento dessa Escola. A prova intelectual será realizada na própria unidade e as questões formuladas pelo comando da mesma de acordo com o Regulamento do referido estabelecimento de ensino.

Metade do número de matrícula deve ser destinado aos cabos.

Os candidatos devem apresentar-se na Escola de Transmissões até 30 de novembro.

Só concorrerão elementos da 1.^a, 2.^a, e 4.^a R. M.

(Aviso n. 2.911, de 6 — D.O. de 9-11-942).

ESCOLA DE VETERINÁRIA (matrícula).

— E' fixado em vinte o número de matrículas, em 1943, no Curso de Formação de Sargentos Enfermeiros Veterinários e em vinte no de Sargentos Mestres Ferradores.

(Aviso n. 2.713, de 20 — D.O. de 22-10-942).

ESCRITURAÇÃO DE FARDAMENTO (devolvido).

— O comandante da 8.^a Região Militar, em radiograma n. 36-S-I., de 12 do corrente, consulta como deve considerar, para efeito de escrituração, o fardamento devolvido pelos reservistas que estavam incorporados e que foram atingidos pelas disposições dos avisos ns. 1.940 e 1.942, de 23 de julho último.

Em solução, declara que, em face da situação especial do momento, deve tal fardamento ser incluído na carga das sub-unidades e distribuído à medida que se forem processando as incorporações futuras, quer de conscritos, quer de reservistas, mencionando-se nos ajustes de contas respectivos esse procedimento.

(Aviso n. 2.782, de 23 — D.O. de 26-10-942).

ESTABELECIMENTOS FABRIS CIVIS (interesse militar).

Mediante aprovação do Presidente da República, serão considerados de interesse militar os estabelecimentos fabris civis que os Ministérios da Guerra, da Marinha e da Aeronáutica indicarem como necessários à indústria bélica do país.

O reservista com destino especial de mobilização para a indústria bélica (fábrica civil ou militar):

- a) prestará serviço somente no estabelecimento para que for destinado, até que novo destino lhe seja dado pela autoridade competente;
- b) será considerado desertor e como tal julgado pelas leis em vigor, quando faltar ao trabalho por prazo maior de oito dias, sem justa causa;
- c) será considerado ausente do serviço e punido com multa de três dias de salário por dia de falta, quando faltar ao trabalho por mais de vinte e quatro horas, sem motivo justificado.

As pessoas pertencentes a qualquer fábrica considerada de interesse militar (de administração ou mão de obra) reservistas ou não, com ou sem destino de mobilização, ficam igualmente alcançadas pelas alíneas a, b e c do artigo anterior.

Os estrangeiros operários de tais estabelecimentos fabris, estarão também sujeitos às prescrições contidas no artigo 2.^o da presente lei, excluído o

- FOLHINHAS E VENTAROLAS
- ALBUNS PARA FOTOGRAFIAS
- ARTIGOS PARA BRINDES
- CARTÕES PARA FELICITAÇÕES
- LIVROS NOTES PARA BOLSO
- LIVROS EM BRANCO EM GERAL
- LIVROS E PAPEIS DO MINISTÉRIO DO TRABALHO, ETC.

Hamleto Manzieri

Travessa do Oliveira, 16
 Telefone 43-1780
 RIO DE JANEIRO



Cooperar com o comércio, com as indústrias e com as autoridades do país, na solução de todos os problemas relacionados com o petróleo, é o verdadeiro intuito da Organização SHELL.

Com o máximo prazer atenderemos a todas as consultas que nos forem dirigidas

ANGLO-MEXICAN PETROLEUM COMPANY, LTDA.

Praça 15 de Novembro n. 10

Rio de Janeiro

caso de deserção (ausência maior de oito dias) que será considerada equivalente a uma forma de sabotagem e como tal enquadrada nas sanções do decreto-lei n. 4.776, de 1 de outubro do corrente ano.

(Decreto-Lei n. 4.937, de 9 — D.O. de 12-11-942).

ESTÁGIO DE OFICIAIS (dispensa).

— Tendo em vista as ponderações apresentadas pelo Estado Maior do Exército em seu ofício n. 1.650, de 7 do mês corrente, resolvo, enquanto perdurar a situação que vem atravessando o país em virtude do Estado de Guerra, dispensar do estágio de que trato o Aviso n. 364, de 30 de janeiro deste ano, os oficiais que tenham concluído o curso da Escola de Estado Maior.

(Aviso n. 2.965, de 12 — D.O. de 13-11-942).

FÁBRICA DE PIQUETE (animais).

— O efetivo em animais da Fábrica de Piquete é, nesta data, fixado no seguinte:

Cavalos de sela e tiro, 25; Muares de carga e tiro, 80.

(Aviso n. 2.932, de 9 — D.O. de 12-11-942).

FAMÍLIAS DE OFICIAIS (passagens).

— Os oficiais e praças mandados servir nas 6.^a, 7.^a e 8.^a Regiões Militares podem fazer-se acompanhar das respectivas famílias, fornecendo-se-lhes transporte por via marítima ou fluvial (via São Francisco).

FARDAMENTO DE SARGENTOS (solução de consulta).

— Em rádio n. 22, de 13 do mês próximo findo, o comandante da 8.^a Região Militar pede autorização para considerar distribuído aos novos sargentos do 27.º Batalhão de Caçadores o primitivo fardamento de cabo, subordinada essa distribuição a título indenizável conforme o tempo que faltar para completar o limite de duração das peças, visto não existir, em Manaus, o material destinado à confecção de fardamento.

Com referência ao pedido, declaro:

a) os cabos que forem promovidos a 3.º sargento entregarão às sub-unidades, dentro de 15 dias, o fardamento que lhes estiver distribuído, procedendo-se no caso conforme precituum o art. 10 e seus parágrafos das Instruções para distribuição de fardamento;

b) quando não houver, na sede da unidade ou na praça vizinha, alfaiataria ou estabelecimento que possa confeccionar fardamento, poderão as peças de fardamento para os novos sargentos ser descarregadas e fornecidas aos mesmos, mediante indenização, levando-se em conta o tempo que faltar para completar o tempo de duração, não se distribuindo, entretanto, novo fardamento.

(Aviso n. 2.876, de 4 — D.O. de 6-11-942).

FARMÁCIA CENTRAL DO EXÉRCITO (contingente).

— Fica criado, na Farmácia Central do Exército, um contingente com o seguinte efetivo em praças, como auxiliares da administração:

Segundo sargento, 1; Terceiro sargento, 1; Cabo, 1; Soma, 3.

(Aviso n. 2.703, de 17 — D.O. de 20-10-942).

FICHA INDIVIDUAL DE PERMANÊNCIA (praças).

— Fica adotada no Exército, a título de experiência, a "Ficha Individual de Permanência" para as praças, idealizada pelo 2.º sargento Sóstenes Scanoni, da 7.^a Região Militar.

FICHA DE SARGENTOS (solução de consulta).

— Consulta o comandante do 13.º B.C. como deve proceder na organização da ficha de que trata o aviso n. 1.198, de 23-3-1940, com os sargentos que tenham punições de 1938.

Em solução, declaro que as punições anteriores à primeira edição do regulamento disciplinar do Exército (1938), devem ser computadas cada uma com um ponto par os efeitos da ficha de promoção dos sargentos. (Aviso n. 2.898, de 5 — D.O. de 7-11-942).

FORTE DA BARRA DO PARANAGUÁ (contingente).

— Fica extinto o Contingente de guarda do Forte da Barra do Paranaguá, cujas praças são incorporadas à 9.^a Bateria Independente de Artilharia de Costa, recentemente instalada no referido Forte. (Aviso n. 3.003, de 17 — D.O. de 19-11-942).

GRUPOS DE REGIÕES (Q. G.).

— Os Quartéis Gerais das Inspetorias dos 1.^o e 2.^o Grupos de Regiões Militares passam a funcionar no mesmo pavimento, providenciando-se em consequência.

(Aviso n. 2.943, de 11 — D.O. de 13-11-942).

HERDEIROS (solução de consulta).

— Consulta o Diretor da Arma de Artilharia, em ofício n. 423 — Gabinete, de 13 do corrente:

a) se o decreto-lei n. 4.819, de 8, publicado no Diário Oficial de 10 do corrente, é de efeito extensivo aos herdeiros dos naufragos dos vapores "Baependi" e "Itagiba", torpedeados em agosto do corrente ano;

b) caso afirmativo, se é lícito àquela Diretoria receber os requerimentos dos herdeiros habilitando-se às pensões e iniciar os respectivos processos, fazendo junta dos documentos a que se refere o decreto n. 3.695, de 6 de fevereiro de 1939;

c) qual o encaminhamento que deve ter o processo, em face da letra c do art. 28 do decreto n. 3.695, uma vez que o 7.^o Grupo de Artilharia de Dorso pertencia à 7.^a Região Militar e as famílias dos componentes residem, de modo geral, no Distrito Federal.

Em solução, declara o Snr. Ministro:

a) o decreto-lei n. 4.819, de 8, publicado no Diário Oficial de 10 de outubro de 1942, é de caráter retroativo e atinge a todos os militares já falecidos, invalidos ou extraviados, em consequência de naufrágio, acidente ou quaisquer atos de agressão causados pelo inimigo na guerra atual.

b) quando, em consequência de naufrágio acidente, ou qualquer ato de agressão causado pelo inimigo, tenham desaparecido os arquivos da unidade, ficam as Diretorias das Armas ou Serviços com atribuições de receber, também — dando o respectivo andamento — os documentos a que se refere a alínea a do artigo 28 do decreto n. 3.695, de 6 de fevereiro de 1939;

c) para fins da letra c do art. 28 do decreto-lei n. 3.695, de 6 de fevereiro de 1939, e para os desaparecimentos ocorridos até a data de publicação deste, devem as Diretorias de Armas ou Serviços encaminhar ao Serviço de Fundos da 1.^a Região Militar os documentos constantes das alíneas a, b e c do art. 28 do citado decreto.

(Aviso n. 2.856, de 30-10- D.O. de 3-11-942).

HINO NACIONAL (solução de consulta).

— Os Comandantes das 3.^a e 4.^a Regiões Militares, atendendo:

Que o § 1.^o do art. 32 do decreto-lei n. 4.545 de 31 de julho de 1942, determina que, durante a execução do Hino Nacional, façam os militares a continência regulamentar e, em face do estabelecimento no parágrafo único do art. 232 do Regulamento de Continências, ordenando-lhes a conservação apenas na posição de sentido;

Que esses militares, por ocasião da apresentação dos símbolos nacionais e em relativo contraste com as manifestações de respeito com que a consci-

ência cívica da população acolhe as Bandeiras Nacionais, conduzidas pelos colégios e entidades atléticas, bem como, ao Hino Pátrio cantado ou executado por bandas de música cívica, em ocasiões de indiscutível solenidade e de remarcada exaltação patriótica, deixam também de fazer a continência militar, baseados nas disposições do Regulamento de Continências, consultam:

Se devem os militares prestar a continência à Bandeira, mesmo quando conduzida por entidades cívicas, desportivas ou colegiais, em marchas, desfiles ou cortejos de manifestações de civismo e nas demonstrações patrióticas, promovidas ou permitidas pelas autoridades competentes; Se, igualmente, terá direito à continência, o Hino Nacional quando executado por conjunto instrumental não militar, nos momentos e circunstâncias acima indicadas;

Se, ainda em circunstâncias idênticas, quando o Hino em execução vocal, for precedido de introdução instrumental feita por banda militar, ou não, devem os militares fazer o gesto da continência a essa introdução e desfazê-lo tão logo se inicie a parte cantada.

Em solução, declaro que em todos os casos apontados na consulta retro os militares do Exército devem proceder rigorosamente de acordo com o preceituado nos números 9, 14, 15, 16, 17, 230 e 232 do Regulamento de Continências, Honras e Sinais de Respeito das Forças Armadas e, nos casos omissos, que porventura se apresentem, procederão os militares de terra, quando isolados, de conformidade com a praxe consuetudinária de acatamento respeitoso aos símbolos nacionais.

(Aviso n. 2.789, de 24 — D.O. 27-10-942).

HOSPITAL MILITAR (classe).

— Atendendo ao que expõe o diretor de Saúde do Exército em ofício n. 2.359, de 11 do corrente, é elevado à 2.ª classe o Hospital Militar de Natal. (Aviso n. 3.016, de 18 — D.O. de 20-11-942).

INCORPORAÇÃO DE SORTEADOS (apresentação).

As datas de apresentação e incorporação, no corrente ano, dos sorteados da 1.ª Zona Militar convocados em 1.ª chamada, ficam transferidas para as que forem oportunamente fixadas pelo Ministro do Estado da Guerra.

Os sorteados do contingente suplementar correspondente a essa 1.ª chamada ficam considerados, desde já, reservistas de 3.ª categoria.

Os sorteados da 1.ª chamada, a que se refere o artigo anterior receberão, antes de serem incorporados, instrução em Centros de Preparação Militar, juízo do Ministro de Estado da Guerra.

(Decreto-Lei n. 4.929, de 6 — D.O. de 9-11-942).

INSUBMISSOS INDULTADOS (incorporação).

— Em face do elevado número de insubmissos indultados que teem sido mandados apresentar ultimamente aos Corpos e Formações de Serviços e considerando:

- a) que a instrução normal nesses Corpos e Formações acha-se encerrada;
- b) que pela Nota Circular Reservista número 694-521, de 22 de setembro de 1942, ficou estabelecido que a instrução do contingente de conscritos seja dada nos Centros de Preparação Militar (C.P.M.);

Os comandantes de Região Militar deverão adotar as seguintes medidas:

1. Todos os insubmissos indultados pelo decreto n. 4.223, de 2 de abril de 1942, serão relacionados e aguardarão em seus domicílios a chamada nominal oportuna para fins de instrução;
2. Os insubmissos já incorporados, bem como as praças que não foram julgadas mobilizáveis nos diferentes Corpos e Formações de Serviços, de-

Produtos Químicos Para Indústrias



Ácido clorídrico, nítrico e sulfúrico (puros e comerciais)
— Ácido sulfúrico para acumuladores (puro e diluído)
— Ácido sulfúrico para análise de leite — Alúmen de potássio — Amoníaco — Benzina retificada — Bióxido de manganês — Carbonatos — Cloretos — Enxofre — Essência Terebintina — Eter de petróleo — Eter sulfúrico — Glicerina — Litargírio — Naftalina — Nitratos — Oleos sulfuricados de amônio e de sódio — Percloreto de ferro — Solução "Júpiter" (para envenenar couros) — Sulfatos (puros e comerciais) — Tintas para marcar carne — Zarcão, etc., etc.

PRODUTOS QUÍMICOS "ELEKEIROZ" S. A.

RUA S. BENTO, 503

São Paulo

Caixa Postal, 255

Representante no Rio de Janeiro:

POLTO & ROUVIERE LTDA.

Rua General Camara, 60

Caixotaria Brasil Ltda.



RUA GENERAL CAMARA 313

Rio de Janeiro

Srs. Oficiais! Ide viajar?

Procurai a "Caixotaria Brasil"

Trabalha 90 % para militares

Centenas de atestados.

Engradamento de moveis, cristais, louças etc.

Encarrega-se de embarque e despacho

Orçamento sem compromisso

Rua General Camara, 313

Fone 43-4339

NOIVAS

ENXOVAL
15 peças
por 78 \$
95

A' NOBREZA 95

URUGUAYANA

LUTZ, FERRANDO & CIA. LTDA.

Rio de Janeiro

Casa Matriz.

88, Rua do Ouvidor, 88

Nova Filial:

Av. Copacabana, 576



verão ser submetidos a uma instrução intensiva, de modo a permitir que, a partir do primeiro dia útil de janeiro próximo, na 1.^a Zona Militar (primeiro dia útil de março na 2.^a Zona; primeiro dia útil de fevereiro na 3.^a Zona), não existam tais praças não mobilizadas nos Corpos e Formações citados. Se a partir das datas referidas ainda houver praças não mobilizáveis, estas serão transferidas para os Centros de Preparação Militar e incluídas no respectivo contingente.

(Aviso n. 2.784, de 23 — D.O. de 26-10-942).

INCORPORAÇÃO DE SORTEADOS (apresentação).

— As datas de apresentação e incorporação, no corrente ano, dos sorteados da 1.^a Zona Militar convocados em 1.^a chamada, ficam transferidas para as que forem oportunamente fixadas pelo Ministro de Estado da Guerra.

Os sorteados do contingente suplementar correspondente a essa 1.^a chamada ficam considerados, desde já, reservistas de 3.^a categoria.

Os sorteados da 1.^a chamada, a que se refere o artigo anterior receberão antes de serem incorporados, instrução em Centros de Preparação Militar, a juízo do Ministro de Estado da Guerra.

Dec.-lei n. 4.929, de 6 — D.O. de 9-11-942.)

INSUBMISSOS INDULTADOS (incorporação).

— Em face do elevado número de insubmissos indultados que teem sido mandados apresentar ultimamente aos Corpos e Formações de Serviços, e considerando:

a) que a instrução normal nesses Corpos e Formações acha-se encerrada;
b) que pela Nota Circular Reservada n. 694-521, de 22 de setembro de 1942, ficou estabelecido que a instrução do contingente de conscritos seja dada nos Centros de Preparação Militar (C.P.M.);

os comandantes de Região Militar deverão adotar as seguintes medidas:
1. Todos os insubmissos indultados pelo decreto n. 4.223, de 2 de abril de 1942, serão relacionados e aguardarão em seus domicílios a chamada nominal oportuna para fins de instrução;

2. Os insubmissos já incorporados, bem como as praças que não foram julgadas mobilizáveis nos diferentes Corpos e Formações de Serviços, deverão ser submetidos a uma instrução intensiva, de modo a permitir que, a partir do primeiro dia útil de janeiro próximo, da 1.^a Zona Militar (primeiro dia útil de março na 2.^a Zona; primeiro dia útil de fevereiro na 3.^a Zona), não existam tais praças não mobilizadas nos Corpos e Formações citados. Se a partir das datas referidas ainda houver praças não mobilizáveis, estas serão transferidas para os Centros de Preparação Militar e incluídas no respectivo contingente.

(Aviso n. 2.784, de 23 — D.O. de 26-10-942.)

JUSTIÇA MILITAR (crimes).

— Passam à competência da Auditoria da 8.^a Região Militar os crimes praticados no território da 10.^a Região Militar (Estados do Maranhão, Piauí e Ceará).

A Auditoria da 7.^a Região Militar, em cuja jurisdição estava aquele território, concluirá os processos em que tenha sido iniciada a formação da culpa e remeterá os demais à Auditoria da 8.^a Região Militar.

Fica criada a Auditoria da 6.^a Região Militar com jurisdição cumulativa no Exército, Marinha e Aeronáutica.

Deverá ser aproveitado nessa Auditoria o auditor em disponibilidade existente na Justiça Militar.

A Auditoria da 7.^a Região Militar continuará a julgar os processos oriundos da 6.^a Região Militar até a instalação da sua Auditoria, quando lhe

remeterá aqueles em que ainda não tenha sido iniciada a formação da culpa, bem como o arquivo da extinta Auditoria da 6.^a Região Militar.
(Dec.-lei n. 4.850, de 21 — D.O. de 23-10-942.)

JUSTIÇA MILITAR (licença).

— Na Justiça Militar, as licenças serão concedidas pelo Ministro da Guerra ao Procurador Geral e este aos demais membros do Ministério Público.
(Dec.-lei n. 4.875, de 23 — D.O. de 28-10-942.)

MAPA DE CONTINGENTE (aprovação).

— Aprova o mapa do contingente a ser fornecido pelos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, para incorporação no primeiro dia útil do mês de fevereiro de 1943, enviado pela Diretoria de Recrutamento, em ofício n. 242-R-2, de 10 do corrente mês.
(Aviso n. 2.777, de 23 — D.O. de 26-10-942)

MILITARES TRANSFERIDOS (transporte).

— Os transportes de militares isolados do e para o nordeste devem fazer-se pela via S. Francisco (Pirapora-Petrolina), até a normalização dos transportes marítimos.
(Aviso n. 2.924, de 7 — D.O. de 11-11-942.)

OFICIAL TRANSFERIDO (solução de consulta).

— Em ofício n. 363 — Tes., de 29 de maio findo, consulta o Sr. chefe do Estado Maior do Exército, para os efeitos do art. 80 do C.V.V.M.E., a partir de que data se deve considerar definitivamente afastado da unidade o oficial transferido: se da data da exclusão do estado efetivo, da do afastamento definitivo da função que vinha exercendo, ou ainda da do ajuste de contas.

Em solução, declarou o Sr. Ministro:

O cargo ou função somente é considerado vago quando o seu detentor for dele afastado em caráter definitivo.

Este afastamento processar-se-á de acordo com o disposto no art. 22, do decreto-lei n. 3.752, de 23 de outubro de 1941 (Lei de Movimento dos Quadros). Quando o oficial transferido ou nomeado para outra comissão tiver que permanecer à frente da função que vinha exercendo, a sua permanência será devidamente justificada em boletim que a publicar e a sua não exclusão do estado efetivo não poderá permitir que se declare vago o cargo ou função por ele exercido.

Uma vez desembaraçado do cargo, será imediatamente excluído do estado efetivo, processando-se a substituição com as vantagens previstas no artigo 80 do C.V.V.M.E. para o substituto, mesmo que o substituído, como adido, fique vinculado à unidade ou repartição, para ultimar medidas complementares necessárias à efetivação do ato determinante da transferência ou nomeação.

(Aviso n. 2.853, de 30-10 — D.O. de 3-11-942.)

PENSÃO DE MONTEPIO (solução de consulta).

— Em radiograma n. 74-C, de 17 de setembro último, à Diretoria de Fundos do Exército, consulta o chefe do Serviço de Fundos da 2.^a Região Militar se o oficial, cuja família se achava no gozo de pensão de montepio por ter o mesmo perdido a patente em virtude de condenação, é obrigado a pagar as importâncias correspondentes à pensão recebida pelos herdeiros, de vez que, em face de absolvição posterior, venha a perceber, de acordo com o art. 42 do C.V.V.M.E., os vencimentos que não lhe foram pagos durante o período da prisão.

Em solução, declara que na situação prevista terá o oficial de pagar as importâncias recebidas por sua família, a título de pensão de montepio, e,

também, de descontar as contribuições mensais de montepio do período em que lhe vier a ser reconhecido o direito aos vencimentos da respectiva patente, em virtude da absolvição.

(Aviso n. 2.738, de 20 — D.O. de 22-10-942.)

QUADRO DO CORPO DE INTENDENTES (promoção).

— É promovido ao posto de Coronel, respeitadas as disposições dos artigos 6.^o e 8.^o, alíneas *b*, *c* e *d* do decreto-lei n. 1.828, de 1 de dezembro de 1939, o Tenente-Coronel número um do respectivo Quadro do Corpo de Intendentes, desde que tenha mais de 35 anos de serviço.

O Coronel promovido em consequência do disposto no artigo anterior, é imediatamente transferido para a reserva, com as vantagens previstas em lei.

(Dec.-lei n. 4.931, de 6 — D.O. de 9-11-942.)

QUADRO DE RADIOTELEGRAFISTAS (inclusão).

— Consulta a Diretoria de Engenharia como proceder para a inclusão no Quadro de Radiotelegrafistas do Exército dos alunos com o Curso C da Escola de Transmissões, e nele matriculados em virtude do que dispõe o art. 66 do Regulamento daquela Escola.

Em solução, declaro que doravante somente cabos devem ser matriculados no curso C na conformidade do art. 66 do Regulamento da Escola de Transmissões.

Os terceiros sargentos já matriculados naquele curso poderão ingressar no Q.R.E. no seu posto, se houver vaga, e abaixo dos terceiros sargentos já pertencentes ao Quadro.

Os segundos sargentos matriculados no Curso C em virtude das disposições do citado art. 66, devem ser desligados da Escola e mandados recolher às suas unidades.

(Aviso n. 2.919, de 7 — D.O. de 11-11-942.)

QUARTEL GENERAL REGIONAL (organização).

— O Quartel General da 10.^a Região Militar tem organização e efetivo idêntico ao Quartel General da 6.^a Região Militar.

(Dec.-lei n. 4.903, de 31-10 — D.O. de 5-11-942.)

REGIÃO MILITAR (comando).

— O comando da 6.^a Região Militar, com sede em Salvador, Estado da Bahia, é privativo do posto de general de brigada, revogadas as disposições em contrário.

(Dec.-lei n. 4.907, de 31-10 — D.O. de 5-11-942.)

RESERVISTAS CONVOCADOS (apresentação).

— Fica prorrogado por 60 dias o prazo para a apresentação de reservistas convocados, alunos de escolas superiores de ensino.

(Aviso n. 2.751, de 21 — D.O. de 23-10-942.)

SARGENTOS IDENTIFICADORES (distintivo).

— Aprovo o distintivo para uso dos sargentos identificadores que possuem o respectivo curso feito no Serviço de Identificação do Exército, com as seguintes características: — Distintivo da especialidade, em metal branco, enlaçado por uma coroa de louros, sobreposta a um círculo estrelado e um losango que representam o centro da Bandeira Nacional. Dimensões: 0,67 x 0,031.

Deve ser usado acima do bolso do lado direito.

(Aviso n. 2.704, de 17 — D.O. de 20-10-942.)

RUPTURITA

ALTO EXPLOSIVO BRASILEIRO

Patente de: **ALVARO ALBERTO**

Oficial da Marinha e Professor de Explosivos na Escola Naval

SOCIEDADE BRASILEIRA DE EXPLOSIVOS RUPTURITA, S. A.

RUPTURITA HIDRAULICA

Considerada pela E. F. Central do Brasil como explosivo de 1.^a classe, com rendimento equivalente, ou superior ao das melhores dinamites estrangeiras e comparável ao da própria "blasting gelatine" Nobel: adequada ao trabalho em rochas duríssimas e desmontes sob água.

ESCRITÓRIO:

Avenida Rio Branco, 137

Calxa Postal, 2321

Telefone: 23-2739

8.^o and., Salas, 819-820 — Edifício GUINLE

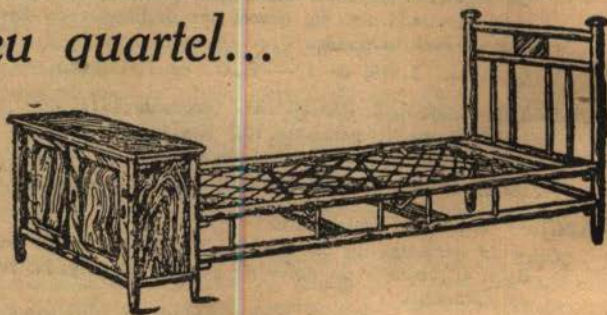
Códigos Ribeiro, Bentleys e Mescote, 2.^a

Endereço Telegráfico: "RUPTURITA"

RIO DE JANEIRO

Para o seu quartel...

Prefira
a



CAMA PATENTE

LEGITIMA SO COM A *faixa azul!*

Indústrias "CAMA PATENTE - L. LISCIO" S. A.

RIO — RUA FIGUEIRA DE MELO, 307 — SÃO CRISTOVAM

RIO — Loja: Rua 7 de Setembro, 177
S. PAULO — Rua Rodolfo Miranda, 97
B. HORIZONTE — Rua Espírito Santo, 310
Pelotas — Rua 15 de Novembro, 626
Porto Alegre — Rua dos Andradas, 1.205

BAIA — Praça Tupinambá, 3
RECIFE — Rua Dr. José Mariano, 228
RECIFE — Loja: Rua da Imperatriz, 118
Fortaleza — Rua Floriano Peixoto, 794
Belém — Pará — Rua Sen. Barata, 135

SARGENTOS PROMOVIDOS (apresentação).

— Devem ser mandados apresentar, com urgência, nas unidades a que pertencem, todos os sargentos promovidos para preenchimento de claros nessas unidades.

(Aviso n. 2.783, de 23 — D.O. de 26-10-942.)

SARGENTOS DO Q. DE INSTRUTORES (Etapa).

— O chefe do Serviço de Furdos da 4.^a Região Militar, em radiograma n. 756-SR 1, de 20 de agosto último, consulta se os sargentos do Quadro de Instrutores têm direito à etapa suplementar, prevista no art. 162 do C.V.V.M.E., e resolução contida no Aviso n. 3.877, Etp. 3, de 15 de outubro de 1940, em vista de mencionarem entre as condições necessárias ao direito à sua percepção, a de se acharem prontos em suas funções nas Unidades, Repartições e Estabelecimentos a que pertençam, por força da distribuição do quadro de efetivos.

Em solução, declaro que os referidos sargentos têm direito àquela vantagem desde que estejam no exercício de suas funções próprias.

(Aviso n. 2.985, de 13 — D.O. de 16-11-942.)

SEDE DE COMANDO DE D.I. (transferência):

— E' transferida, de Natal (Rio Grande do Norte) para João Pessoa (Estado da Paraíba do Norte), a sede do Comando da 14.^a Divisão de Infantaria (14.^a D.I.).

E' transferida, de Recife (Estado de Pernambuco) para Maceió (Estado de Alagoas), a sede do Comando da Infantaria Divisionária da 7.^a Divisão de Infantaria (I.D./17).

(Decs.-leis n. 4.908 e 4.90, de 31-10 — D.O. de 5-11-942.)

SEDE DE CORPOS DE TROPA (transferência)

— E' transferida do Ceará-Mirim (Estado do Rio Grande do Norte) para Campina Grande (Estado da Paraíba do Norte), a sede do 40.^o Batalhão de Caçadores.

— O 35.^o Batalhão de Caçadores tem sede em Bragança (Estado do Pará).

— E' mandado instalar, desde já, com sede em Natal, a 14.^a Companhia Independente de Transmissões (decreto-lei n. 4.905, de 31 de outubro de 1942), transferindo-se, para a constituição da nova unidade os quadros e a tropa e todo o material da 2.^a Companhia de Transmissões do Batalhão "Vilagrã: Cabrita", destacada naquela capital.

(Avisos ns. 2.941 a 2.943, de 11 — D.O. de 13-11-942.)

— E' mandado instalar o 40.^o Batalhão de Caçadores (Campina Grande) com o pessoal (quadro e tropa) e materiais ora pertencentes ao 22.^o Batalhão de Caçadores, tudo mediante transferências, a cargo das Diretorias das Armas e de Serviços correspondentes.

— E' mandado instalar já na sua sede definitiva o 4.^o G.M.A.C.

— E' mandado reconstituir nesta Capital, na sede do Corpo e com efetivo e material, a 2.^a Companhia de Transmissões do Batalhão "Vilagrã: Cabrita", a qual deu lugar à 7.^a Companhia Independente de Transmissões (Natal).

(Avisos ns. 2.949, 2.949 e 2.951, de 11 — D.O. de 13-11-942.)

— E' transferida de Campina Grande (Estado da Paraíba do Norte) para Maceió (Estado de Alagoas), a sede do 22.^o Batalhão de Caçadores (22.^o B.C.).

— E' transferida, de Recife para Olinda, no Estado de Pernambuco, a sede do 7.^o Grupo de Artilharia de Dorso (7.^o G.A.Do.).

(Decs.-leis ns. 4.910 e 4.911, de 31-10 — D.O. de 5-11-942.)

SERVIÇO CENTRAL DE TRANSPORTE (subordinação).

— O Serviço Central de Transportes (S.C.T.) passa a ser subordinado à Secretaria Geral do Ministério da Guerra.
(Aviso n. 3.304, de 17 — D.O. de 19-11-942.)

SERVIÇO DE INTENDÊNCIA (Fernando de Noronha).

— O "Diário Oficial", n. 265, de 16-11-942, pág. 16.747, publica as Instruções para o Serviço de Intendência do Destacamento Misto de Fernando de Noronha (Portaria n. 3.940, de 14-11-942.)

TEMPO DE ARREGIMENTAÇÃO (contagem).

— Os aspirantes a oficial que se deslocaram desta Capital a 5 de outubro último para o Norte (6.^a, 7.^a e 8.^a R.M.), por via marítima, no comboio militar, contam como arregimentado o tempo passado a bordo, entre o porto do Rio de Janeiro ao de destino, visto terem sido aproveitados, como se efetivos fossem, nas unidades de tropa enviadas para o Norte no referido comboio.

Os comandantes destas unidades devem, com urgência, notificar aos das Regiões a que pertencem os citados aspirantes as alterações de serviços por estes prestados, nominalmente, para os efeitos do presente aviso e a necessária averbação nos seus assentamentos.

(Aviso n. 2.923, de 7 — D.O. de 11-11-942.)

TOMADA DE CONTAS (Instruções).

— Aprovo as Instruções para a Tomada de Contas das Unidades Admi-

Os Melhores Apartamentos nos Mais Aristocráticos Bairros

- Compro e vendo Prédios e
- Terrenos — Negócio direto
- Administração Predial

PLANOS E INCORPORAÇÕES

Escritório Técnico e Imobiliário

Dr. Oliveira Penna

Av. Almirante Barroso, 90 - 9.º Pavimento

Sala 913 - Fone: 42-3633

Rio de Janeiro

nistrativas pelos Serviços de Fundos Regional, bem assim o Modelo para os respectivos mapas.

(Aviso n. 2.879, de 4 — D.O. de 7-11-942.)

TRÂNSITO DE OFICIAIS (estabelece).

— Declara que o trânsito para oficiais seguirem a destino, uma vez transferidos, classificados, nomeados para comissões ou por conclusão de cursos, fica estabelecido em 15 (quinze) dias.

Em consequência, fica revogado o Aviso n. 2.155, de 18 de agosto do corrente ano.

TROPAS DOS Q.G. (comando).

— A função de Comandante da Tropa dos Quartéis Gerais será exercida por um ajudante de ordens da autoridade militar a que estiver subordinada a referida tropa.

(Aviso n. 2.918, de 7 — D.O. de 11-11-942.)

UNIDADES DE NOVA CRIAÇÃO (material).

— As unidades de nova criação devem dispor, nas respectivas sedes, no dia fixado para início de sua instalação, de todo o material previsto nos quadros (e tabelas) de dotações que lhes são próprios, dispensada qualquer ordem ou recomendação particular para a distribuição e envio desse material. Providenciar-se-á, igualmente, para que essas mesmas unidades, naquela data, possam dispor dos quantitativos indispensáveis à sua vida administrativa, na conformidade das propostas de distribuição, ao cargo das Diretorias técnicas competentes.

(Aviso n. 2.969, de 12 — D.O. de 14-11-942.)

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

“Anais da Associação dos Criadores de Cavalos”, n. 10
— Julho de 1942, Rio Grande do Sul.

“Revista del Suboficial”, n. 283 — Setembro de 1942,
Argentina.

“Revista Militar”, n. 6 — Junho de 1942, Portugal.

“Arquivo de Direito Militar”, n. 1 — Maio a agosto de
1942, Rio.

“Exército”, ns. 77-78 — Maio e junho de 1942, Cuba.

CASA SANO S. A.

Tem a honra de comunicar que acaba de inaugurar uma secção modernizada para a fabricação de postes de concreto armado, vibrado, para luz e força.

Está, assim, aparelhada para poder fornecer postes de todos os tipos e cargas diferentes com comprimentos de 5,000 até 12,00m. — Consultem a nossa Secção Técnica, à

Rua Miguel Couto, 40 - Fone 23-4838 - Caixa Postal 1924 - Telegrs.: "SANOS"
RIO DE JANEIRO

Construções, Reconstruções e pinturas em geral

LUIZ FERNANDES

EMPREITEIRO

Rua Dr. Paulo Araújo, 35

Chamados pelo Tel. 29-3623

Rio de Janeiro

— ARMAZEM SÃO JOAQUIM —

ALBINO MICHEL

Mantimentos e Molhados Finos por atacados e a Varejo

Rua Magalhães Couto, 113

MEYER

TELEFONE 29-1912

PADARIA ESMERO

PANIFICAÇÃO

JOSÉ PEREIRA MORAES

Rua São Cristovão, 540

AO GUILHERME TELL

THEODORO REYHNER

Rua da Quitanda, 45 — Tel. 23-48-01 — RIO DE JANEIRO

Tinge-se e lava-se todas as qualidades de fazendas de seda, de lã e de algodão em peça e em obra, qualquer que seja a côr; tira-se-lhes o môfo

Fabrica: Telefone 28-3770 — Rua São Francisco Xavier, 321

A DOMESTICA

A. Fonseca & Lucas

Obras de folha e todos os artigos de cosinha

Telegr.: Domestica: — Telefone 43-1026

Rua Sant'Anna, 133

Rio de Janeiro

ALFAIATARIA DA MODA

Variado sortimento de Casemiras Nacionais e Estrangeiras, Brins de linho, etc.

F. TRIGO

VENDAS A DINHEIRO

Telefone 42-2196

Rua Riachuelo, 419 — RIO DE JANEIRO

Redação e Administração:
QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO
Rio de Janeiro — Telefone: 43-0563

EXPEDIENTE

Diariamente das 14 às 18 horas.
O Gerente é encontrado diariamente das 14 às 17 horas.

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES

"A Defesa Nacional" mantém uma secção de informações destinada a atender aos Snrs. Socios e Assinantes que servem fóra da guarnição do Rio-de-Janeiro.

a) Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sobre interesses pessoas ou militares.

b) Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objetos na praça do Rio-de-Janeiro.

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Diretor: Cel. Orozimbo Martins Pereira
Diariamente — das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

CORRESPONDENCIA

Tôda a correspondência relativa à Gerência deve ser remetida para a Caixa Postal 32, Ministério da Guerra. As colaborações deverão ser endereçadas ao Ten.-Cel. Lima Figueirêdo, Caixa Postal, Ministério da Guerra.

PREÇOS

Officiais e sub-tenentes	}	ano	30\$000
		semestre	15\$000
Sargentos.....	}	ano	25\$000
		semestre	14\$000

Os assinantes avulsos, caso desejem que a revista siga registrada, e os assinantes do estrangeiro, devem pagar mais 2\$400 por semestre.

Os officiais que desejarem ser socios de "A Defesa Nacional", deverão pagar uma joia de 50\$000 de uma só vez ou em diferentes prestações durante um ano comercial.

Colaboram neste número:

Cel. T. A. Araripe

Cel. J. B. Magalhães

Ten.-Cel. F. L. Brayner

Ten.-Cel. Alencar Lima

Major Olimpio Mourão Filho

Major Alberto Ribeiro Paz

Cap. Umberto Peregrino

Cap. Hugo M. Bethlem

Cap. Luiz Alberto da Cunha

Vitor José Lima

Arnaldo Gonçalves Pires



Cr\$ 4,00